

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



ANO 2 - N. 6

15 ABRIL 1932

REVISTA NOVA

DIREÇÃO DE PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E
ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

GERENCIA DE NELSON PALMA TRAVASSOS

VISCONDE DE TAUNAY

AUGUSTO MEYER

E. ROQUETTE PINTO

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

ALFREDO ELLIS (JUNIOR)

MARIO DE ANDRADE

EXCERPTOS DO "DIARIO"

POEMAS

FRAGMENTO DO "FAUSTO"

O ENTERRAMENTO DE SEU ERNESTO

POPULAÇÕES PAULISTAS (V)

MENINA DE OLHO NO FUNDO

Cronicas

PEDRO DANTAS — PERSPETIVAS

PIERRE GUÉGUEN — LASAR SEGALL, PINTOR DO BRASIL

Etnografia

RODRIGUES DE CARVALHO — LINGUA NACIONAL (III)

Notas

de

MARIO DE ANDRADE, LEOCADIO PEREIRA E ORESTES
GUIMARAES

Brasiliana — Resenha

RUA XAVIER DE TOLEDO N. 72

SÃO PAULO

REVISTA NOVA

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

(fevereiro, abril, junho, agosto, outubro e dezembro)

DIRETORES: PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E ANTÓNIO
DE ALCÂNTARA MACHADO

GERENTE: NELSON PALMA TRAVASSOS

Redação e administração:

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72

TELEFONE: 4-7547

SÃO PAULO

| | |
|----------------------------|---------|
| ASSINATURA ANUAL | 28\$000 |
| (remessa registrada) | |
| NUMERO AVULSO | 5\$000 |

REVISTA NOVA

NÃO SE RESPONSABILIZA PE-
LAS IDEAS DE SEUS COLA-
BORADORES QUE GOZAM DA
MAIS AMPLA LIBERDADE DE
OPINIÃO E CRÍTICA

ESTÃO AUTORIZADOS A
ANGARIAR ASSINATURAS:

LIVRARIA
JOSÉ OLÍMPIO
RUA DA QUITANDA
SÃO PAULO

PLÍNIO DOYLE
RUA DO OUVIDOR N. 59, 2.º
RIO DE JANEIRO

JOÃO MENDONÇA
RUA D'AURORA N. 237
RECIFE
PERNAMBUCO

ANO 2

15 ABRIL 1932

N. 6

REVISTA NOVA

Direção de Paulo Prado, Mario de Andrade e
Antônio de Alcântara Machado

Gerencia de Nelson Palma Travassos

VOLUME 2.^o

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72
SÃO PAULO

Excerptos do «Diario» do Visconde de Taunay

A' REVISTA NOVA tenho o prazer de ofertar estas páginas de meu Pai, respingando nos cadernos de seu Diario sobretudo o que se refere ás relações que em 1889 manteve com o Imperador D. Pedro II.

Pela pessoa de Pedro II professava o Visconde de Taunay a mais profunda admiração, sentimento que lhe vinha da infancia e sempre acendrado desde os primeiros contatos com o monarca.

Era-lhe esta feição bastante de procedencia atavica, pois seu Pai, um dos preceptores do imperante, passara durante quarenta anos a ser o constante e fiel amigo do Soberano, seu antigo aluno e de várias disciplinas. E igualmente dedicara as veras de um apreço extraordinario ás faculdades intellectuais e ao caracter do augusto discipulo, que aliás, numerosas vezes, e publicamente, lhe retribuia tal expressão de elevadissima estima.

Em Pedro II via o Visconde de Taunay não só o homem de rara cultura, servida por

larga intelligencia e prodigiosa memoria. O que nele de mais notavel enxergava vinha a ser a estatura moral.

No Bragança magnanimo percebia um dos mais acabados tipos representativos da grandeza humana. Tinha-o como a encarnação a mais eminente do patriotismo e da honestidade, da retidão e do amor a tudo quanto é nobre e belo.

Jamais de sua parte houve cortezania na exteriorização dêstes sentimentos e sim apenas a expansão do entusiasmo e da sinceridade.

Se a D. Pedro II, reinante, frequentes vezes se dirigira em laudatoria frase, de D. Pedro de Alcantara, destronado, pobre, semi-solitario e exilado, muito mais arroubadamente falou numa época em que o dinasta deposto contava restrito número de amigos.

Pouco dêstes houve tão constantes e pertinazes quanto o cortezão da desgraça, autor destas páginas.

As notícias da superioridade imensa com que Pedro II suportara "o rigor da iniqua sorte" e a perda "do trono e magestade quando a dois passos só se sentia da Morte" comoviam ao último ponto e deslumbravam o seu já tão acendrado admirador. E êste sentimento provocava a contínua proclamação de um espanto imenso causado pelo espetaculo de tamanha grandeza d'alma muito acima de qualquer expectativa.

A morte do grande Bragança causou-lhe a mais acerba dôr. Ouvi-o soluçar longo e longo tempo, á tarde de 5 de dezembro. E vi-o

imerso, dias e dias a fio, na mais negra melancolia.

Pouco tempo antes da morte, disse-me no tom da mais profunda convicção: "Não sei se te caberá a grande felicidade que tive: a convivencia proxima e prolongada com homens de imensa elevação como o Imperador e o Visconde do Rio Branco, tipos verdadeiramente grandiosos".

Nas páginas que aqui seguem ha tambem diversos depoimentos interessantes sôbre as tentativas malogradas para a organização do último ministerio conservador, em junho de 1889, assim como os informes do Barão de Jaceguai sôbre a partida da Familia Imperial para o exilio, etc.

Tão escassos são os documentos do genero dêste no nosso acervo tradicional, que supponho causem as páginas que aqui ficam certo interesse ao público que ama as coisas do Brasil.

AFFONSO DE E. TAUNAY

S. Paulo, 22 de março de 1932.

ANO DE 1889

MÊS DE MARÇO

Petropolis :

4) A' noite, baile do Bragança, durante o qual muito conversou o Imperador comigo sôbre literatura francesa e inglesa. Deitei-me ás 2 horas da madrugada.

5) De manhã estive com o Imperador nas duchas e ele me disse: “Creio que tenho fraqueza de cerebro, porque agora, quando durmo, é sem sonhos — não é como outróra. Chegava até a ser sonambulo”.

Escrevi varias cartas para o Paraná e Santa Catarina e ás 2 1|2 fui, com Cristina e Alice, ao baile das crianças no Hotel Bragança, onde conversei quasi todo o tempo com o Imperador. Passei á tarde com o Rebouças (1) e D. Pedro Augusto. (2)

11) A’ tarde, conversámos, na estação, largamente com o Imperador, sôbre Uruguaiana e a guerra do Paraguai, demonstrando S. M. otima memoria dos fatos mais miudos.

14) Fui ao cortejo anunciando-me o Imperador a partida do Conde d’Eu para Santos, hoje mesmo á tarde, como de fato aconteceu. O Principe partiu ás 3 1|2 horas da tarde para Santos e Campinas, havendo na estação despedidas muito chorosas com a Princesa Imperial e filhos.

17) Quando a 16 de Março o Imperador me annunciou muito alegre a partida do Conde d’Eu, repliquei logo: “E’ muito de aplaudir, pois assim se sai do egoismo de Petropolis”. Aludi, não só á imunidade que nos tem dado o clima saudavel desta Cidade, como ás festas da quermesse, que sempre reprovei.

21) Tempo humido e chuvoso. Assim mesmo fui de manhã á ducha. O Imperador deixou de ir, por estar com grande defluxo. Não appareceu tambem á tarde na Estação.

25) O Imperador desceu para a Côrte só. Encontrei-o de volta da ducha. A’ noitinha, tendo ido visitar o principe D. Pedro tive o aborrecimento de ser recebido á porta por um criado, que me deu o mesmo recado de anteontem, o que considero méro

(1) André Rebouças, o illustre engenheiro e filantropo, intimo amigo do Visconde de Taunay.

(2) D. Pedro Augusto de Saxe Goburgo Gotha, neto de D. Pedro II.

pretexto, dando-me portanto por ofendido. Ha de ouvir boas verdades o menino! Com o Rebouças estive comentando, em regra, o caso, e outros assuntos politicos bastante desagradaveis. Sobre eles muito me ocupára de dia com o Nabuco, Rebouças, Patrocinio e Antonio Carlos.

26) Ducha de manhã apesar do frio e da chuva. Recepção ruidosa do Conde d'Eu, que fomos, eu e o Rebouças, esperar na estação ás 2 1|2 horas.

Propôs o Dr. Castro Lopes em vez de *pic-nick* o neologismo *convescote*, de *convivis* e *escote*. Em vez de *lunch* estabelece *merenda*.

Soubemos pelo barão de Maia Monteiro que o principe D. Pedro já estava de pé, mas muito nervoso. Tudo isto é muito singular acreditando o Rebouças que provém da intimação feita por... de não nos receber mais, o que parece bem plausivel.

27) Na Estação, á espera do trem tivemos conversa interessante com o Imperador, a principio sôbre crenças e salvação eterna. Citei a S. M. as suas palavras á Imperatriz no dia do entêrro do seu estimado e antigo professor de alemão, Lietpold. "Pena que tivesse sido protestante", observou a Imperatriz. "Pois então, replicou ele, por esta razão meu bom Lietpold ha de ir para o Inferno?" Falámos depois em Lacordaire, Didon e Deguerry.

A conversa em seguida tomou outro rumo e falámos dos grandes mentirosos. O Imperador contou duas anedotas engraçadas, uma do semanario... que se salvára de um naufragio agarrando-se a moringas que boiavam, outro do... que vira uma onda arrebatá-lo, por ocasião de um temporal na fortaleza do Lage, uma guarita com os soldados dentro e outra repôr tudo em seu lugar.

Continua o misterioso retraimento do principe D. Pedro Augusto que temos procurado explicar, mas a respeito do qual estou oscilante, se obediencia a qualquer ordem, se ato de pro-

pria iniciativa por causa das nossas ideas adiantadas. A demora da publicação da ata da Sociedade Central no *Jornal do Comércio* tambem me está inquietando. Será indício de que queiram cercear-nos esse grande meio de publicidade? O momento atual é bem desagradavel e penoso com todas estas dúvidas.

28) Escrevi ao Conde d'Eu, enviando-lhe cópia da carta do Saturnino Gomes que recebi de Santos. Carta ao Sigwaldt de Superaguy.

29) A's 3 1/2 horas da tarde, indo visitar a Condessa da Estrêla, encontrei lá o Principe D. Pedro Augusto, com o qual tive explicação quasi violenta, a respeito do que se passára dias antes, quando o fomos visitar, achando recado de que, por doente do ouvido, não podia receber-nos. No meio da discussão, a condessa disse-me: "Tambem agora o Sr. não se mostra delicado", etc.

Na Estação conversei largo tempo com o Imperador sobre quadros e escola francesa.

MÊS DE ABRIL

6) Recebi do Luiz Guimarães o seguinte bilhete: "Meu glorioso Taunay, beijo-lhe as mãos pela gentil oferta do seu *Discurso*. E' um belo trabalho literario, como tudo o que sai da brilhante pena do romancista de *Mocidade de Trajano* e do extraordinario cronista da *Retirada da Laguna*. O seu juizo crítico sôbre Franklin Tavora é de uma concisão plutarquiiana e de uma eloquencia magistral. Bravo! Lisboa, 17 de Março de 1889".

8) Tive ontem grande alegria, lendo afinal os nomes dos Snrs.... entre os condecorados com o Oficialato da Rosa. Fomos á tarde visitar o... muito cheio da *distinção dada* pelo *Govêrno Imperial!* Curiosa humanidade! Curiosa a existencia!

Bem exprimiu êste sentimento Claude Larcher (*Mensonges*): "*Quelle comédie que la vie et quelle sottise d'en faire un drame!*" Recebi carta do... agradecendo os parabens que lhe mandei. Só os parabens?

10) Ontem, na estação, tivemos engraçada discussão sôbre significação do que era *Comunhão dos Santos*, mostrando-se o Imperador mais entendido do que todos nós. Concordou, entretanto, na necessidade da decretação do *Casamento civil*. Mostrou-se alheio a todos os artigos que tenho escrito, verificando-se mais uma vez o fato bem conhecido de que ele não lê, absolutamente, mais os jornais. No passeio habitual o principe D. Pedro Augusto falou-nos da desordem da Mordomia da Casa Imperial.

19) Sexta-feira santa. — Longa conferência com o João Alfredo sôbre mil assuntos — desanimos e queixas. Li com muito interesse o opusculo que me mandou o Cantani sôbre *Infezione*. O Imperador cada vez mais esquecido das cousas presentes e alheio aos assuntos politicos.

22) O Conde da Motta Maia hontem fez valer o fato de ter lido ao Imperador o meu artigo sôbre Casamento Civil, em que falei da intervenção imperial desde 1855. Disse-me ele que tudo fôra confirmado sem a menor hesitação.

28) Domingo. — Faz hoje o Conde d'Eu 47 anos. Ha 19 anos (1870) estavamos a bordo do *Galgo*, a chegar ao Rio de Janeiro. Nenhuma saudade daquele tempo e do periodo da Campanha da Cordilheira tristemente terminada para mim, após longos meses de decepções, aborrecimentos e verdadeiros conflitos com o Principe. Estive de dia com o Rebouças e ficámos combinados de ir á noitinha inscrever os nossos nomes no Paço Isabel. Como, porém, a tarde ficasse chuvosa e muito humida, não sai de casa.

29) Muito bela manhã. Fui á ducha e achei o Francisco (3) com bastante febre ainda. Na Estação o Impera-

(3) Dr. Francisco T. da Silva Telles, sobrinho do Visconde de Taunay.

dor conversou largamente e com excelente memoria dos filosofos francezes, de sua estada em Potsdam, onde ocupou o quarto habitado por Voltaire. Depois fomos com D. Pedro, tocando eu Offenbach.

30) De manhã entreguei ao Imperador o livro de Pierre Loti (*Japonneries d'automne*), de que lhe falara na vespera, por ocasião da palestra habitual. Nela disse ele, a mim e ao Rebouças, discutindo questões literarias e filosoficas: "Devo ao gosto que tenho aos classicos e á boa literatura a seu pai" repetindo aliás o que em outras ocasiões mais me dissera.

MÊS DE MAIO

1) Sai de casa ás 7 horas, tomei o trem, almocei na barca e cheguei á Rua Larga ás 10 horas menos 10. Tive lá a desagradavel noticia de que Mamãe, na missa do filho do Dr. de Simoni, déra uma quéda não pequena e se magoára bastante. Fui ao Senado, onde o Correia (4) me disse que obrigatoriamente eu havia de ser o ministro da agricultura do primeiro gabinete; conversei com Serro Frio, Barros Barreto e outros senadores e fui á comissão de inquerito a 1 hora, onde tive discussão calorosa, e quasi desagradavel, com o ... a respeito da gratificação que ele pedira para o...

Na estação encontrei o Rebouças e o Principe D. Pedro Augusto. Êste relatou que ao jantar Motta Maia perguntara ao Imperador se era verdade, o que eu contára no artigo de hoje, respondendo Sua Majestade: "Boa dúvida, tudo aquilo é a pura verdade", com o que se mostrou o principe muito satisfeito. Parecia estar impressionado, como aliás estava todo o Rio de Janeiro, com o telegrama relativo ao... o que constitue grande imprudencia.

(4) Conselheiro Manuel F. Correia.

3) Desci para a abertura da sessão legislativa, saindo de Petropolis ás 7 1/2. Almocei na barca e fui ao meio dia com o Herminio (5) ao Senado. Muito pouca gente; tribunas e galerias cheias. O Imperador fraco e com as pernas bambas. Leu a extensa Fala do Trono menos mal. Êste documento causou-me, como aliás a todos, impressão desagradavel pelo seu tom de carrancismo e fradesca aspiração. O Imperador, voltando eu da tribuna da Imperatriz, me disse ao passar: "Não gostou da Fala do Trono? Foi o melhor que se pôde fazer". Na escadaria ao descer falou novamente comigo nos seguintes termos: "Tenho lido os seus artigos; muito obrigado! tudo quanto o Sr. diz é exato." Ao que repliquei: "Costumo falar a verdade". — "E faz muito bem".

Fui antes da abertura, provocar explicação ao Ministro... sôbre uma nomeação para Joinville e postergação do nome do Dr.... que eu apresentara. Desculpou-se dizendo-me que Joinville ficava ao Sul, no distrito do Pinto Lima (Que ignorancia!). Eu lhe disse então na bochecha: "V. Excia. nada sabe de geografia", e voltei-lhe as costas. Troquei tambem palavras desagradaveis com o... e estive todo o dia aborrecido.

4) De manhã, saindo do Hotel da Vista Alegre, fui visitar no França o Paranaguá (6), que achei paralitico! Voltei de lá no *bond* e ás 9 horas e 10 estava na Rua Larga. Fui ao Senado, onde estive muito aborrecido. — Paulino, presidente com 22 votos. Cruzeiro, 12 votos governistas, coligação dos liberais com os conservadores dissidentes. Não houve sessão na Camara dos Deputados.

Na estação encontrei o Imperador que conversou sôbre fatos do dia. Disse-lhe que não gostára da Fala do Trono. "Mas porque?", perguntou ele. "Não traz informe algum sôbre casamento civil, nada diz da liberdade de cultos", etc. "Ora, replicou S. M., é preciso ir de vagar. Sou oportunista. Sôbre

(5) Dr. Herminio F. do Espirito Santo, mais tarde presidente do Supremo Tribunal Federal.

(6) Marquês de Paranaguá.

casamento civil já fizemos alguma cousa”. Fiquei positivamente pasmo de semelhante declaração. “Não gosto de intrigas, continuou ele; politicamente os fatos de hoje no Senado não me dão direção alguma”.

Quererá o Imperador armar o gabinete João Alfredo de uma dissolução? Fôra desmarcada imprudencia.

Vim a tal respeito conversando com o Rebouças, por termos perdido a condução.

6) Deixei de ir ao Rio de Janeiro. De manhã escrevi ao Azevedo Castro (7) longa carta, contando todos os fatos ocorridos e que tantos desgostos politicos me têm ultimamente dado.

Na estação tive com o Imperador uma conversa que muito me desanimou e contristou. Defendeu ele a Fala do Trono, declarando que o Casamento Civil não era medida indispensavel e outras asseverações, em tudo contrárias ao seu habitual criterio e até ás palavras e ao agradecimento que ele disséra e fizera a mim ao descer a escada do Senado.

—“A Fala do Trono está excelente”, repetiu ele varias vezes. “Comprida demais”, observei-lhe. “Não Senhor, não tem uma palavra dispensavel. E’ preciso refletir. Tive muito prazer em lê-la”. “Poderia ter adiantado um pouco mais; não ser tão retrógrada”. “Não concordo absolutamente, ali ha muitas medidas apontadas e que são muito progressistas”. Neste tema e em tom acalorado de quem está se zangando falou algum tempo. Contrariei-o sempre, respondendo a tudo. Não gostei; não gostei! *Quantum mutatus ab illo!*

7) Crise ministerial bastante séria. Não houve Senado.

8) *Statu-quo*. Choque desagradavel de palavras entre mim e o... que me disse: “Se você não pilhar desta vez uma

(7) Conselheiro dr. José Antonio de Azevedo Castro, Delegado do Tesouro Nacional em Londres, o maior amigo do Autor.

pasta, diga adeus a qualquer ministerio". Repliquei-lhe em tom azêdo.

9) Nenhuma alteração da crise, supunham todos o João Alfredo derrubado do poder, tanto que circulara o dito: "Todos são presidentes do conselho menos ele". O Corrêa muito cumprimentado e rodeado.

10) O Senado suspendeu a sessão á espera de explicação de qualquer ministro. A possibilidade da dissolução dada ao João Alfredo pôs murcha muita gente, dando grandes esperanças aos governistas. A situação é muito grave, fomentando os odios dos negros contra os antigos escravagistas e vice-versa. Voltei para Petropolis.

Petropolis:

12) Domingo. — Encontrando-me com o Imperador na rua Bragança, disse-me ele: "Porque é que os homens da *Gazeta*, de que o Sr. tanto gosta, me atacam sempre tão violentamente? Sei que são republicanos. Estão no seu direito atacando a instituição monarchica, mas não devem procurar ridicularizar o Chefe do Estado". E mudando de repente de assunto, pôs-se a falar no *Schiavo* e disse-me que estava pronto para fazer montar a peça. "Repare, Senhor, que serão necessários 40 contos." E ele todo risonho: "Não, com a bréca, isto não; não sou tão rico assim!"

13) Grandes festejos anniversarios da Lei n. 3353 da Abolição da escravidão. Deixei-me ficar em Petropolis, tendo aconselhado ao principe D. Pedro, que comparecesse ás festas. Estava êste receioso de grandes disturbios, tendo recebido uma carta anonima, ameaçando-o de morte, caso descesse á cidade neste dia. Acredito bem que nada haverá que ensanguente aquelas festas, embora haja reunidos bastantes elementos para graves conflitos e desordens.

Rio de Janeiro:

17) Sessão importante. Energico discurso do Inacio Martins, desenvolvendo os capitulos da accusação Loyo. Alguns pontos bem tocados, mostrando que, se o ministerio está innocente como de fato está e o demonstra, tem sido contudo a sua boa fé explorada por pouco escrupuloso *entourage*. E' esta a minha convicção.

Sai do Senado a 1 1/2; fui á rua do Ouvidor, de lá á casa e ás 4 horas parti para Petropolis, onde cheguei ás 6 1/4 horas. O Imperador estava na estação e mostrou-se muito favoravel ao João Alfredo.

Petropolis:

18) Bonito dia de Petropolis, claro, muito fresco, melancolico na solidão que já se vai produzindo. Andei de um lado para outro, sem saber o que fazer. A' tarde copiosa chuva que me impediu de sair e ir á Estação. Fui ter com o Rebouças no hotel; depois estive algum tempo com o Lisboa e o Salgado em casa daquele. Voltando á casa achei o volume do Pierre Loti — *Japonneries d'Automne* — recambiado pelo Imperador, a quem eu o emprestára no dia 30 de Abril proximo passado. Vem cheio de indicações a lapis e várias notas bem interessantes. O manuseio indica que o livro foi lido e apreciado com todo o cuidado, página por página e sujeito a assidua leitura. E' valioso documento de quanto está são o organismo mental, pelo menos em assuntos literarios. Estou com vontade de escrever um artigo sôbre o caso, que é bastante interessante.

24) Escrevi de manhã ao Carlos Gomes e ao Azevedo Castro, contando a êste por miudo as peripecias da crise e a desagradavel situação em que nos achamos. Fui ao Senado e ás 4 horas subi para Petropolis.

Rio de Janeiro:

31) Desci á Côrte. Grande agitação por causa da reunião do Conselho de Estado e iminencia de dissolução. Fiz um dis-

curso no Senado, quente e vibrante, sôbre a gente que se retirava de Blumenau. A' noite, no *Jornal do Comércio*, soube pelo Dantas (8) do resultado do Conselho de Estado.

MÊS DE JUNHO

1) Demissão do João Alfredo. Não houve Senado. A' tarde subi para Petropolis com o Correia e soube logo que não seria convidado para fazer parte da organização ministerial por estas simples palavras: "O Sr. mexe com muitas cousas". E depois acrescentou: "Temos que falar sôbre a presidencia de Santa Catarina", ao que respondi: "Isto é um simples incidente. Não tem maior importancia". Afastei-me dele e não o vi senão de costas, conversando, na Estação de Petropolis, com o Imperador. Subiu comigo o Chico Góes (9) que veio visitar-me á noite, com o ministro chileno Villamil Blanco, o qual me ofereceu dois volumes dos Anais do Congresso chileno relativos ao *Casamento Civil*.

Petropolis:

2) Domingo. Esplendido dia. Soube com surpresa que o Correia descera de manhã ás 6 horas e não tivera conferência alguma com o Imperador, além de uma conversa de 20 minutos na estação da Estrada de ferro. A 1 hora o ministro Moreno (10), vindo visitar-me, comunicou-me que o Correia não aceitára a incumbencia de organizar gabinete e apontara o Vieira da Silva, que fôra chamado a Petropolis e em efeito chegou ás 7 1/2 horas da noite, vindo logo conferenciar com o Imperador.

3) Desci para a Côrte. Na barca encontrando-me com o Vieira da Silva (11), ele me disse: "Sabe que fui encarregado da organização e aceitei a prebenda? Preciso falar-lhe

(8) Conselheiro Manuel P. de Sousa Dantas.

(9) Dr. Francisco Marques de Araujo Góes.

(10) D. Enrique Moreno, ministro argentino.

(11) Conselheiro Luis Antonio Vieira da Silva, senador pelo Maranhão.

no Senado”. Com efeito, não havendo sessão, com ele tive, a 1 hora, conversa de quasi meia hora, em que me declarou precisar do meu concurso. Eu logo lhe disse: “Não faço questão de pasta, nem de companheiros; não posso, porém, abandonar as ideas que tenho prégado”. — “Discutiremos isto na conferência á casa do Correia, á noite”. A’s 7 horas lá estava e tive a surpresa de lá encontrar o João Alfredo, estirado num canapé, de chapéu á cabeça e com o eterno charuto á bôca. Reuniram-se Coelho Campos, Duarte de Azevedo, Rodrigues Alves, Barão de Suassuna, depois Vieira da Silva e Correia. Falei apresentando as minhas condições e notei muita tibieza e dúvidas. Afinal nada se resolveu de positivo, mostrando-se o Vieira da Silva bastante acabrunhado e irresoluto. Saimos ás 9 1/2, cheguei á casa ás 10 1/4.

4) De manhã escrevi longa e sincera carta ao Vieira da Silva, aconselhando-o que não se deixasse atar pela preocupação de agradar aos dois chefes. Tratasse de organizar — em sua casa — gabinete com gente de sua escolha e contasse comigo e com todas as minhas energias e bôa vontade, com a condição de inserir, na fala da apresentação do gabinete, o seguinte, que era tudo quanto eu podia fazer em materia de condescendencia, afim de facilitar a organização ministerial. Depois de aludir á transcendencia da imigração dizia eu: “O gabinete, apelando para todos os elementos adiantados da Camara, considera o importante projeto de liberdade de cultos questão aberta, tendo ela vindo do Senado com o imenso prestigio de voto unanime dos conservadores liberais.

“Interpretando o sentimento do partido conservador, entende que é chegado o momento de encarar de frente e com lealdade as reformas sociais e em ocasião oportuna apresentar os projetos que a elas se referem.

“O Imperio do Brasil em assuntos que interessam a sua regular organização social não pode, por mais tempo, constituir uma exceção em todo o mundo civilizado”.

No Senado encontrando-me com o deputado João Henrique, genro e sobrinho do Vieira da Silva (12), este me disse: "Lemos a sua carta e nós dois a achámos muito justa e sensata." Pouco depois o V. da Silva me disse o mesmo, acrescentando: "Com ligeira modificação na redação, aceito o que me enviou. Conversaremos logo á noite em casa do Correia." Ao que lhe ponderei era muito mais proprio fazer reunião em sua residencia, não dando a ninguem o carater de protetor. Depois, respondeu-me ele: "Amanhã subo para Petropolis, levando os decretos de nomeação e os Senhores formularão o programa em minha casa". Foi para a rua do Ouvidor, com o Dr. Herminio, recebendo muitos parabens e barretadas. As folhas da tarde apontaram-me para a pasta da agricultura.

A' noite fui ao principe Conde d'Eu e depois ao Correia. Ali tornando a achar, antes de todos, o João Alfredo e o Andrade Figueira, com quem, no correr da discussão, tive troca de ditos quasi desagradaveis. As minhas palavras causavam susto visivel aos deputados que temiam a reeleição. O Correia tornou a falar enigmaticamente de sua celebre preliminar, que ninguem suspeita qual seja.

A's 8 e meia entrou o Dr. Pedro Luiz Soares de Souza que vinha dar a recusa de fazer parte do gabinete. Retirou-se logo em seguida, deixando a todos em grande desânimo. Cheguei a debicar o Coelho e Campos dizendo que ele só buscava o caminho da porta. O João Alfredo pôs-se a indicar as pastas, dando a da fazenda ao Duarte (13), a da justiça ao Rodrigues Alves (14), imperio ao Coelho e Campos (15), a mim estrangeiros, ao Suassuna (16) agricultura, pois que Vieira da Silva

(12) Dr. João Henrique Vieira da Silva, deputado pelo Maranhão.

(13) Conselheiro Manuel Antonio Duarte de Azevedo.

(14) Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves.

(15) Dr. José Luiz Coelho e Campos, deputado por Sergipe.

(16) Barão de Suassuna (Henrique Marques de Holanda Cavalcanti), deputado por Pernambuco.

tomara a da marinha. Começaram depois os cochichos, embora puxasse eu a discussão para a necessidade de ajustarmos um programa, porquanto não desistia das minhas positivas declarações. Afinal decidiu-se que á vista do retraimento da dissidência era impossivel formar-se gabinete, e a conferência acabou chôchamente, depois de se tomar um bom chocolate, mandado pela senhora do Correia, D. Mariana.

5) Fui ao Senado e lá soube que o Vieira da Silva subira a Petropolis. A *Gazeta de Notícias* trouxe a organização como fôra combinada. A's 2 horas soube ser, que havia sido chamado o Saraiva, que com efeito foi procurado pelo V. da Silva ás 7 horas da noite em sua residencia no Hotel da Vista Alegre em Santa Teresa. Entre politicos muitos comentarios, desculpando-se o Paulino de todos os modos e criticando os amigos dêste o procedimento do Imperador que foi, contudo, correctissimo e, sem esfôrço algum, habil. Fui á noite um pouco ao José Avelino (17), que logo visitou o Saraiva e á casa do Góes em que estavam uns muito murchos, outros muito exaltados; o João Manuel (18), o Figueirôa (19), Gonçalves Ferreira (20), etc..

6) Senado. Grandes comentarios. Saraiva não aceitou a incumbencia, mas indicou o Ouro Preto. O Paulino e a sua gente ficaram desapontadissimos, com a ausencia do chamado. E' que o Vieira da Silva insistira na irreconciliabilidade dos dois lados da Camara e dos chefes. Quando o Pedro Luiz saiu da conferência de 4, a primeira pergunta do Vieira da Silva foi: "Teremos fôrças para derrubar o gabinete que eles formarem?" Ao que o João Alfredo replicou: "Hei de apelar para os meus amigos". Enganava-se redondamente, pois ver-se-ia, nesta hipotese aventada, com muitos poucos em torno de si. Eu decla-

(17) Dr. José Avelino Gurgel do Amaral.

(18) Padre João Manuel de Carvalho, célebre deputado pelo Rio Grande do Norte.

(19) Felipe de Figueirôa Faria, deputado por Pernambuco.

(20) Conselheiro Antonio Gonçalves Ferreira, deputado por Pernambuco.

rára na reunião de 3, com toda a franqueza: "Senhores, não faço questão de pessoal e anuncio que se os paulistas me quiserem com as minhas idéas, farei parte do gabinete que organizarem com os seus elementos". Os homens cheios de fel só tratavam dos seus rancores pessoais. A eles sacrificaram todo o partido conservador. (*Nota á margem*) Hoje (4 de agosto de 1890) acrescento: a monarquia e o país.

7) No Senado, tive longa conversa com o Vieira da Silva que me disse estar sentido não haver seguido o que lhe escrevera: "Era justo e energico", disse-me ele.

Grande alegria dos liberais. A' tarde subi com o Ouro Preto para Petropolis. Muito seriamente me propôs passar para o partido liberal, tendo logo a pasta da guerra. "Faça a evolução" foram as suas palavras. Ri-me e gracejei. Na estação foguetes e música. Achei todos bons. O Belisario (21) me contou que o Paulino, depois de ter indicado ao Correia o Joaquim Delfino (22), que dessa organização consentira fazer parte, se aborrecera por ter o Vieira da Silva recusado o Bezamat (23) cujo nome causara má impressão ao João Alfredo. O Joaquim Delfino não foi convidado senão indiretamente para a segunda tentativa, servindo de intermediario o Correia. O Fausto (24) excusou-se; tambem o Soares (25), alegando êste entender de bancos, mas não de finanças. Escreveu a tal respeito duas cartas. O Franco apresentou motivo forte de saúde. Não foram convidados o Mamoré (26), por incompatibilidade com o organizador do gabinete, o Jaguaribe (27) e o Cruz Ma-

(21) Conselheiro Francisco Belisario Soares de Sousa.

(22) Conselheiro Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, senador por Minas Gerais.

(23) Dr. Alberto Bezamat, deputado pela Provincia do Rio de Janeiro.

(24) Dr. Fausto de Aguiar, senador pelo Pará.

(25) Manuel José Soares, senador por Minas Gerais.

(26) Barão de Mamoré, senador pelo Amazonas.

(27) Visconde de Jaguaribe.

chado (28). O João Alfredo chegou a lembrar o Mendonça (29). O Paulino, logo em comêço, declarou que o Alfredo Chaves (30) não poderia aceitar lugar em qualquer combinação Vieira da Silva por ser um dos candidatos á eleição senatorial na vaga aberta pelo Otaviano (31).

Na conferência de 4 notei da parte do Andrade Figueira: 1.º) a insistencia com que ele queria obrigar o V. da Silva a fazer esforço para obter o concurso do Alfredo Chaves. “Diga ao Paulino, disse ele duas e mais vezes, que não me oporei a isso, pelo contrario verei com grande prazer”. 2.º) deixar entrever a possibilidade de organizar ele gabinete com mais 6 deputados e sem nenhum senador.

Sinto não ter guardado cópia da carta que diriji na manhã de 4 ao Conselheiro V. da Silva. Pedir-lha-ei.

Contou-me ontem o Herminio que um deputado do Maranhão lhe referira ter ouvido da bôca do... que eu desistira de todas as minhas condições e abrira mão de tudo na ansia de ser ministro. Se assim se exprimiu decaiu muito no meu conceito, pois falta redondamente á verdade. Nunca experimentei um instante de perplexidade. Só vi em tórno de mim desanimados e um deles foi ele que achei muito aquem da sua reputação de habilidade e energia. Considero-o um simples hesitante.

O Vieira da Silva merece aplausos pelos esforços que fez, embóra neles não mostrasse iniciativa alguma. Enfim em todo êste rapido final de situação, cuidou-se muito pouco dos interesses do partido e muitissimo dos pessoais, buscando o João Alfredo a todo o transe fazer um ministerio que nada mais fosse do que prolongamento do seu e o Paulino inutilizar essa aspiração.

(28) Conselheiro Antonio C. da Cruz Machado (Visconde de Sêrro Frio), senador por Minas Gerais.

(29) Dr. Jacinto Paes de Mendonça, senador por Alagoas.

(30) Conselheiro Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, deputado pelo Rio de Janeiro.

(31) Conselheiro Francisco Otaviano de Almeida Rosa, senador pela Provincia do Rio de Janeiro.

Repito. O Vieira da Silva andou de bôa fé em relação aos dois, puxando contudo mais para o lado João Alfredo, porquanto do outro havia um inimigo, que se mostrava já todo irritado e sombrio: "Estou acostumado, dizia ele, a ficar só; não preciso de ninguém", aludindo ao provavel abandono do Paulino. Entretanto, êste patenteava sem rebuço que o nome do organizador lhe desagradára não pouco.

O pouco entusiasmo com que sempre acolhi o chamado ás conferências ministeriais provinha de que só se lembraram de mim em desespero de causa e por não terem mais no Senado a quem recorrerem. Aproveitei o ensejo para tentar dar um empurrão ás minhas ideas, mas foi baldado. Consta que o cético do conego ... que não crê nem em Deus nem no Diabo foi tolamente fazer questão contra o meu nome junto ao V. da Silva. Naturalmente, e a bem dos grandes principios de religiosidade e decencia.

E' preferivel que o poder tenha passado aos liberais. Talvez façam agora alguma cousa, que aproveite ao Brasil. Assim desejo de coração.

8) Hoje de manhã, indo para as duchas encontrei o Imperador, na rua de Bragança, amavel e bem disposto; a princesa Imperial, o conde d'Eu e o Motta Maia, a quem eu disse com sinceridade que D. Pedro II andara com a maior correção e constitucionalismo.

Faltou-me mencionar que, ao sair da conferencia de 4, o ... disse-me: "Está claro, que o Imperador está manobrando em favor do Paulino. Quer ver se com a indenização, póde ainda aguentar a monarquia". O procedimento do Imperador chamando logo os liberais, depois das declarações do Vieira da Silva, respondeu cabalmente a esta suspeita.

A' noitinha, fui á estação receber o Rebouças e D. Pedro, com os quais vim a pé conversando sôbre as ocorrencias.

9) Tendo feito o Maracajú parte da organização ministerial Ouro Preto, lembro-me que o Vieira da Silva falou na

conveniencia de entrar para a pasta da guerra um militar e apontou esse mesmo nome. “Mas esse é e sempre foi liberal, presidente do Pará em 1879”, objetei. “Não faz mal; é moderado — eu lhe falarei”. Prova evidente de que esse nome fôra apontado na conferência imperial. Ainda mais, agora tenho explicação de serem chamados só seis membros. O Visconde de Macarajú havia de entrar por fôrça.

De manhã na ducha conversei com o Motta Maia e o Olegario, que pareciam mal impressionados, como liberais, com a composição do gabinete.

Depois veio o Imperador que achei muito amavel e bem disposto. Por acaso ouviu a minha conversa com o Motta Maia sôbre Carlos Gomes. “Que é?” perguntou. “E’ que o Carlos Gomes está desesperado por não poder montar o *Schiavo* aqui”. “Mas porque?” “Porque a empreza atual não tem meios absolutamente para tanto”. “Pois então diga que venha, que esses meios eu forneço”. “Mas, senhor, observei-lhe, as despesas são enormes”. “Sim, é preciso atender a isto”, observou o Olegario. “Mas a quanto sobem?” “Talvez 40 contos”, respondi. “Ui!, disse o Imperador, isto tambem é demais. Em todo o caso fale com os emperezarios e venha entender-se comigo, ouviu? *Você* fica incumbido de tudo. Podemos contar com o sucesso da peça”. Aí começou grande discussão sôbre a palavra, gracejando Sua Magestade muito alegremente connosco.

Escrevi logo a Carlos Gomes.

10) O Conselheiro Vieira da Silva entregou-me a carta que eu lhe escrevera e que é do teor seguinte:

“Rio de Janeiro, 4 de Junho de 1889 — Reservada.

Ilmo. e Exmo. Sr. Conselheiro.

Desculpe V. Excia. estas linhas, mas elas são ditadas pelo desejo que tenho de responder com sinceridade ao honroso convite que mereci de V. Excia. — A situação politicamente é difficil, se houver o intento de conciliar *cordialmente* os elementos.

constitutivos do partido conservador, que estão separados desde 1871. A atender todas as conveniencias e prever todas as eventualidades e a querer reunir adesões firmes e leais desde já, tudo se complicará. Um pouco de resolução produzirá excelente efeito. V. Excia. para constituir o seu gabinete não póde contar com elementos e vultos prestigiosos na política, como de certo teve o gabinete passado; mas imenso e pronto valor alcançará prégando franca e lealmente ideas. Tenho toda a certeza de que a imprensa da Côrte — e êste ponto é da maior importancia — o acompanhará logo, fazendo esta manifestação espontanea immediata pressão sôbre a Camara. Se êste resultado não se produzir e as manobras políticas derrubarem o ministerio, então a sua queda será chamado a realizar aquilo que houver agora tentado improficuamente. E' preciso não nos iludirmos: gabinete anódino que não póde agradar de todo a nenhum, dos dois lados conservadores (*paulinistas* e *alfredistas*), que não merecer respeito do público por um programa leal e que contenha boas idéas, que só poderá contar com a opposição ferrenha de liberaes já na Camara e sobretudo no Senado, esse gabinete arrastará vida ingloria e afinal, num belo dia de máu humor da Camara, se esborrachará no chão, como um genipapo maduro. Para exemplo o ministerio S. Vicente, que preparou as glórias de 7 de Março. Faço a V. Excia., a concessão que posso fazer a mim mesmo e a quem me chamou tão espontaneamente para companheiro de trabalhos, o que muito me penhorou, pelo que remeto a ligeira nota, que deverá ser incluída no discurso de apresentação do gabinete. E' sentimento geral, que o partido conservador perde, nas proximas eleições gerais, o poder. Pois em toda a Camara não haverá quatro ou cinco politicos de ambição e boa vontade, que joguem uma cartada arriscada e queiram por ideas e estimulos desinteressados sacrificar um ou dois meses de deputado, quando eles agora só pódem contar com três? E como fôra belo e moralizador entregarmos a situação aos liberaes pelo triunfo das urnas! Seria indicio certo, de que não ficariam muito tempo de cima. O grande, o maior favor que hoje os poli-

ticos e sobretudo os conservadores pódem fazer ao Imperador e ao Trono é arredarem deles a pécha do clericalismo. E será isto simples balela? Não haverá verdade em tão insistentes boatos? Fôra em tal caso enorme serviço prestado ao Brasil olharmos para iminentes perigos que nos ameaçam. A palavra de V. Excia. no momento presente causará profundo abalo nas camadas sociais. Convém contar com isto. Não se prenda muito ás combinações méramente políticas. Emaranham as cousas e escurecem a situação em vez de aclará-la. Lembrêmonos que o Brasil tem caminhado muito e que os nossos políticos ficaram distanciados. A abolição é exemplo. Foi o ministerio de 10 de Março que a fez? Votaram Senado e Camara com alegria sincera e conhecimento pleno das cousas a lei de 13 de Maio? Porventura, tudo não indica hoje, que o momento daquela grande resolução legislativa já era chegado? O gabinete que V. Excia. formou ha de durar pouco? Que dure dias até tão sómente, mas dará de si um exemplo que será sempre lembrado: morrer abraçado a ideas. *Non fit, diz Terencio, sine periculo fácimus memorabile.* Desculpe-me todas essas franquezas. De V. Excia. muito obrigado criado, amigo e admirador

Alfredo d'Escragnolle Taunay."

Com essa carta ia uma nota que é a referida no dia 4 dêste mês (vide retro) com mais estas palavras no comêço: "O gabinete prestará toda a atenção aos assuntos relativos á imigração europea e colonização nacional, que considera da mais transcendente importancia."

11) Dia de explicações no Senado e apresentação do gabinete. Na Camara sessão tempestuosissima até 5 1/2. Discursos violentos do Cesario Alvim e padre João Manoel, o qual, terminando, levantou um "Viva á República!" Resposta eloquente do Ouro Preto. Falou o Nabuco, não conseguindo efeito oratorio. Aspetto revolucionario da Camara.

12 — 13 — 14 — 15) Não tem havido sessão no Parlamento. Demissões em massa. Notícias sôbre a viagem do Conde d'Eu, feita no vapor Alagoas com o Silva Jardim.

17) Não houve sessão — digo mal. Foi lido o decreto de dissolução da Camara, convocando-se outra para 20 de Novembro extraordinariamente, pelo que serão as eleições a 31 de Agosto. Ao lêr o aviso de comunicação do Decreto, o Gomes do Amaral teve o máu gôsto de lêr: *Sua Magestade houve por mal*, como que por equívoco, o que excitou hilaridade nas galerias.

Estrea da Companhia Lirica do Musella com o tenor Cardinale, soprano Singer, contralto Van Cantarets, etc.; comprimento aparatoso de simples mediocridades artisticas.

19) Referiu-me o Conselheiro Paulino que fôra convidado pelo Prado para uma reunião conjuntamente com o João Alfredo, ao que se negára. Encontrando-me com o Prado queixou-se ele de não poder chegar a um acôrdo, estando resolvido a abraçar francamente a idea da federação e abandonar os laços méramente partidarios. Procurei convencê-lo da imprudencia de semelhante resolução. Tudo isto muito ás carreiras e á espera de *bonds*.

A *Gazeta da Tarde* trouxe um *interview* do redator-chefe com o Prado, que reproduz exatamente tudo quanto êste me dissera no dia 19, no ponto dos *bonds* esquina da rua do Ouvidor. "Os dias da monarquia estão contados, afirmou ele. Os conservadores devem tomar a peito fazer a transição para a república sem abalos, nem efusão de sangue". Tambem, objetei, nos fins da Minoridade e começos da Maioridade, assegurava-se a mesma cousa e tudo assim indicava claramente e entretanto, após êstes vaticinios todos, a monarquia teve 50 anos, meio seculo inteiro de poder, calma e prestígio. Não é com duas razões, nem com duas duzias delas que se derroca uma instituição que tem tantas raizes no país (32).

(32) Ha grande solução de continuidade no texto do *Diario*, referente ao segundo semestre de 1889.

MÊS DE DEZEMBRO

27 e 28) Neste último dia tivemos notícia do falecimento no Porto da pobre Imperatriz D. Teresa Cristina. A attitude da população de Petropolis foi de absoluta indiferença. E como é cruel e deprimente verificar tudo isto. Morresse ela no seu palacio e quantas demonstrações de pezar!

31) Ultimo dia do ano de 1889, em que se produziram tão terriveis occurencias, das quais a mais cruel foi sem dúvida a quéda da monarquia, a 15 de Novembro. De manhã fui visitar o Sr. Max Leclerc, que me veiu recomendado pelo Eduardo Prado, como correspondente do *Journal des Débats*.

MÊS DE JANEIRO

2) Voltei para Petropolis, conversando na barca com o Venceslau (33) e no trem de ferro com o Barão de Jaceguai, que tendo assistido aos ultimos instantes, de tudo e embarque da Familia Imperial, me contou interessantes pormenores. O Imperador muito sereno e digno respondia á continencia dos soldados; o Conde d'Eu cumprimentava a todos, o Principe D. Pedro Augusto muito agitado. "Eu faço alguma asneira, dizia ele; estou furioso". "Contenha-se, principe", observou-lhe o Jaceguai. Ao que ele perguntou: "O sr. acha que não ha perigo de vida?"

O Imperador não queria embarcar ás três da madrugada. "Não sou nenhum fugido" dizia com insistencia. "Mas é muito mais conveniente a hora agora, ponderou-lhe o barão. Que quer dizer V. M. ficar sujeito, com a augusta familia, á curiosidade de toda uma população aglomerada nos telhados e nos morros para vêr a sua partida? As manifestações ou serão

(33) Venceslau de Sousa Guimarães, comerciante português, de bela intelligencia e cultivo, amigo dedicado do Visconde de Taunay.

violentas e então correrá muito sangue, sendo talvez vítimas pessoas da sua afeição ou serão frouxas e então dolorosas ao seu coração".

O Imperador, depois de uma pausa, respondeu: "O Snr. tem razão", e a esperar que todos se aprontassem conversou em voz baixa com o general Miranda Reis.

No momento de entrar na lanchinha, quando o Conde d'Eu apressava o embarque, o Imperador repetiu varias vezes: "Para quê tanta pressa; nós não vamos fugindo". Levava revistas debaixo do braço.

O Conde d'Eu viera a pé, dizendo com ar até prazenteiro: "Não preciso do carro. Quero ir até a ponte com o Jaceguai e o Mallet".

A Imperatriz chorava muito. "Resignação, minha senhora", aconselhou-lhe o Jaceguai. "Tenho-a toda, respondeu S. M.; mas como deixar de chorar, ao ter que partir para sempre, para sempre, desta minha terra?!" E beijou todas as senhoras muitas vezes. Os criados do Paço, debulhados em lagrimas, despediam-se ruidosamente e num desespero imenso. Todos sem exceção choravam, até os marinheiros da lancha a vapor. Só o Imperador não chorava, concertando porém de vez em quando a garganta.

Comigo concordou o Jaceguai que o ministro argentino Moreno não fôra estranho aos acontecimentos de 15 de Novembro: "Vocês hão de arrepender-se, observou-lhe ele em conversa, D. Pedro II era a paz, o espirito de justiça e de concordia".

O Patrocínio respondeu pela *Cidade do Rio* aos dois artigos publicados em Lisbôa pelo Rebouças, transcritos no *Diario do Comércio* de 28 e 29 de Dezembro.

3) Enviei o seguinte telegrama ao Snr. D. Pedro II (Lisboa): "Quanta dôr, Senhor! (Assinado) Taunay". Missa da Imperatriz mandada dizer pelo Visconde de Garcez. Amanhã ouviremos a que o Carapebús manda dizer na Matriz de Petropolis.

5) Recebi de manhã o seguinte telegrama, que me fez derramar lagrimas bem sinceras: “Tel. n.º 536. Procedente do *Porto* — Senador Taunay — *Obrigado; bem se mostra filho de Felix Taunay. Como vai familia? D. Pedro de Alcantara*”.

28) Fui á Vila Teresa. O telegrafista Costa contou-me que o primeiro telegrama dirigido pelo Afonso Celso chegou a Petropolis ás 5 1|2 horas da manhã. Referia o número dos batalhões revoltados, que marchavam de S. Cristóvão, mas declarava que o “Govêrno contava poder conter a indisciplina dos militares”.

Êste telegrama foi entregue sem demora ao criado particular do Imperador, chamado Freire. O segundo, ás 10 1|2 horas da manhã dizia: “Ministerio sitiado na Secretaria da Guerra pela tropa revoltada é obrigado a pedir sua demissão”. Êste segundo telegrama foi entregue ao Imperador na missa que ele estava ouvindo. Saiu logo da Igreja Matriz e dirigiu-se á estação de Estrada de Ferro, pedindo um trem especial para descer incontinentemente, o que fez sem demora. Estava perdida a monarquia!...

31) Contou-me o Avelino (34) que estando com o Deodoro êste se mostrara muito aborrecido com o estado de cousas, chegando a dizer: “Se me aborrecerem muito, deixo o penacho de generalissimo á porta dêste palacio e retiro-me para minha casinha do Campo de Sant’Ana, cujo aluguel estou pagando ainda”. Hoje appareceu no jornal que a crise ministerial cessara, estando todos os membros do governo de acôrdo completo (?). Ontem, conversando eu com o Dantas sôbre o Rui Barbosa, mostrou-se ele, embóra reservado, aborrecido e bastante.

(34) O já citado dr. José Avelino Gurgel do Amaral, politico e jornalista, muito da intimidade do Marechal Deodoro.

MÊS DE FEVEREIRO

6) Na volta para Petropolis, o Barão de Quartim me contou que Motta Maia telegrafara, declarando que o Imperador passa necessidades, precisando gastar 1:000\$000 por dia.

20) Na volta para Petropolis, conversando eu com o Barão de Corumbá (Salgado), disse-me ele que, por carta do Conde de Nioac tivera notícia de que o Imperador peiorara sensivelmente. Falando sôbre a viagem ao Norte, contou-me que o Conde d'Eu regressára mal impressionado, tendo tido, em toda parte, recebimento méramente oficial, mostrando-se, em todas as Provincias, má vontade em acolhê-lo.

25) Fiquei muito impressionado com o telegrama de Cannes que dá o Imperador muito fraco, abatido e melancolico e lutando com sérias dificuldades pecuniarias. Que doloroso e injusto final a uma vida toda de sacrificios e abnegação patriótica!

28) Fui ao Banco do Brasil falar com o Dantas a respeito da subscrição que se póde abrir para o Imperador. Respondeu-me ele que veria e em tempo me havia de comunicar. O Lassance mostrou-me um telegrama que ia passar para Cannes ao Conde d'Eu, procedendo assim por indicação do Cesario Alvim, ministro do Interior. Pouco mais ou menos foram êstes os termos daquela comunicação por mim emendada: "Gôverno pretende mandar 100 contos adiantamento da liquidação bens Imperador por ser ela muito morosa. Convem não dizer de lá nem sim nem não".

MÊS DE MARÇO

1) Faz hoje 20 anos, que, navegando o rio Paraguai acima, em direção á vila de Conception, recebemos a notícia da terminação da guerra do Paraguai pela morte do ditador Lo-

pez, ás margens do Aquidabanigui. Foi evidente a todos a contrariedade e a tristeza que sentiu o Conde d'Eu, por ver, sem dúvida, que a glória do feito pertencia ao general Camara (Visconde de Pelotas).

Quantos sucessos desde aquela data memoravel, que para mim pôs tambem termo á desagradabilissima posição, que uma série de circumstancias tinha me feito junto ao principe comandante em chefe das fôrças!

Em Petropolis sem nenhuma novidade de maior vulto.

13) Soube pelo Silva Costa (35) que o Imperador não acceitara o adiantamento feito pelo govêrno provisorio.

MÊS DE ABRIL

1) Telegrama de Cannes, annunciando molestia do Imperador e apreensão dos que o cercam. Muito me abalou esta notícia. Que tristes, que tristes dias! Que tristes semanas!... Quanto é cruel a logica em suas inflexiveis deducções!

5) A' noite tive notícia de que o Imperador estava muito mal ou já morto. Causou-me grande abalo. Entretanto passam os carros para o baile á fantasia do Hotel Bragança. Circulou a dolorosa notícia, quando começavam dois bailes, um do *high life*, outro popular. Continuaram entretanto ambos. Um acabou altas horas da noite, outro entrou pela madrugada e isto na cidade de Pedro, na cidade que por toda a parte mostra as inequivocas provas da sua imensa bondade, da sua ilimitada generosidade, do seu imensuravel desinteresse! Então neste país está tudo crestado, aniquilado, destruido, morto? Vai, Pedro II, vai embora dêste mundo de miserias, de baixezas e ingratição! A posteridade te fará justiça. O teu nome encherá, não a história do Brasil, mas a história da Humanidade,

(35) Conselheiro dr. José da Silva Costa.

pois perdura para sempre, vence os tempos e alcança a eternidade tudo quanto é bom, nobre e santo; e ninguém, mais do que tu, e ao lado dos maiores e mais grandiosos vultos humanos, tu foste bom, tu foste nobre, tu foste santo!

VISCONDE DE TAUNAY

P o e m a s

CANÇÃO PRA SARA

Volupia invencível de ver
Sara.

Explodem as claridades
Na carícia da retina
Rosa seio folha céu
Meu olhar é tátil, pausa
Como um dedo sôbre a pele
Pula a curva da cochilha
Vai no vôo alvo da nuvem
Desce á terra, sóbe ao céu
Sara, eu olho com dois olhos
Que acordaram matinais
Na certeza azul da luz
Rosa seio folha céu
Passa o passaro sereno
Alto
Canta o galo: viva o sol!

DITIRAMBO

O poeta é o turuna da roda gigante
que assopra nos bairas trombones

atóca xuxús e tomates no espaço
e apara no minimo a perola.

Brincando de tudo, larga o estampido
diz: che reyape me deixa
anda, e no fim a farra dá certo
desanda, e a desordem é ordem.

Que airoso mamute nos prados do céu
que dança, que samba de pratos
Me vejo na verde devesa, vê só
com o meu lança-chama na mão.

Um xit organiza a desharmonia
viva Orfeu co'a taquara rachada!
Ninguém sabe onde acaba o maxixe do mito
O' limite, me ensina o que é o nada.

CÍRCULO

Bilú matinal me traz a palma
A casa aberta acolhe o sol
Sou um passaro agudo de asas calmas
A assombração cede ao meu suave rêsplendor.

Amor escada sóbe em caracol
Bôca da sombra o homem desce como um poço
Roda a rosa dos ventos, giro-gira
O sonho me alonga, o pêso me prende.

E o grande aviso da morte bate á porta

Pelos caminhos do sem-fim meu passo arisco
Enxota as sombras

ouço a música sem nome

Mas o tumulto atinge o silêncio num círculo.

FARSA

Seios gêmeos ventre claro delta escuro
Eva morde o limbo de uma folha.

Adão feito de barro está no barro
Inócuo, de bodoque e de monóculo.

O esqueleto encasacado cumprimenta
O fruto ilustre, mal ou bem?

Não tenha medo: os animais são amestrados
Urro de leão na mola da barriga
Tudo depende do dedão do Manda-chuva.

O' bocejo O' perfeição paradisíaca
Si não fôsse o silvo sabio da serpente...

Na platea distraída,
Tate-bitates, os doutores interpretam.

NANA NENÊ

Caminho dos Anjos, caminho de espinhos
são os astros que piscam e filtram
o veneno do leite do mundo.

Mas a fonte murmura a mesma insônia...

Menino sublime
No seu cavalinho
De cacos de prata
Passou por aqui.

AUGUSTO MEYER

Fragmento do «Fausto» (2.^a parte)

(Tradução do original de Goethe)

ACTO II

Laboratorio medieval atravancado de aparelhos esquisitos para usos fantasticos

WAGNER (*ao pé do forno*) — Ao dobrar sinistro do sino, vibram as paredes fuliginosas. Já não podem durar muito as vacilações de uma tão grande esperança! No fundo da retorta, desmaiam as sombras; ha um brilho, como o de uma braza, ou melhor, como o do mais lindo rubí (1), despedindo fulgores na escuridão. Surge uma luz clara e branca. O'! que não me falhe desta vez.

Deus! Que é que faz ranger a porta?

MEFISTOFELES (*entrando*) — Salve! E' de paz!

WAGNER (*receioso*) — Bemvinda seja a estrêla desta hora! (2)
(*baixo*) Mas retém na boca, com firmeza, a palavra e a respiração. Uma obra admiravel está a pique de realizar-se.

(2) No original: Zu dem Stern der Stunde. No entanto, talvez fosse me-

(2) No original: Zu dem Stern der Stunde. No entanto, talvez fosse melhor: Benvindo sejas na hora astral (Sternstunde).

A tradução procurou seguir sempre o mais possivel o testo alemão.

MEFISTOFELES (*mais baixo*) — Que é?

WAGNER (*mais baixo*) — Vai-se fazer um homem.

MEFISTOFELES — Um homem? E que amoroso casal prendeste no fumeiro?(3)

WAGNER — Deus me livre! Para nós a antiga moda de gerar é farsa presunçosa.

O ponto delicado de onde a vida brotava, a fôrça bem-fazeja que surgia do intimo, tomando e dando, destinada a plasmarse a si mesma, assimilando o identico e depois o diferente — perdeu, agora, o prestígio. Si o animal ainda goza com aquilo, o homem, senhor de grandes dotes, deve ter, no futuro, origem mais pura, mais elevada. (*Voltado para o forno*) Reluz! Vê! Agora pôde-se esperar com segurança que compondo, meticulosamente, a materia humana, misturando centenas de substâncias — tudo está na mistura — lutando em uma retorta e coobando convenientemente — a operação se processe normalmente (4). (*Voltando-se para o forno*) Aí vem! A massa, mais clara, agita-se.

A verdade da minha convicção mais e mais se comprova:

Ousamos sujeitar á experiencia racional o que se tinha na conta de misterio da natureza. E o que ela outrora organizava, hoje fazemos cristalizar.

MEFISTOFELES — Quem vive muito, muito prende. Nada de novo pode-lhe acontecer neste Mundo. Nos meus anos de peregrinação, tenho visto muita gente cristalizada...

WAGNER (*até então sempre atento á retorta*) — Sobe, faisca e aglomera-se. Num momento estará pronto. Toda empreza grandiosa parece insensata a princípio. No futuro, porém, zombaremos do acaso; e tal cerebro capaz de bem pensar, um pensador o ha de fazer. (*Entusiasmado, exa-*

(3) **Rauchloch**: buraco da fumaça. Seria antes o que os quimicos chamam, hoje, **Capella** ou **Sorbonne**.

(4) Apesar de afirmar que a operação é tranquila (**Stillen**) Wagner a descreve tumultuaria...

minando a retorta) O vidro tine encantadoramente, óra turvo, óra limpido. Logo, ha de dar certo! Já vejo, gesticulando, a fôrma graciosa de um gentil homenzinho. Que mais queremos? Que mais quer o Mundo? Eis o misterio desvendado.

Apura o ouvido, e naquele tinir encontrarás voz e palavra.

HOMUNKULUS (*dentro da retorta, a Wagner*) — Olá, Paizinho! Como vai! Não foi brinquedo!

Vem, aperta-me bem carinhosamente ao teu coração! Não aperta demais, para não quebrar o vidro... As coisas são assim: ao que é natural nem sequer basta o Universo; o que é artificial exige espaço fechado. (*a Mefistofeles*) E tu, Velhaco, meu primo, estás aqui? No momento proprio... Eu te agradeço. Um bom destino te trouxe aqui. Enquanto existo, preciso ser ativo, tenho de entregar-me ao trabalho. E's bastante habil para encurtar-me o caminho.

WAGNER — Uma palavra! Andei até hoje atrapalhado pelos problemas com que velhos e moços me têm atormentado. Por exemplo: Ninguem ainda pôde compreender como a Alma e o Corpo, que se ajustam tão bem, que se unem tão fortemente, como se nunca houvessem de se separar, no entanto vivem sempre mutuamente amargurando-se. Em seguida...

MEFISTOFELES — Espera! Eu queria antes perguntar: Porque tão mal convivem o homem e a mulher? Aqui, amigo, não chegarás á verdade. Isso dá que fazer... E' precisamente o que deseja o petiz.

HOMUNKULUS — Que é que ha?

MEFISTOFELES (*mostrando uma porta ao lado*) — Mostra aqui os teus dotes!

WAGNER (*sempre contemplando a retorta*) — Realmente! És o mais encantador dos rapazes.

(*A porta lateral abre-se, vê-se Fausto estirado na cama.*)

HOMUNKULUS — *O'!* (*A retorta escapa das mãos de Wagner, fica suspensa acima de Fausto e o alumia*) Lindo ambiente! Aguas claras, bosques espessos; mulheres que se despem... Cada vez melhor! Uma, esplendida, — da mais alta linhagem, heroica senão divina, sobressai. Mergulha o pé na limpidez transparente. A encantadora chama vital do corpo senhoril refresca-se no flexível cristal das ondas.

No entanto, que tatarar de asas ruflando, zumbidos, marulhos, agitam o polido espelho das aguas?

Assustadas, fogem as raparigas; só, a rainha, calma, olha tudo e vê com alegria vaidosamente feminina, o principe dos cisnes, indiscreto e meigo, acariciar-lhe o joelho. Ele parece manso (5). Eis, porém, que uma nevoa se levanta, cobrindo com véu espesso, a mais amorosa das cenas.

MEFISTOFELES — Que é que estás inventando? Tanto tens de pequeno quanto de grande fantasista. Eu nada vejo!

HOMUNKULUS — Acredito. Tu és do norte, cresceste na idade das trevas, no cáos da Cavalaria e dos Conventos... Como estariam livres aqui os teus olhos? Só nas trevas estás em casa...

(*Continuando a descrever*) Rochedos pardacentos, cobertos de limo, repelentes, ogivais, sobrecarregados de ornatos de mau gosto, baixos. Desperte-se êste, e nele resurgirá a angustia. Morrerá no mesmo instante.

Fontes no seio da mata, cisnes, beldades nuas — eis o seu sonho presago. Mas como poderia alguém habituar-se a isso, quando eu, que sou tão calmo, apenas o posso suportar. Partamos com ele!

MEFISTOFELES — Agrada-me essa idea.

HOMUNKULUS — Manda o guerreiro para a batalha e a rapariga para o baile — tudo está nisso.

(5) "Ele parece acostumar-se".

Penso agora que esta é a noite classica de Valpurgis, o melhor que poderia acontecer. Leva-o para o seu elemento.

MEFISTOFELES — Não tinha pensado nisso... (6).

HOMUNKULUS — Como poderia isso tambem chegar aos teus ouvidos? Só conheces fantasmas romanticos; mas um legítimo espectro tem de ser tambem classico.

MEFISTOFELES — E em que direção deve ser a viagem? Os velhos colegas já me contrariam...

HOMUNKULUS — O Noroéste, Satan, é a região do teu prazer. Desta vez, porém, velejaremos para Suéste. Numa vasta planicie, corre livre o Peneios, rodeado de moitas e arvoredos, em calmas e humidas enseadas. A planicie se distende até ás quebradas da serrania e em cima fica o Pharsalus, o velho e o novo.

MEFISTOFELES — Qual nada!

Vade retro! E põe de lado todas as rixas da tirania com a escravidão. Isso me atormenta. Pois mal acabam, recomeçam do princípio; e ninguem percebe, no entanto, que está sendo enganado por Asmodeus, ali escondido.

Combatem, dizem, pelos direitos da liberdade; tudo bem considerado, são escravos contra escravos...

HOMUNKULUS — Deixa ao homem a sua natureza rebelde. Cada qual, desde creança, que se proteja como puder. Assim será, finalmente, um homem.

Aqui, agora, indaga-se como êste poderá curar-se.

Si tens algum meio, experimenta-o. Si nada pôdes, deixa para mim.

MEFISTOFELES — Poderiam ser experimentados certos fragmentos de Brocken; contudo, encontro aqui infernal obstaculo intransponivel.

O povo grego nunca valeu muito! Mas deslumbra com o livre jôgo dos sentidos. Seduz o coração humano

(6) "Coisa tal nunca ouvi".

para os pecados alegres; os nossos, hão de ser sempre considerados mais sombrios.

E então, que fazer?

HOMUNKULUS — Nem sempre és tão ingenuo... E si eu falar nas bruxas Tessalicas, penso ter dito algo.

MEFISTOFELES (*voluptuosamente*) — Bruxas Tessalicas? Bravo! São pessoas pelas quais de ha muito, venho perguntando. Não creio que seja agradável passar com elas todas as noites. Mas para visitar... Experimentar...

HOMUNKULUS — Vê o teu manto! Envolve nele o cavalheiro! O trapo vos levará, como tem feito até hoje, um junto com o outro. Eu vou na frente alumando...

WAGNER (*ansioso*) — E eu?

HOMUNKULUS — Tu, agora, ficas em casa, fazendo o que ha de mais importante. Desdobra os velhos pergaminhos, reúne de acôrdo com a receita os elementos da vida, mistura-os com cuidado. Pensa bem no QUÊ e ainda mais no COMO. Enquanto eu percorro um pedacinho do Mundo, tu descobres, de certo, o pontinho do *i*. (7)

E' assim que se atinge ao fim principal. Tão grande aspiração, bem merece tal premio: ouro, honra, glória, vida sadia e longa, e tambem — quem sabe? — sabedoria e virtude. Adeus!

WAGNER (*abatido*) — Adeus. Isso me oprime o coração. Receio não te rever, nunca mais...

MEFISTOFELES — Agora, ligeiro, ao Peneios!

Êste Senhor meu primo não é para se desdenhar...

(*ad spectatores*). No fim de tudo, somos escravos das nossas proprias creaturas.

E. ROQUETTE-PINTO

(7) Certas edições mencionam *Eutdeck'ich*. Por isso H. Blaze traduziu: *Je decouvrirai bien le point sur l'i*. (*Le Faust de Goethe — Seule traduction complète — 1875*)

Nas edições mais autorizadas encontra-se: *Eutdeck'st du wohl das Tüpfchen auf das i*. (*Goethes Werke*, ed. H. Stiehler).

Parece mais de acôrdo com a ironia feroz da creatura para com o creador...

O entêrro de Seu Ernesto

Tinham, na vespera, transportado o corpo para o necrotério da Veneravel Ordem Terceira da Penitência. Desde certa distância, entre as árvores do pateo, divisava-se o caixão sôbre uma das mesas de marmore.

A viuva veiu ao nosso encontro e apresentou-nos ás irmãs e sobrinhas de seu Ernesto, que confabulavam, de preto, em dois ou três grupos, junto á porta do necroterio. Havia uma das irmãs com ar de importancia e ornada de um chapéu, que aceitou os pezames com uma frieza digna.

Mas mal trocámos poucas palavras com a familia enlutada, porque logo nos acercámos do corpo, vestido com o hábito da Ordem e o rosto amarrado por um lenço branco, para fixar o maxilar inferior em posição normal.

— Ontem mesmo conversei muito tempo com ele lá em cima no hospital, foi me dizendo outra das irmãs, menos importante e sem chapéu. Coitado, ele me pediu muito que fizesse a Amalia se internar tambem na Ordem, que ela aqui tinha tudo pra se tratar e comer.

— Então ele percebeu que morria?

— Ora se percebeu, coitado! O enfermeiro me contou que quando chegava a hora dele, Pi ainda se levantou da cama dizendo que queria ver a mulher. Foi preciso o moço deitar

Pi outra vez á fôrça. E ele tornou a querer se levantar, até que foi acabando...

Custei um pouco a entender que era a seu Ernesto que a mulher chamava de Pi. Com certeza apelido que as irmãs lhe deram em menino.

Aliás, seu Ernesto não tinha somente irmãs. Havia também um irmão, que é hoje sub-oficial da Armada. Não sei se mais velho ou mais moço que seu Ernesto. Creio que mais moço, porque, ao contrario, já estaria reformado. E' mesmo provavel que houvesse entre eles grande diferença de idade. Mas com a irmã que o visitara na vespera é que ele deveria ter sido mais ligado. Era a unica que parecia sentir pezar pela morte dele.

De resto, as relações que ele mantinha com a familia, desde o tempo em que se decidiu casar com D. Amalia, eram muito poucas.

Trabalhava na Garantia da Amazonia quando a conheceu. Ela era então creada de servir não sei em que rua. A princípio, o casamento parecia ter dado certo, apesar de o ter incompatibilizado mais ou menos com a familia. Mas, de certa altura em deante, desandou-lhes a vida pouco a pouco.

Seu Ernesto principiou a sofrer aquelas dôres tremendas, que procurava aliviar com agulhas preparadas segundo receitas do espiritismo. D. Amalia deu para emagrecer e tossir.

Cancer no pilóro versus tuberculose pulmonar.

Nos ultimos tempos, moravam numa casa de comodos da rua General Pedra. Seu Ernesto dizia que o quarto era bom: uma sala de frente, espaçosa e ventilada. Os inconvenientes decorriam da poeira das imediações e do carvão de pedra da linha de trem, que ficava perto. O diabo, porém, era a senhoria. Segundo seu Ernesto, boa pessoa em estado normal: tomára até uma creança pobre para criar e tratava-a como se fosse um filho. Mas quando se danava a beber, não havia mais

quem pudesse com ela, até o momento em que o marido se dispunha a lhe dar uma surra.

Em tais oportunidades, aliás frequentes, seu Ernesto via o diabo, tendo que se utilizar da cozinha comum para preparar as refeições dele e de D. Amalia, que não tinha mais saúde para serviço pesado. A senhoria envenenava-lhe a alma com deboches azedos, chegando muitas vezes ás injúrias pesadas. Ele era homem que não sabia ficar calado. Mas D. Amalia não gostava de discussões e, cada vez que a senhoria tomava uma bebedeira, ela era atacada de sufocação e não sossegava enquanto não disparasse para a rua com o marido. Porque “embora pobre, tinha, graças a Deus, outra educação e não podia ver certas coisas”.

Mas o que parecia inconcebível, depois de apurado o caso do cancer no pilóro, era a resistencia de seu Ernesto á dôr física. E' certo que por duas ou três vezes ele chegou a se recolher ao hospital da Ordem. (O pai, português prático e apatacado, fizera de todos os filhos irmãos da Ordem Terceira da Penitência). Era, entretanto, incrível que seu Ernesto tivesse podido, com as dôres atrozes que devia sentir, trabalhar, como trabalhava, a semana toda no escritorio e ainda cozinhar diariamente e lavar a roupa do casal, para poupar cansaera á mulher. Tudo isso até ha muito pouco tempo: quer dizer até a última extremidade.

— A senhora soube si ele sofreu muito êstes ultimos dias?

— Sofreu muito, coitado. E morreu sózinho aqui. A mulher não veiu ontem, que era dia de visita, porque disse que estava ameaçando chuva e ela tinha medo de adoecer. Eu, que lá em casa estou com uma porção de meninos para crear, não deixei de vir fazer um pouquinho de companhia a ele. Só não pude ficar mais porque precisava de ver as creanças e tratar da janta. Mas o senhor não acha que ela devia de vir e de ficar até o pobre do marido acabar? Pi só falava nela e até na hora de morrer queria levantar pra ir junto dela. Enfim, são destas coisas que a gente não entende ou, por outra, entende demais. O senhor não acha?

— Talvez ela não percebesse a gravidade do estado de seu Ernesto.

A resposta foi dada com constrangimento. Minha conhecida unica era ali a propria D. Amalia, que procurei então com os olhos, fixos desde a chegada sôbre o cadaver. Ela andava, agitada, de uma extremidade á outra do necroterio, murmurando coisas sôbre a chuvarada que ameaçava desabar. De vez em quando parecia espreitar o que a cunhada me dizia. Mas não se aproximava de nós, nem sossegava um minuto.

A tempestade que se armava era realmente alarmante. A tarde viera escurecendo de mais a mais e agora a ventania principiara a sacudir com ruido as copas pesadas das árvores que sombreavam o pateo do hospital. Caminhei até a porta para espiar o céu coberto de nuvens escuras como um toldo encardido ameaçando romper-se.

— Com essa chuva desesperada que vai cair eu não posso ir ao cemiterio, meu Deus do Céu... Nosso Senhor me tirou a saúde e se eu apanhar chuva e ficar com a roupa e os pés molhados eu não sei o que será de mim, meu Deus do Céu... O doutor falou que eu não podia ficar com os pés molhados... Coitadinho de Pi, Deus Nosso Senhor está lá no Céu, sabe que eu queria tanto acompanhar ele até no cemiterio, mas eu não posso ficar com a roupa e os pés molhados porque Nosso Senhor me tirou a saúde e agora eu não tenho mais quem cuide de mim... Com essa chuva que vem aí eu não posso ir no cemiterio. O senhor não acha?

Enquanto D. Amalia falava, sempre depressa e com a respiração ofegante, a cunhada fitava-a com uma expressão amargamente hostil. Já as duas outras irmãs de seu Ernesto, a de chapéu e a terceira, haviam transposto a porta do necroterio, e, com as demais parentes (uma das quais caôlha), se tinham aglomerado num canto em que havia bancos.

Resmunguei qualquer coisa ininteligivel como resposta á pergunta angustiosa de D. Amalia. Em seguida, convidei-a a

vir comigo até junto do corpo de seu Ernesto, pois a hora do entêrro não tardava.

Ela fez uns poucos passos hesitantes em direção á mesa sôbre a qual se achava o caixão. E á medida que eu me acercava mais do cadaver ela ia, pouco a pouco, se esgueirando em outro sentido.

A cunhada estava cada vez mais amarga com D. Amalia. E esta, evidentemente possuida de um medo invencível do cadaver, recomeçara a sua caminhada nervosa de um lado para outro do necroterio, sempre a se lamentar sôbre a tempestade iminente.

Entretanto, como já faltavam apenas poucos minutos para a hora do entêrro, entraram os empregados da Ordem incumbidos de transportar o caixão até o coche funebre, que esperava embaixo da ladeira. Com o aparecimento dos homens fardados, as parentes de seu Ernesto se movimentaram todas em direção ao corpo, para assistir ao fechamento do caixão. Seu Guimarães tambem aproximou-se.

— Vem ao menos despedir dele, disse a irmã irritada a D. Amalia, que continuava a se agitar pelos cantos do necroterio.

A viuva fez menção de encaminhar-se para o ponto em que todos se achavam reunidos, em tórno do corpo de seu Ernesto. Tinha, porém, dado apenas uns três passos, quando o medo a deteve:

— Eu não posso.

Ela disse estas palavras com uma voz exausta. Então, apiedado, voltei-me para as irmãs de seu Ernesto, ensaiando uma justificativa da attitude de D. Amalia, procurando explicar o medo pelo estado deploravel da saúde dela e pela nervosia extrema em que se achava. Mas uma das cunhadas de D. Amalia me interrompeu com azedume:

— Ela está com medo do pobre do marido que morreu por causa dela? Disse que não póde nem despedir dele? Ela tem nervo de ver ele? Isso é porque ficou com a consciencia

suja. Ela devia ter é medo do castigo. A gente paga essas coisas, senão neste mundo mesmo, no outro mundo. Mal agradecida! Nem mesmo pra se despedir do desgraçado que sacrificou a vida por causa dela. Se ele ficou ruim e morreu, foi de tanto trabalhar pra ela. Não era só ganhar a vida dele, coitado. Era cozinhar, lavar roupa, varrer o quarto, pra ela ficar no seu bem bom...

Apesar das censuras acerbas que lhe fazia em voz alta a cunhada, D. Amalia proseguia na sua caminhada tonta, á distância. Fui á sua procura para induzí-la a aproximar-se do corpo, ao menos para pôr termo áquela explosão de resentimento da familia do marido.

— Eu não gosto de questões, não estou acostumada com essas coisas. Eu sou pobre, mas tenho, graças a Deus, outra educação...

D. Amalia ia me repetindo o que tantas vezes já dissera a proposito das brigas com a portuguesa, proprietaria da casa de comodos da rua General Pedra. Mas, pouco a pouco, deixava-se conduzir até junto ao caixão.

Com sua presença ao pé do corpo cessaram as recriminações ameaçadoras da cunhada, que tinham continuado enquanto eu falava a D. Amalia.

Esta, depois de alguns momentos de imobilidade silenciosa, perguntou quasi ao meu ouvido:

— O senhor acha que eu devo beijar ele?

Seu Guimarães, que se encontrava tambem a meu lado, principiou a dar mostras de impaciencia, resmungando uma especie de protesto.

— Acho que sim, D. Amalia.

Ela não se decidia, aterrada. Até aquele momento não ousara sequer deter a vista um momento sôbre o cadaver do marido. Olhava insistentemente no sentido da porta, com a idéa fixa da chuva que não poderia tardar.

Passados mais alguns minutos, perguntou novamente:

— O senhor acha que eu devo beijar ele? Eu não posso, eu não tenho coragem.

Seu Guimarães não se conteve mais:

— E esta! Pensa que os outros é que hão de saber si ela beija o marido ou não! Homessa!

Mas eu fui dizendo a D. Amalia:

— Acho que a senhora deve. Isso não ha de ser muito custoso. E' coisa só de um instante. E se a senhora não beijar, a familia vai ficar aborrecida, achando que a senhora não tinha estima a seu marido. A familia não comprehende essas coisas. Pensa que a sua nervosia é pouco caso e falta de amizade a seu Ernesto.

Tudo isso foi respondido tambem em voz muito baixa, para não ser ouvido pelas cunhadas e sobrinhas de D. Amalia.

Ela hesitou ainda muito. Aproximava-se do caixão e recuava. Decidiu-se afinal e beijou o cadaver na frente.

As irmãs e sobrinhas se curvaram, em seguida, uma a uma, sôbre o corpo de seu Ernesto, até que, terminada a despedida da familia, os homens fardados se apoderaram do caixão. Ao fecharem-no, vi ainda de relance o rosto fino de seu Ernesto, parecido com o retrato do Marquês de Olinda.

O entêrro tinha de se fazer no cemiterio da Ordem da Penitência, ao lado do do Cajú.

D. Amalia, depois de relutar bastante por causa da chuva proxima, consentiu em seguir o feretro, de automovel, em nossa companhia. As irmãs tomaram outro carro, que constituia com o nosso o cortejo.

Seu Guimarães, ao lado do chauffeur, iniciou uma conversa sôbre as regalias que desfrutavam os irmãos da Ordem da Penitência: remedios, médico, hospital, tudo de graça e á vontade, enquanto durasse a vida, e, depois da morte, ainda o entêrro e a sepultura de graça.

D. Amalia, no entanto, principiara simultaneamente a fazer considerações sôbre o beijo que dera ao cadaver.

— Agora eu já estou consolada porque pude beijar ele. E' um alívio que eu sinto de ter beijado ele. Coitadinho de Pi, ele não mudou nada: estava direitinho ele. O senhor não achou? Só naquela hora é que eu tive coragem de olhar bem

pra ele e vi como ele estava bonitinho. Eu tive medo que ele ficasse diferente, mas ficou direitinho ele mesmo e eu senti um alívio de ter beijado ele. Ele gostava tanto de me beijar. Inda outro dia, quando eu fui ver ele lá no hospital, ele sentou na cama e me pediu que desse nele um beijinho. Eu fiquei com uma vergonha. Aquela gente toda ali na enfermaria. Podia até um vigilante dizer á gente alguma coisa e eu morria de vergonha, Deus Nosso Senhor me livre. Mas Pi gostava tanto de me pedir um beijinho. Eu fiquei aliviada de ter ao menos beijado ele pra despedir... Nossa Senhora! a chuva já começou. Eu não tenho saúde pra apanhar chuva. Deus Nosso Senhor me tirou a saúde e eu não posso ficar com os pés molhados, nem com roupa molhada no corpo. O doutor falou que eu não posso e que é veneno pra mim apanhar humidade. Eu nem sei o que será de mim, agora. Mas tenho muita confiança em Deus Nosso Senhor e em Nossa Senhora e também no senhor e no Dr. João, que hão de me ajudar porque sabem que eu não tenho mais ninguém por mim e sempre foram muito bons pra Pi e ele estimava muito os senhores, o senhor e Dr. João. Essa gente da familia dele não gosta de mim e eu não gosto de questões, porque tenho outra educação, graças a Deus. Sou pobre, mas não estou acostumada com essas coisas. Eu fui creada de outro modo e não posso com essas coisas, Deus Nosso Senhor me livre...

Durante todo o trajeto D. Amalia falou sem cessar, apesar da dificuldade de sua respiração, agravada provavelmente pelas emoções e pelo cansaço. Mas, desde que entrámos pela rua São Cristóvão, a chuva aumentou consideravelmente e ela pôs-se a repetir apenas o que já tinha dito mil vezes sôbre os inconvenientes de molhar a roupa e os pés. Quando chegámos ao portão do cemiterio e como as cunhadas se aproximassem do nosso automovel, que viera por último, D. Amalia declarou-lhes que não poderia descer para acompanhar o caixão até á sepultura.

— Deus Nosso Senhor ha de me perdoar de não levar Pi até lá em cima, porque ele me tirou a saúde e esta chuva é

um veneno pra mim. O doutor já disse que eu não podia ficar com os pés molhados e com roupa molhada no corpo...

As irmãs de seu Ernesto reagiram com violencia.

— Que é que tem, pr'ocê, adoecer, agora que seu marido morreu de tanto trabalhar e penar pra te sustentar e pra te dar sossêgo? Que mal faz você apanhar chuva uma hora que Pi não está aí mais? Então você importa lá com a vida e com chuva, sem ele? Você não tem é coração nenhum nesse corpo.

Seu Guimarães interveiu:

— Póde descer com meu guarda-chuva. A senhora não adoece não, que a subida é calçada e tem cimento até lá em cima. Pode descer por minha conta.

Entre as invectivas das cunhadas, D. Amalia desceu afinal do automovel, quando os empregados do cemiterio que empunhavam as alças do caixão já se manifestavam impacientes com a demora sob a chuva. Seguimos atraz deles ladeira acima, sem que as irmãs de seu Ernesto cessassem de recriminar amargamente.

— Ora se já se viu semelhante coisa. Ela que se importa com o pobre do homem que morreu? O que ela quer é não molhar os pés pra não adoecer. Outra havia de querer morrer quando ficou sem ele. Esta não, ela nem quer levar o marido pra sepultura, pra não molhar os pés. Quê que tem adoecer depois que pobre de Pi morreu e não está mais aí pra vigiar você?

— Muito mal agradecida é que ela é e sempre foi, toda vida. Pi fez tudo pra ela e penou até morrer. Foi o que ele tirou de casar com gente da laia dela.

— Olha, se paga a pena viver sem ele agora. Comer e beber depois que ele morreu e sofreu tanto. Já se viu disso? Gente que tivesse coração incomodava lá com chuva e pé molhado, na hora de seguir o caixão do marido até na cova? Pobre de Pi foi mesmo muito desgraçado.

Seu Guimarães achou improprias aquelas explosões de sentimento á hora do entêrro:

— Isso é até uma falta de respeito. Eu nunca vi isso na minha vida. As senhoras hão de ficar caladas e de acompanhar o entêrro com respeito. A D. Amalia bem que desceu, e as brigas a gente deixa pra outra hora. Até esses homens hão de estranhar esse bate-bôca no cemiterio.

D. Amalia, entretanto, parecia insensivel e surda, quer ás censuras das cunhadas, quer ás ponderações decorosas de seu Guimarães. Ia falando sozinha sôbre o alívio que lhe causara o beijo de despedida ao marido.

— Tão bonzinho que ele era e tão acomodado. Aquele genio de resmungar e pegar a falar toda vida era costume dele só. O coração dele era muito bom e ele não sabia fazer mal a ninguem. Era uma dama.

Já o caixão tinha baixado ao fundo da sepultura prêso ás correntes, com certa dificuldade. Os coveiros cobriam-no agora de terra vermelha, com as pás apressadas pela chuva. A tarde escurecera rapidamente, quando terminou o trabalho dos coveiros.

Houve um silêncio de alguns minutos depois que a última pá tinha ajeitado a terra fofa sôbre a sepultura e correra com um ruido irritante sôbre os bordos de cimento da cóva.

D. Amalia, de repente, pôs-se a falar, no momento em que um homem colocava sôbre a sepultura a corôa de biscuit e os ramos de flores trazidos a seu Ernesto.

— Adeus, meu marido, meu amado marido. Descansa sossegado e em paz com Nosso Senhor. Essas flores, estas rosas ficam aí, assim como a saudade no meu coração...

Era uma especie de discurso, uma coisa inteiramente imprevisivel em D. Amalia, áquela hora, debaixo de chuva.

— Ora, saudade no coração... Isso tudo é da bôca pra fóra.

— As flores podem murchar, mas a saudade e o amor
hão de ficar no meu coração enquanto ele bater!

As irmãs de seu Ernesto já desciam a ladeira, de volta,
enojadas.

Despedimo-nos friamente, no portão do cemiterio, mas ainda
fui com seu Guimarães acompanhar D. Amalia, de automovel,
até uma avenida da rua Machado Coelho, perto do Mangue.

RODRIGO M. F. DE ANDRADE

Populações paulistas (V)

7. O Negro (conclusão).

Uma das causas da inferioridade demografica apresentada pelo negro, como já disse, reside na sua propria inferioridade fisiologica e psicologica. E ha uma correlação entre a fisiologia e a psicologia do negro e as do mulato. A grande mortalidade dessa gente, causada por determinadas afecções da sua constituição fisiologica, indica uma fraqueza, ou pelo menos uma certa diferença em relação ao branco, diferença essa que, agravada pela má adaptação ao ambiente, constitui uma inferioridade.

Assim, o seu aparelho respiratorio. O negro e o mulato são, a esse respeito, inferiores ao branco. Segundo penso, a pressão arterial daqueles é mais elevada do que a do último, o que se deve talvez ao habito inveterado do alcoolismo. Essa pressão arterial mais intensa, aliada á miseria organica advinda de uma inferioridade de ordem sociologica, lhes torna o aparelho respiratorio mais suscetivel de afecções. De fato, é esta a mortalidade dos brancos, comparada á dos negros e mulatos, no que refere aos vicios de circulação:

| | <i>Brancos</i> | <i>Negros</i> | <i>Mulatos</i> |
|--------------------------|----------------|---------------|----------------|
| Capital | 86.4 % | 8.3 % | 5.3 % |
| Santos | 90.1 % | 3.9 % | 6.0 % |
| Campinas | 64.1 % | 22.9 % | 13.0 % |
| Ribeirão Preto | 81.7 % | 15.3 % | 2.9 % |
| Guaratinguetá | 64.1 % | 17.9 % | 17.9 % |

E' esse o resultado das embolias, das arteric-escleroses, das aortites, dos aneurismas, etc., causados possivelmente pelos efeitos perniciosos do alcoolismo desregrado, aliado ás miserias organicas que resultam da inferioridade sociologica do negro e do mulato.

Tambem é de se notar, entre os melanicos, a elevadissima porcentagem de coeficiente na nati-mortalidade. Não sei se devida, no que respeita aos mulatos, á coexistencia de uma hibridéz heteromorfica, como diria o grande Broca, mas em todo o caso manifesta nas estatisticas. Relativamente ao ano de 1927, consegui apurar os seguintes dados:

| | NATALIDADE DE 100 | | NATI-MORTALIDADE DE 100 | |
|-----------------|----------------------|----------------|----------------------------|----------------|
| | <i>Negros</i> | <i>Mulatos</i> | <i>Negros</i> | <i>Mulatos</i> |
| Capital. . . . | 2.1 % | 3.2 % | 6.8 % | 8.9 % |
| Santos | 0.3 % | 0.9 % | 6.1 % | 11.6 % |
| Campinas . . . | 3.2 % | 3.7 % | 8.5 % | 11.1 % |
| Ribeirão Preto | 4.0 % | 5.3 % | 14.2 % | 8.3 % |
| S. Carlos . . . | 6.3 % | 3.7 % | 7.7 % | 4.4 % |
| Guaratinguetá | 5.5 % | 10.9 % | 9.3 % | 24.4 % |
| Botucatu . . . | 1.3 % | 0.6 % | — | 8.8 % |

Creio que as altas porcentagens do negro, no que respeita á nati-mortalidade, resultam da miseria organica, do alcoolismo, da falta de higiene pre-natal e outros fatores semelhantes que vêm forçando o desaparecimento da estirpe, suicida inconciente.

Quanto ao mulato, seria de presumir uma atenuação dessa degenerescencia. No meu trabalho *Raça de Gigantes*, tratando da mestiçagem do europeu iberico com o indio, penso ter provado exuberantemente a excelencia de tal cruzamento. E', porém, absurdo tirar de um caso isolado qualquer regra fixa para os cruzamentos em geral. Erram, portanto, os generalizadores que louvam irrestritamente os cruzamentos sem a cautela de análises "a posteriori", como do mesmo modo erram

totalmente os que querem estabelecer uma norma fixa condenadora para todos os casos de mestiçagem. Nesse capítulo científico, é imprescindível um prudente ecletismo. Porque ha de fato cruzamentos infelizes e cruzamentos magníficos.

Assim, ao passo que o mameluco foi um resultado estupendo da mestiçagem de duas raças diferentes, o mulato não pôde ser considerado um produto feliz do cruzamento do branco com o negro. Tudo depende, portanto, das estirpes matrizes. E o cruzamento pode ou não dar bons resultados. Só a experiencia, o conhecimento demorado, a análise cuidadosa de cada caso, permitem deduzir qualquer cousa de positivo. Imitar os norte-americanos, que sem o menor exame, sem o menor estudo, condenam "a priori" a mestiçagem, é enveredar por caminho errado. Aliás, grandes cientistas franceses, como Apert (*Le problème des races et de l'immigration en France*) comungam nas mesmas ideas, procurando sustentar que qualquer corrente imigratoria só pode produzir maus efeitos para a Eugenia, porque daquela decorre o cruzamento que para esta é sempre nefasto.

Há inumeros exemplos de mestiçagens felizes e eu mesmo já tive ocasião de proceder a análises detalhadas e completas com referencia ao cruzamento do europeu com o indio.

Outro ponto, em que se manifesta a inferioridade dos melânicos deante dos brancos, é o referente á mortalidade causada pela tuberculose pulmonar. As estatisticas o comprovam eloquentemente:

| | MORTALIDADE GERAL EM 100 | | MORTALIDADE PELA TUBER- CULOSE EM 100 | |
|----------------|-----------------------------|----------------|---|----------------|
| | <i>Negros</i> | <i>Mulatos</i> | <i>Negros</i> | <i>Mulatos</i> |
| Capital. . . | 6.4 % | 6.5 % | 15.7 % | 16.1 % |
| Santos . . . | 5.4 % | 9.1 % | 8.0 % | 10.4 % |
| Campinas . . | 11.5 % | 14.2 % | 28.7 % | 20.0 % |
| Ribeirão Preto | 10.7 % | 9.2 % | 39.0 % | 19.5 % |
| S. Carlos . . | 10.3 % | 6.9 % | 21.7 % | 12.6 % |
| Guaratinguetá | 14.3 % | 11.4 % | 15.6 % | 25.0 % |
| Botucatu . . | 1.4 % | 4.4 % | — | 15.7 % |

A tuberculose é, pois, uma das causas que mais influem para o proximo desaparecimento do melanico. E essa propensão para a tuberculose repousa em duas fôrças que se aliam:

a) A pobreza organica resultante do desconforto que dá a inferioridade social. Mal alimentados, sem higiene, esgotados por uma luta cada vez mais intensa e que por isso lhes exige uma atividade sempre crescente, o negro e o mulato acabam por baquear, extenuados.

b) A conformação racial do negro. Sua maior espessura dermica sobrecarrega a respiração pelos pulmões. Menos intensa como é a respiração cutanea, as bruscas alternativas termometricas do planalto paulista afetam sobremaneira o aparelho pulmonar.

A inferioridade sociologica e fisiologica do negro e do mulato apressa, portanto, a sua extinção. Aperta-os um circulo vicioso: são socialmente inferiores, vencidos na concorrência vital, por falta de instrução, e não podem adquirí-la por absoluta falta de meios. O seu indice de analfabetismo é revelado por uma estatística organizada pelo dr. Lobo da Silva, que examinou várias dezenas de milhares de soldados do Exercito:

ANALFABETOS NO BRASIL

| | <i>Branços</i> | <i>Negros</i> | <i>Mulatos e outros mestiços</i> |
|--------------------------|----------------|---------------|--------------------------------------|
| Amazonas | 8.7 % | 30.8 % | 22.8 % |
| Pará | 14.1 % | 39.8 % | 26.7 % |
| Maranhão. | 6.0 % | 44.4 % | 12.5 % |
| Piauí | 23.9 % | 68.7 % | 52.4 % |
| Ceará | 19.9 % | 55.4 % | 41.1 % |
| Rio Grande do Norte | 15.3 % | 61.9 % | 37.6 % |
| Paraíba | 21.3 % | 57.9 % | 53.0 % |
| Pernambuco | 16.3 % | 58.1 % | 36.9 % |
| Alagoas | 12.8 % | 62.5 % | 53.7 % |
| Sergipe | 9.4 % | 62.0 % | 24.8 % |
| Baía | 11.7 % | 44.8 % | 38.0 % |
| Espirito Santo | 32.9 % | 56.2 % | 38.8 % |

| | | | |
|------------------------|--------|--------|--------|
| Rio de Janeiro . . . | 17.1 % | 53.6 % | 33.3 % |
| Distrito Federal . . . | 7.9 % | 32.7 % | 18.3 % |
| São Paulo | 25.7 % | 51.6 % | 43.1 % |
| Paraná. | 36.9 % | 61.5 % | 59.2 % |
| Santa Catarina . . . | 36.4 % | 55.5 % | 50.0 % |
| Rio Grande do Sul | 30.4 % | 83.3 % | 51.8 % |
| Minas | 26.4 % | 62.8 % | 45.7 % |
| Goiás | 36.4 % | 27.3 % | 42.2 % |
| Mato Grosso | 17.9 % | 83.3 % | 29.3 % |
| Brasil — média . . . | 22.1 % | 52.2 % | 37.1 % |

Como se vê, em todo o Brasil e particularmente em São Paulo, negros e mulatos estão em inferioridade, no que se refere á instrução. Mal preparados, são fatalmente vencidos, na luta pela vida, cada dia mais intensa. Gente decrepita, já em agonia rápida.

8. O Italiano.

Depois do negro, importado para o cultivo do café, veio a corrente imigratoria italiana, impetuosa e transbordante. A libertação do negro abriu um dique imenso, que desde longo tempo represava aguas. Os italianos vieram a partir de 1888, aqui desembarcando quasi um milhão de individuos. Tinhamos por aquella epoca 1.390.000 habitantes. Embora o utilitarismo dos cafesistas parecesse esmagar a nossa nacionalidade, o fenomeno era apenas a reprodução do que se passara nos Estados Unidos, onde a imigração aportara em proporções muito mais vastas.

E entre nós, esses italianos, vindos nas primeiras ondas imigratorias, se fixaram prontamente. Deixaram de ser “birds of passage”, como se celebrizaram nos Estados Unidos, para onde emigram solteiros, fixando-se nos centros urbanos, e tambem na Argentina, onde se destinam a uma cultura intermitente como é a do trigo, em que a máquina em grande

parte supre a mão de obra, permitindo as idas e vindas do imigrante.

O motivo dessa fixação na terra paulista é patente. Para ela vinham os italianos com suas famílias constituídas, contratados para a lavoura cafeeira, lavoura permanente que exige um trabalho constante. Nas fazendas estabeleciam, assim, os seus lares e construíam as suas casinhas típicas, estandardizadas, rodeadas de paiois, pomares, chiqueirões e pastinhos, onde iam formando pequenos domínios encravados nos latifúndios. Cultivando o café dos patrões, ao mesmo tempo trabalhavam para si mesmos, prosperando, reunindo economias. Semelhante regime os retinha forçosamente na terra de imigração.

Gente rustica e iletrada dos rebordos do Vesúvio, dos vinhedos da Apúglia e da Basilicata, ou ainda da Sicília e das planícies da Campania, os italianos do Sul, excelentes agricultores, racialmente ibericos do tipo atrigueirado de baixa estatura, iam enchendo os núcleos rurais do Estado, ligando-se aos nacionais que lhes comunicavam os seus costumes, o seu pensar e até o seu falar descansado e compassado. De ânimo exaltado, não raro se rebelavam, mais incitados ainda pelo contato com o elemento espanhol, ante qualquer rispidez do patrão habituado com o regime escravocrata. Revelava então o italiano sua índole bravia e vingativa, repetindo aqui as façanhas das camorras. Mas á voz prudente do seu "capo", volvia logo á labuta rural.

Dessa gente, muito pouca restará hoje com os atributos de italianidade. Penso mesmo que toda ela se foi, devorada pelo tempo. Seus filhos e netos constituem hoje a massa rural nas zonas da Mogiana e da Paulista, nesse amanho diuturno dos latifúndios cafeeiros, onde eles ainda mourejam nas enxadas, nas foices e nos machados.

Os italianos da chamada Alta Italia eram bem diferentes. Alpinos, braquioides e alourados de raça mixta com laivos do nordico, industriosos, ambiciosos, trouxeram o espirito urba-

nistico da Lombardia, do Piemonte, da Venetia, do Frioul. E por isso se estabeleceram de preferencia nas cidades. Na Capital, formaram o braço especializado das industrias. Artifices emeritos, não lhes foi difficil suplantar os nacionais como pintores, pedreiros, marceneiros, ferreiros, encanadores, sapateiros, empreiteiros, construtores, etc.. Devemos em boa parte a esses obreiros o desenvolvimento verdadeiramente assombroso da Capital paulista. E a eles ainda devemos muito do que são as cidades do Interior, entrepostos comerciais, centros ferroviarios, celulas industriais dêsse formidavel tecido organico que é o Estado de São Paulo.

Vindos com suas familias, como os do Sul, não foi pequeno o seu indice de fixação. Gordos e trapudos, rosto escanhado, corriam as ruas paulistanas, guiando as suas aranhas de rodas muito pequenas e puxadas por cavalos muito grandes, trotadores tordilhos, em visita á freguezia dos seus açougues ou em inspeção ás casas de sua construção. Em contato com o nacional, foram assimilados sem dificuldade, com suas proles numerosas, que hoje formam grande parte da população de São Paulo, Jundiaí, Campinas, Limeira e outras cidades que hajam evidenciado pendores industriais, e onde se encontram vestigios inapagaveis da sua passagem em todos os ramos da atividade humana. Assim, os italianos do Norte, embora mais impermeaveis á assimilação que os do Sul, quasi nenhum residuo nos deixaram tambem no processo de alambicamento sofrido. Os unicos elementos que deles ainda subsistem são os velhos ou então os filhos dos enriquecidos, educados na Italia, onde fizeram o serviço militar (sem entrar em guerras, porém...) e de onde volveram arrogantes, com as armas do fascismo na lapela, ou ainda os filhos dos remediados, instruidos nas escolas italianas e aí impregnados de italianidade. Entretanto, ainda esses refratarios á asimilação serão por fim absorvidos, a menos que não queiram se colocar em situação para eles intoleravel. Para os demais, para os que aprenderam

o alfabeto nas escolas publicas nacionais, as ideas imperialistas de Mussolini não têm a minima importancia.

A simples inspeção ocular revela as notaveis proporções do cruzamento do italiano com o nacional. E a estatistica demonstra ser esse elemento exotico o que mais se tem ligado com o paulista.

As primeiras correntes italianas, que tiveram início em 1888, vinham de uma região estritamente rural. Nesse fim do seculo 19 e início do seculo 20, não havia ainda soprado na Italia o vendaval da industrialização. A peninsula, apesar das suas três dezenas de milhões de habitantes, não possuia uma unica cidade com mais de 600.000 almas. O país recém-unificado, depois de secular divisão política em dezenas de infimos ducados, minusculos principados e microscopicas repúblicas, além das muitas terras que gemiam sob o poderio estrangeiro ou dos estados pontificios, não solidificara o seu espirito nacional, nem muito menos as suas tradições militares, de modo a assanhar a pacatez dos habitantes. Pouco tempo atraz, não passava a Italia de uma expressão geografica definida pelo idioma, mais ou menos comum a toda a população, das penhas do Piemonte ou da Lombardia aos valados da Calabria ou da Sicilia. Racialmente, eram os italianos profundamente desiguais. E se por um lado, o laço religioso do catolicismo os irmanava, por outro, um longo passado de lutas os disassociava. O entusiasmo que ainda podiam despertar as vitórias de Solferino e de Magenta em 1859, obtidas graças a Napoleão III, era apagado pela lembrança amarga de Custoza, Novara e Lissa em 1866. Para animar-lhes o patriotismo, só havia as façanhas curtas e meteoricas de Garibaldi.

Assim, a Italia não possuia então uma conciencia nacional concretizada, ao contrário da Alemanha, que depois daquela se congregara em tórno da Prussia dos Hohenzolern. Formada por estados mais importantes do que os ducados italianos, a Ale-

manha possuía, para exaltar a psicologia coletiva, o prestígio arrogante das vitórias militares de 1870-1871, conquistadas, sem o auxílio de estrangeiros, contra a nação tida como primeira potencia militar do ocidente europeu, herdeira direta das tradições napoleonicas. Era o que faltava aos italianos, talvez por isso mesmo modestos, humildes até, sem orgulho nacional e sem prosapias militares.

Os italianos do Sul, que mais avultaram na onde imigratoria que nos procurou, não tinham motivos para se envaidecer do seu passado. Sempre governados por estrangeiros, não se houveram com muita honra por ocasião das correrias napoleonicas, com Murat ou José Bonaparte. Os do Norte, esses, traziam tambem o travo amargo de um passado pobre de glórias militares, sob o jugo dos Habsburg, na Venetia, na Lombardia, no Trentino. Os do Centro, por sua vez, vivendo nos principados que dividiam em mosaicos os Apeninos, os Abruzos, a Toscana, a Campania, a Liguria e assim por diante, nenhuma recordação poderiam alimentar de qualquer poderio belico, político ou economico. Depois dos fulgores da Renascença, pode-se dizer que a península página alguma acrescentou ao livro de seu passado.

Por tudo isso, a psicologia do imigrante italiano das primeiras correntes aqui chegadas era ductil e timida, moldando-se com facilidade ao ambiente. Pobres, de progenie plebea, sem braços ou signos heraldicos (que só adquiriam depois de enriquecidos no Brasil), os italianos dessas grandes ondas imigratorias cruzaram-se admiravelmente com a gente preexistente no planalto paulista.

De espirito altamente democratico, sem preconceitos, sem empafias, o paulista criara um ambiente propício para a adaptação do italiano e seu cruzamento com o nacional. E êste foi, como não podia deixar de ser, rapido e vultoso. Para a luta etnica, iniciada pela imigração em 1888, o elemento italiano era o que melhor convinha ao sentimento de brasilidade. A Europa não nos poderia ter enviado outro mais apropriado, nem

mesmo os da península iberica, segundo verificaremos em outro capítulo dêste estudo.

De acôrdo com os dados constantes do *Anuario Demografico* de 1927, consegui organizar o seguinte quadro, referente aos cruzamentos do elemento italiano, bem como á sua perpetuação por amixia, isto é, por casamentos entre individuos da mesma estirpe:

| | <i>Casamentos com brasileiros</i> | <i>Casamentos com indivi- duos de outras nacionalidades</i> | <i>Casamentos entre italianos</i> |
|--------------------------|---|---|---|
| Capital | 62.2 % | 13.6 % | 24.2 % |
| Santos | 68.4 % | 10.5 % | 21.1 % |
| Campinas | 71.7 % | 11.0 % | 17.3 % |
| Ribeirão Preto | 66.6 % | 17.5 % | 15.9 % |
| São Carlos | 82.9 % | 8.6 % | 8.5 % |
| Guaratinguetá | 85.7 % | — | 14.3 % |
| Botucatu | 73.3 % | 16.7 % | 10.0 % |
| Total do Interior | 75.2 % | 7.5 % | 17.3 % |
| Total do Estado | 69.3 % | 10.5 % | 20.2 % |

Esse quadro elucida perfeitamente o que tem sido o cruzamento da estirpe italiana com a nacional, feito em proporções muito superiores ás dos casamentos por amixia (entre italianos). Igualmente boa é a porcentagem dos cruzamentos com outros elementos exóticos, atingindo a metade dos casamentos entre italianos, sendo que as duas proporções reunidas não chegam a um terço do total dos casamentos em que figura o elemento italiano. E', sem sombra de dúvida, um magnifico resultado.

Esse quadro é confirmado por outro, relativo á natalidade, ainda que as conclusões dêste sejam menos nitidas, menos acentuadas no sentido da assimilação, porque reflete uma situação mais remota, cujos resultados só agora estão surgindo:

| | <i>Filhos de italianos e brasileiros</i> | <i>Filhos de italianos e individuos de outra nacionalidade</i> | <i>Filhos de italianos</i> |
|----------------|--|--|----------------------------|
| Capital . . . | 40.5 % | 10.6 % | 48.9 % |
| Santos . . . | 40.5 % | 22.6 % | 36.9 % |
| Campinas . . | 53.5 % | 6.4 % | 40.1 % |
| Ribeirão Preto | 47.3 % | 11.9 % | 40.8 % |
| São Carlos. . | 43.1 % | 10.9 % | 46.0 % |
| Guaratinguetá | 84.2 % | — | 15.8 % |
| Botucatu . . | 45.7 % | 16.8 % | 37.5 % |

Os quadros revelam que o ambiente do Interior é mais próprio aos cruzamentos. De fato, o convívio é aí mais intenso, assíduo e nivelador, aproximando mais intimamente os elementos de origem diversa, entrelaçando-os e confundindo-os. O contrário do que se dá nas cidades industriais e nos grandes centros urbanos, onde as estirpes se segregam, o meio é menos democrático, as classes sociais vivem afastadas umas das outras. Apesar disso, ainda nessas cidades de mais importância demográfica, a começar pela Capital, o cruzamento com o italiano está se processando em proporções extraordinárias. Dentro em breve, o cruzamento terá nivelado todas as estirpes exóticas, ligando-as à nacional, principalmente a italiana de que só restam hoje resíduos sem importância, que a mortalidade não suprida por novas ondas imigratórias fará logo desaparecer.

Já acentuei que o italiano, vindo para São Paulo em estado de pobreza e até humildade (a consciência rígida de italianidade só se manifesta nos chegados depois da guerra de 1914-1918), era também muito inculto. Grande teria sido a porcentagem de analfabetos nas primeiras ondas imigratórias, como revela, relativamente às que vieram de 1908 a 1927, o já citado *Relatório da Secretaria da Agricultura*, nesta estatística:

| | | |
|-------------------------------|---------|----------------|
| Alemães | 4.29 % | de analfabetos |
| Iugo-Slavos | 7.92 % | |
| Rumenos | 9.69 % | |
| Japoneses | 10.61 % | |
| Brasileiros de outros Estados | 11.76 % | |
| Austriacos | 12.43 % | |
| Sirios | 28.37 % | |
| ITALIANOS | 28.72 % | |
| Portugueses | 48.27 % | |
| Espanhois | 53.71 % | |

Da má figura que nesse quadro faz o elemento italiano, pode-se aquilatar o índice de analfabetismo das correntes imigratorias vindas em épocas muito anteriores. O que concorreu, aliás, para a rapidez de sua assimilação. Mesmo porque, e isso explica em parte a alta porcentagem de analfabetos, as correntes italianas traziam elevado número de crianças. Com efeito, o *Relatorio* assim estabelece as porcentagens de adultos, de acôrdo com as nacionalidades:

| | | |
|-------------------------------|--------|------------|
| Espanhois | 68.2 % | de adultos |
| Japoneses | 75.9 % | |
| ITALIANOS | 77.8 % | |
| Portugueses | 81.1 % | |
| Alemães | 83.2 % | |
| Sirios | 85.0 % | |
| Brasileiros de outros Estados | 88.1 % | |

Os elementos colonizadores, vindos para se estabelecer no país, trazem consigo suas famílias, fazem-se acompanhar de crianças de várias idades. Assim, os espanhois, os japoneses e os italianos. São os que se fixam melhor no solo, radicados no lugar do trabalho, ao contrário dos de espirito mais aventureiro e que menos se familiarizam com o ambiente. Assim, os sirios, os portugueses, os alemães e tambem os italianos chegados ultimamente, depois que na Italia se formou uma conciencia nacional que a grande guerra solidificou e o imperialismo de Mussolini hipertrofiou. Estes últimos constituem outro tipo de

imigrante, que não é o colonizador. São simples aventureiros, "birds of passage" ou andorinhas, que voltam á patria logo que conseguem alguns recursos. Deles não temos necessidade.

São muito poucos, felizmente, os italianos dêsse tipo.

No que se refere á repartição dos imigrantes italianos, de acôrdo com as sua provincias de origem, nada posso adeantar de positivo. O *Departamento Estadual do Trabalho* não se preocupou com esse detalhe, julgado de pouca importancia. Erro evidente, porém. Tratando-se da composição da população paulista, deveríamos saber qual, da gente do Sul ou do Norte italiano, para ela entrou em maior proporção. Porque ha uma diferença enorme entre o italiano do Veneto ou do Piemonte e o napolitano ou calabrés. Diferença que não se resume nos costumes e no idioma (ou, melhor, dialeto). Mas se acentua na psicologia, na fisiologia e na somatologica. A Italia, longe de ser uma unidade etnica, não é senão uma expressão política. Sobretudo quando a imigração italiana começou a demandar a terra paulista, era o da religião o unico laço que unia os habitantes da península. A união italiana era então um mero acidente da política europea.

Na falta de estatísticas officiais nossas, sou obrigado a recorrer aos dados de outros paises, como os referentes aos imigrantes italianos que entraram nos Estados Unidos pela mesma epoca, guardadas as devidas proporções. Segundo Hall (*Immigration*), os norte-americanos receberam, em 1904, 194.028 emigrantes italianos, dos quais 159.329 do Sul (Abruzos, Umbria, Roma, Campania, Apulia, Basilicata, Calabria, Sicilia e Sardenha) e 36.699 do Norte (Piemonte, Liguria, Emilia, Lombardia e Veneto). Nos Estados Unidos, os italianos do Norte, a principio em maior número, foram depois suplantados pelos do Sul.

Adotando essas porcentagens para São Paulo, temos que dos 930.735 italianos aqui recebidos, deveriam ser do Sul 657.651 e 273.084 do Norte.

E' preciso, porém, ter em vista que a divisão entre províncias do Sul e do Norte, feita pelos norte-americanos e mencionada por Hall, não corresponde á científica baseada na separação racial entre "alpinus" e "meridionalis" italianos, já que incluem como do Sul regiões nas quais prepondera o tipo alpino, como Roma, Umbria, Campania e outras (Rudolfo Livi, *Antropometria*; Ripley, *The races of Europe*). Dessa forma, para que se possa fazer uma idea mais ou menos segura a respeito da divisão racial dos imigrantes italianos vindos para São Paulo, é necessario efetuar um desconto que restabeleça o equilibrio, corrigindo assim a separação arbitraria dos funcionarios norte-americanos. Calculo que esse desconto deve ser de 10%. E, assim, São Paulo teria recebido 591.760 italianos do Sul (tipo "meridionalis") e 338.835 do Norte (tipo "alpinus"). Cálculo, que embora não seja senão aproximativo, não deve estar muito longe da verdade.

(continua)

ALFREDO ELLIS (JUNIOR)

Menina de ôlho no fundo

Belazarte me contou:

Você é músico, e do conservatorio grande lá da avenida São João, por isso ha-de se divertir com o caso...

O maestro Marchese era maestro uma ova! Foi mas violinista duma companhia de operetas, isso sim. Até me contaram que na Italia êle esfregava rabeção num barzinho de Genova, não sei. Chegou aqui, virou maestro. Mas como não tinha bastante aluno particular, botou uma especie de escola de música diurna e serale numa casinha da avenida Rangel Pestana, lá no Brás. Cinco mil réis mensais por cabeça, trazendo instrumento. O maestro ensinava tudo, canto piano violino caquinho sanfona. Choveu aluno que nem passarão no rio Negro tempo de migrar. O Marchese não dava mais conta do recado e precisou de tomar uns professores de ajuda.

Mesmo no Brás tinha um moço muito bomzinho, coitado! que estudava violino com o professor Bastiani, colega de você. Pra encurtar: o maestro Marchese mandou chamar o Carlos da Silva Gomes, e lá ficou seu Gomes como professor de viola e artinha no conservatorio. Ia me esquecendo de contar que a tal escola se chamava Conservatorio Giacomo Puccini.

A empresa progredia. Até a gente mais endinheirada do bairro principiou botando os filhos lá. Ficava mais perto e não carecia de acompanhar ninguem na cidade. O Marchese, êsse então virou rei da música do Brás. No cinema torcia o nariz

porquê a orquestrinha não prestava e o saxofone tinha desafinado. No dia seguinte toda a gente falava pro seu Fifo que o saxofone estava desafinando e crocotó! maré vasava pro pesado do saxofone. Seu Fifo mandava falar pra êle que não caraciam mais de saxofone na orquestrinha, e quem que arranjava saxofonista novo? já sabe: o maestro Marchese já de brilhantão no dedo e quatro marchesinhos com bastante macarrão na barriga lá em casa. Até sala-de-visitas arranjou no lar, com piano a prestações e retrato do Giacomo Puccini.

O maestro bem que gostava de ficar com todas as alunas que lhe pareciam gente mais arranjada, porém quando a filha do Bermudes foi se matricular, parafusou, parafusou e afinal achou melhor colocar a moça no curso de seu Gomes. Não vê que a Dolores sempre botava umas olhadas pra êle e a Pascoalina não era coisa de que a gente não fizesse caso não: desconfiando, era capaz dalgum escandalo dos diabos. Por isso o maestro falou prá mãe da mocinha que a sinhora vai vedere que num stantinho sua filha fica una artista, lo giuro! Seu Gomes é um professre molto bon, ah questo!... proprio la minha scuola!

A mãe da Dolores até saiu bem contente porquê tinha vindo pro bairro, fazia tempo, recém-casada ainda... Sabia que a familia de seu Gomes era gente fina, parente dos Prados. Tinham continuado pobres. Ela, da casinha de porta e janela fôra subindo até aquele número 25 assobradado. E agora a filha estava aprendendo com o parente dos Prados. Sorriu numa satisfa que inchava toda a banha, oitenta-e-nove quilos pra mais. Tirou o chapéu de renda preta, procurou na manga da blusa o lenço marcado M. S. B., Marina Sarti Bermudes, e limpou o orvalho do bigodinho. Foi no quintal, colheu não sei quantas duzias de margaridas, botou numa cesta e mandou a criada levar na casa de seu Gomes, que a filha mandava.

Dolores era um dêsses tipos que o Brasil importa a mãe e o pai pra bancar que tambem dá moça linda. Direitinho certas

industrias de São Paulo... Da terra e da nossa raça não tinha nada. Porém se pode afirmar que tinha o demais porquê não havia ninguém mais brasileiro que ela. Falassem mal do Brasil perto dela pra ver o que sucedia! Desbaratava logo com o amaldiçoado que vem comer o pão da gente, agora! praquê não ficou lá na sua terra morrendo de fome! vá saindo!... Ah! perto de mim você não fala do Brasil não porquê eu dou pra trás, sabe! Eu sei bem que a Italia é mais bonita, mais bonita o quê!... uma porcariada de casas velhas, isso sim, e gente rúim, só calabrés assassino é que se vê!... Aqui tem cada amor de bangalôzinho!... e a estação da Luz, então! Você nunca, aposto, que já entrou no teatro Municipal! Si entrou, foi pro galinheiro, não viu o fuaiér! Italia... A nossa cathedral... aquilo é gotico, sabe! não está acabada mas falaram pra mim que vai ter as tórres mais compridas do mundo!

E Dolores ficava muito bonita na irritação, com cada olho enorme lá no fundo relumeando que nem esmeralda. Era uma belezinha. Esguia, bem feita, e com tudo saltadinho, ombros descidos, pescoço penujado de iererê. Então do pescoço pra cima! Morena. Com cada jambinho madurando nas faces que si a gente provasse uma vez só, virava no sufragante ijucapirama do amor. Cabelo cor-de-castanha pra mais claro cheio de muitos cachos de verdade que ela ainda não tivera coragem de cortar pra seguir a moda das amigas. Quando fôr pra suspender, eu corto em vez de suspender, falava. E aqueles crespos lhe rodeavam tão bem a côr! dando prá boniteza dela uma esquisite rare com que a gente primeiro carecia se acostumar. A boca não era grande coisa mas não prejudicava. E os olhos, Nossa Senhora! tinha verde de brêdo com vagalume estrelando por cima, num Cruzeiro do Sul de noite e dia.

Estava para fazer dezessete. Era bem educadinha, isto é... tinha seguido o curso dum colegio meio economico mas bem frequentado. Ainda se obstinava no francês como as amigas faziam, e experimentava as dansas da moda com a melhor

professora da cidade. Contava muitas amigas ali da Vila Buarque, que é bairro de pobreza escondida, e tinha sobre elas a ascendencia respeitavel de quem não manda reformar vestido. Andava nos trinquês.

Era natural que revolucionasse o curso de seu Gomes. Pois foi. Já sabia seus vibratos de violino aprendido no collegio e até terceira posição ia bem direitinho. Faltava afinação mas não faltava intelligencia. O Gomes principiou alimentando a idea de que a Dolores era bem capaz de fazer a notoriedade dele como professor.

Logo simpatizara com ela. Mas não enveneno o caso, não. Era simpatia de amizade apenas. E um poucadinho de ambição tambem. Professor é sempre assim: por mais pura que seja a amizade dele por aluno, ha sempre uma esperancinha de perpetuação enfeitando o sentimento. Não dizem porém a gente percebe que estão procedendo como si dissessem: Isto quem fez fui eu. Seu Gomes imaginou que a Dolores ia fazer a celebridade dêle e teve simpatia por ela. Em amor não pensou e, franqueza: nem sentiu nada diante dela. Era sossegado, meio timido e chegara aos vinte-e-quatro sem nunca ter chamêgo por ninguem.

Nem sabia si casava ou não. Tinha primeiro que arranjar reputação de professor bom, o que já é bastante difficil pra mestre "juvenal", como chamam aos solteirões no Nordeste. Aliás, sem querer, outro dia, seu Gomes levantara os olhos, saudara a vizinha, uma creio que modista. Até encafifara porquê nunca tirava chapéu pra vizinha. Não sabia porquê tirara, ia tão distraido, foi de repente. Mas, saudara uma vez e continuou saudando.

Outra razão importante acabou por destruir qualquer vontade que êle pudesse ter de se enguiçar pela Dolores. Ela era vivinha, foi logo se chegando pra maiores intimidades. Quê que êle havia de fazer! tinha que falar "muito obrigado" por causa das margaridas, por causa dos cravos, por causa dos bolinhos que era quasi toda semana iam parar na casa dêle.

— Então o senhor gostou, é? Ainda hei-de mandar pro senhor mas é um bolo que eu faço, êsse sim! Mas precisa figos cristalizados e o emporio não tinha. Quando eu for na cidade, trago. Papai? a gente encomenda pra êle, o pobre! esquece.

— Mas dona Dolores...

— Praquê que o senhor me chama “dona”, fica tão feio! Pois não sou sua aluna! Fale “Dores”, “Dores” como fiz me chamarem lá em casa. “Dores”, “você” e pronto!

Ele achava graça naquela voz de criança.

— Pois então chamo. Ia dizendo que você não deve se incomodar assim comigo...

— Me incomodar! Não fale nisso, seu Carlos!

— Mas sua mãe, Dolores...

— Dores! “Dolores” é espanhol, não gosto! Sou tão brasileira como o senhor, fique sabendo! Já não basta êsse Bermudes tão feio que não posso mudar... Fale “Dores”! São tão bonitos os nomes brasileiros... Carlos da Silva Gomes! Ah, si eu tivesse um nome assim!

— Pois eu acho Dolores um nome bem bonito.

— Ora, seu Carlos!... O senhor vai me chamar “Dores”, chama? Não custa nada pro senhor e fico tão feliz! Diga que chama!

— Pois chamo... a senhora...

— Olhe! “Dores”, “você”.

— Espere um pouco tambem! deixe eu me acostumar. No começo a gente confunde... Dores.

Ela fechou os ombros numa expressão de gôsto alegre. Riu.

— Do que você está rindo?

— Eu sempre falo que consigo tudo dos meus professores! Já no colegio era assim. O professor de Arimética me avisou que eu tomava bomba. E tomava mesmo porquê tenho horror de Arimética, credo! Pois apostei com as colegas, não estudei mesmo nada e passei!

— E como é que você fez!

— Ah, isso... são cá uns segredinhos! A gente não estuda mas... ihi... então praquê a gente tem olhos então!...

— Dolores!

— Ora, seu Carlos! são uns professores coiós, qualquer coisa já pensam que a gente está dôida por êles... a gente aproveita, é logico!

— Mas Dolores...

— Dores!

— Você é uma criança, Dores! Teve coragem de namorar o professor só para passar!

— Namorar? que nada! Olhava dum certo jeitinho e êle é que pensava que eu estava namorando. Ihi... quando chegou no exame, fez a prova e disfarçando botou na minha carteira, foi só copiar! Distinção! As outras é que estrilaram! Outro coió é o professor de francês, tamanho velho!... Uma vez se queixou pra mamãe e ela me bateu. Espera aí, seu caixadoclos, que eu faço você ficar manso!... do quê que o senhor está se rindo tanto, seu Carlos!...

— Pois Dores, eu sou seu professor e você vem contar isso pra mim!

Dolores ficou séria de repente. E apertando a mão dêle com fôrça:

— Seu Carlos, o senhor não vá pensar que trato o senhor dêsse jeito quando... ah, não!

Já se ria outra vez. Retirou a mão. E por faceirice num gesto de inocencia fingida:

— Posso contar pro senhor porquê já sei com quem estou tratando.

— Ah, isso, você pode ter certeza, Dores! Já falei que você tem jeito pra música mas si não estudar, comigo é que você não passa nem que remexa os olhares mais arrevezados dêsse mundo!

— Ihi... não é arrevezado que a gente faz, seu Carlos!

— Então como é?

— Não tem palavra pra explicar, só fazendo... Mas diante do senhor tenho vergonha!

E ficou talqual um genipapo, roxa de vergonha sem razão. E o verde fundo dos olhos fuzilando... Seu Gomes pensou a palavra “bonita” e fez a menina repetir tres vezes a escala de Ré Maior.

— Dores, você carece estudar mais! Olhe que lição você me trouxe! Assim não serve porquê afinal nós dois perdemos tempo atoa. Não estou aqui pra isso não!

— Ôh, seu Carlos...

E num atimo êle se viu todo coberto de esmeraldas tristes. Percebeu que fôra rispido demais. Milhorou:

— Dores, você não sabe... Um professor, si é deveras professor, quer bem as alunas como... filhas, Dores. Quer que elas progridam, fiquem tocando muito bem... Você, Dores... você precisa aproveitar os dotes que tem! De todas as minhas alunas é a mais bem dotada, é... é a melhor. Estude, faz favor! Você já me disse que gosta muito de mim como professor...

— Gosto muito!

— ... pois então, estude... pra me fazer feliz!

— Seu Carlos, vou estudar muito agora!

— Então vá!

— Té quinta, seu Carlos!

— Té mais.

Ficou sozinho na sala, todo cheio de esmeraldas alegres. Não percebia que tinha melhorado por demais a zanga. Eis como os casos principiam, meu caro. A gente vai melhorar e d'aí que a joça destempera duma vez. Seu Gomes ficara zangado por timidez. A palavra “bonita” avisou êle que si não pusesse reparo seria o bobão proximo. E ainda restava um certo despeito de classe por ver os professores tão brincados por uma criança. Então zangou meio sem razão. Mas tristura de olho no fundo quem que aguenta? Seu Gomes acalmou facil. Não sentiu mais nada que continuasse a palavra “bonita” e quis carinhosamente

fazer estudar mais uma aluna de que esperava muita coisa. Pôs ambição no conselho e a boba da momcinha sentiu um golpe bom dentro da impaciencia. Saiu feliz sem saber de quê porém mesmo nesse dia inda foram quasi duas horas de Ré Maior.

Seu Gomes sorumbatico puxou a cigarreira pra fumar. Viu a cara embaçada na tampa de prata. E daquela cara regular dum moreno palido, com o cabelo crespo negrejando sobre as entradas, descia um corpo que não era fraco não, capaz de aguentar com a dona que encostasse nêle. E seu Gomes piáziinho inda machucara muito uma unha. Ficara aquela mancha preta grande que até dava espirito prá mão. Saiu sorumbatico. Aquela menina era bem capaz de fazer dêle... isso não, que não era nenhum leso! A Serafina. (E' a vizinha.) Não podia ser acaso não. De primeiro inda era só de-tarde, hora mesmo da gente estar na janela, mas agora ao meio-dia, pronto: sorrindo palido prá saudação dêle. Serafina. Doce nome... Todas as raças são iguais... Seu Gomes entardeceu num sossêgo largado, muito suave. Sorriu livre, tornando a pensar na Dolores. Que sapequinha! Enfim, fôra bom porquê agora sabia com quem estava tratando.

E ensinou a Dolores com muito carinho, com imensa amizade, cada vez mais íntima e mais amizade.

E depois, ela progredia. Muito preguiçosa porém seu Gomes logo descobriu que falando com certo jeitinho, voz mais baixa meia surda... só fazendo, a Dores saía dali e estudava até umas quatro horas por dia durante uma semana. Pois então, queria que ela estudasse? duas, tres vezes por mês falava do tal jeitinho. Isso chovia esmeralda de bandeirante numa conta em cima dêle. Até, no fim dêsse mesmo ano quando o maestro Marchese disse que bisognava arranjar qualque músicas para la signorina tocare náa festa, nem seu Gomes precisou se incomodar muito: a signorina teve um sucesso com o Noturno de Chopin transcrito.

Estamos tres anos depois dessa festa e lá por Dezembro Dolores recebe o diploma do Giacomo Puccini. E' sempre a

mesma coisa como carinha bonita mas anda mais desmerecida. Estuda muito agora e toca de deveras com espirito o que toca. Era considerada a melhor aluna do "Giacomo", como se falava no Brás, deixando rabí o nome do Conservatorio. O Marchese andava enciumado e sei que andou chamando umas colegas da Dolores na sala da diretoria, filho-da-mãe!...

Uhm, me esquecia... meses antes ela ficara noiva. Seu Gomes fôra na casa dela acertar umas músicas, de repente ela mostrou a aliança de prata na mão direita:

— Já reparou?

— Já. Não sabia que a minha Dores estava casada. O que você carece mas é estudar mais, sabe!

— Não estou casada não, seu Carlos! As noivas é que usam aliança de prata.

— Você está noiva, Dores!

Ela abaixou a cabeça, rindo manso e mandou lá do fundo um feixe de esmeraldas pra seu Gomes. Êle estava sério. Antes de mais nada, se lembrou da aluna, tanta trabalhadeira de estudo e pronto! se apaixonava pelo primeiro sarambé que aparecia.

— Meus parabens. Não sabia.

— O senhor... parece que não gostou, seu Carlos!

— Gostei, Dores. Mas acho que é uma pena você casar já, tão moça. E depois: por causa dos seus estudos que vão tão bem.

— Seu Carlos não quer eu não caso!

— Não quero? Deus me livre, Dores! Pois... eu quero é que você seja feliz. Você gosta dêle, naturalmente é rapaz bom...

Falando, o malestar em que ficara desde o principio do diálogo foi se substituindo pela imagem da vizinha costureira. Apoiou-se na imagem e sentiu chão firme.

— Não gosto nem desgosto... Mamãe com papai que quiseram. Diz-que é bom partido. E' muito simpatico, bomzinho...

— Pois seja feliz, Dores. Mas vamos continuar a lição.

E a lição voou apesar de uma certa distração na sala. Dolores tocou como nunca. Humilde, riso impassível meio amarelo, muito calma. Seu Gomes saiu satisfeitíssimo.

— Eu não devia dizer, Dolores... mas é uma pena si você casar logo! Com mais dois anos eu punha você artista, garanto.

— Já falei! é só o senhor não querer que não caso, seu Carlos!

— Case sim, Deus me livre agora de andar desmanchando casamento de ninguém! Té mais.

— Té quinta, seu Carlos!

Seu Gomes saiu. Todo coberto de esmeraldas tristes. O mais engraçado é que pouco depois uma pessoa que conhecia bem os Bermudes afirmou pra êle que a Dolores não estava noiva. Não compreendeu nada e, indagando, ela tornou a afirmar que estava. Então é porquê estava e não se incomodou mais com aquilo. Sarambé era êle que não entendia, e não os moços que tiram as moças da casa dos pais! Dolores continuou a representar o noivado por mais de mês. Era assunto que lhe permitia dizer que casava com aquele como podia casar com qualquer um e não tinha mais esperança neste mundo. Um dia apareceu sem aliança na aula.

— Que-dele o anel, Dolores?

— Acabou-se tudo, seu Carlos! Agora o senhor pode ficar sossegado que não caso mais, ouviu! Si um dia me casar ha-de ser com o consentimento do senhor!

— Mas, Dolores, eu não quero tomar essa responsabilidade, não! Olhe, você quer uma palavra de amigo? essas coisas a gente não vai fazendo e desfazendo assim atôa!

— Ah, só para experimentar um pouco. Eu não gosto dêle!

— Mas fez o pobre do moço sofrer!

— Ora, isso todos nós sofremos, seu Carlos! Porquê a gente não ha-de gostar duma pessoa e ser logo correspondida!

E principiou chorando, muito nervosa, ali mesmo na sala, podiam ver. Seu Gomes espantadíssimo.

— Que é isso, Dolores! não faça assim!

— Ah, seu Carlos... sou uma desgraçada!...

— Sossegue, Dores! Pode passar alguém, não fica bonito ver você chorando assim!

Dolores soluçando muito sacudida, apagava esmeraldas no lençinho. Já sorria:

— Você está nervosa, vá pra casa. Olhe: não se esqueça de repassar a Ave Maria prá missa de domingo.

— Sei, seu Carlos.

Suspirou fundo que doía, foi-se embora.

Pois não durou nem vinte dias, seu Gomes recebeu o cartão em que “Temos a honra de participar a V. Excia. e Exma. Família que contratamos o casamento de nossa adorada filha Dolores Sarti Bermudes com o sr. Agostinho Nardelli. Alonso Bermudes”, rua tal. etc. Desta vez era certo. Escreveu agradecendo e com os votos.

Casar... é. Seu Gomes já estava com quatrocentos mil-réis das lições. E com moça boa, trabalhadeira... Mesmo que não ajudasse no ganho ao menos que fizesse os próprios vestidos... Cento-e-cincoenta pro aluguel, cento-e-cincoenta pra comerem. Inda restava cem pro que desse e viesse. Nessa noite seu Gomes teve um sonho bem desagradavel. Era uma rua, um beco, tapado por um casarão no fundo. A vizinha estava numa janela alugavel aí por uns trezentos milreis por mês. Mas na outra calçada a mãe da Dores sacudia as banhas numa risada sem educação, dizendo: “E’ muito!” Seu Gomes apesar da vergonha continuou andando e saudou a modista. Praquê saudou! Saiu de dentro do chapéu dêle um papagaio com um cinzeiro de prata no bico. Dentro do cinzeiro está todo o meu dinheiro, pensava o sonho assustado. Seu Gomes ficou num desespêro enorme e resolveu subir pelo poste pra ver si agarrava o papagaio. A vizinha rindo palido falou assim:

— Quer que ajude?

Seu Gomes implorou:

— Me ajude, Serafina!

Nem bem falou a modista já estava agarrada nas costas dêle. Chê... ficou difícil de trepar no poste com mais aquele pêso nas costas, ficou impossível de trepar. Também não era preciso mais porquê desaparecera o papagaio e estava tão bom que seu Gomes mexia na cama até que o chão se abriu. Seu Gomes com a Serafina caíram e o sonhador acordou com uma sêde louca.

Dolores se explicou bem sobre o primeiro noivado secreto. O segundo é que não durou tres meses. Dona Marina contou pra seu Gomes que tinham desmanchado porquê o moço não prestava. Essas coisas não aborreciam seu Gomes porquê por uma curiosa inversão de papeis o timido substituiu secretamente a Dolores pela Serafina naquele casa-não-casa e tanto falar em casamento quotidianizava na hesitação dêle a evidencia do casamento: precisava se casar. E tudo isso prova tambem que êle não estava de todo inocente a respeito da Dores. Mas o importante no momento era preparar bem o Pugnani-Kreisler prá festa de formatura.

Estava nisso quando a Dores apareceu inquieta na lição. Era nesse tempo que estava mais magrinha, olhos cada vez mais no fundo, toda a gente imaginando que era o estudo. Outra aluna estava ali. Falou baixinho:

— Preciso falar muito com o senhor!

— Pois fa...

— Fale baixo! Tenho um assunto muito importante pra dizer pro senhor. Vá amanhã na missa e suba no côro, vou tocar. E' coisa muito séria, seu Carlos!

Ele reparou que era coisa muito seria mesmo. Aqueles olhos, aquela boca tremendo entre autoridade... Passou meio inquieto uma parte da noite. Foi á missa.

Dolores desfiou uma lengalenga muito atrapalhada, cheia de reticencias, de vergonhas, que já estavam falando muito deles, que não havia nada porém o senhor sabe como é boca do mundo, as colegas, seu Carlos!... e os olhos dela encheram-se de lagrimas, as colegas vivem bulindo comigo, que o senhor gos-

ta de mim, mas eu sei que não gosta! foram contar pra seu Marchese, êle mandou me chamar, vive falando pra mim que, quihí... eu sei que o senhor é tão bom, é tão sério, mas êle vive me falando que o senhor não presta, que está me namorando por causa do meu dinheiro, que ficou muito feio pra mim!... Toda a gente já sabe! que eu devia largar da aula com o senhor, e que depois o senhor não casa comigo, tá só se divertindo, seu Carlos!... eu sei que o senhor é incapaz de me enganar mas êle mandou chamar mamãe, falou tudo pra ela, ela me deu uma surra, seu... seu Carlos! me deu duas bofetadas na cara, quihí, quihí... e chorava de não falar mais.

— Mas o que você está me contando, Dores!... Será possível!

— E' possível sim! Toda a gente caçoa de mim por causa do senhor, não quis que o senhor ficasse triste. Sabe? meu noivado desmanchou só por sua causa, foram contar tudo pro Agostinho! outro dia no baile ninguem mais não queria dansar comigo porquê diziam que eu estava ocupada! "Ocupada"! seu Carlos! falaram assim mesmo! De já-hoje quando o senhor entrou não viu a cara que a organista fez!...

— Meu Deus! mas si nunca houve nada, Dores! como é que...

— Tenho sofrido, seu Carlos, tenho sofrido muito!... dizem que estou doente, doença nada!... E' tudo por sua causa mesmo!... mas eu sei que o senhor não gosta de mim e não queria que o senhor subesse disso mas... quihí... não posso mais!... e mamãe me falou pra mim que quer falar com o senhor...

— Pois falo, Dores! Sempre tratei você como minha aluna e não tenho medo de ninguem!

— Vá amanhã lá em casa mas... seu Carlos! eu não quero largar do senhor! não deixe me darem pra outro professor! com outro eu não estudo mais!...

Seu Gomes olhou com dó aquele corpinho magro estalando. Segurou-lhe as mãos que apertavam os labios querendo gritar.

Quis levantar-lhe a cabeça, porém estava desamparada, tornou a cair prá frente com os labios colados na mão dêle num beijo de fogo molhado. Tirou rapido a mão. Desceu a escadinha do côro, partiu. Estava com a mão insuportavel com a lembrança do beijo. Estava tonto. Estava nem querendo pensar. Seguia com muita pressa louco pra chegar em casa porquê parece mesmo que a casa da gente nos protege de tudo.

Em casa achou o recado que o maestro Marchese pedia pra seu Gomes ir falar com êle, foi.

— Bom-dia.

— Bom-dia, s'accomodi. Professore, mandei chamar o signore por causa dum assunto molto serio! Il Giacomo é un stabilimento serio! Qui non si fa scherzi com moças, signor professore! Si lei aveva l'intenzione di namorare careceva de andare noutro...

— Seu Marchese, o senhor dobre a lingua já, ouviu! O senhor tirou alguma coisa a limpo pra saber si estou namorando, heim! Fique sabendo que não estou disposto a aguentar insulto de ninguem e faço o senhor calar a boca já!

— Ma non dzangate! non dzan-ga-te, signor professore! non cé mica male in quello que eu disse! Sei molto bene que lei é honestissimo ma che posso fare, io! todos falam! S'accomodi, per favore!

— Tou bem de-pé.

— Ma non dzangate, signor fessore!... Stó falando sul serio! Sono un povero uomo con quatro figlioli in casa, si! signor professore, che bellezza de criancinhas! non posso expulsare questa ragazza Bermudes sinon m'isculhamba tutta la vida! Sono inrovinato, Dio santo! non posso mandare la ragazza s'imbora! é ó non é!...

— Isso é o de menos, seu Marchese... o senhor... ponha a Dolores no seu curso, não me incomodo.

Seu Gomes tinha pensado primeiro em se retirar do Giacomo porém lembrou dos cem milréis, se acovardou. Pois é: Dolores passava pro curso do outro e tudo se arranjava.

— Ma, signor professore, non basta! Bermudes stá una fera! e io ho paúra dun scandalo!... Bisogna dare una satisfazione a tutti il Brás!...

Seu Gomes estava cansado. Era muito frouxo pra pelejar mais.

— Está bem, seu Marchese, eu saio do Giacomo.

— Bravo! Si vede que lei é um bravo moço! sempre falei pra todos que lei é um bravo moço!

— Já sei. Passe bem.

— Ah, ma o signore se esquece o dinheiro, isto nó! Mancano cinco dias ma il Giacomo paga tutta la mensalítá! Tante grazie, signor fessore, tante grazie!... A rivederlo!

Careceu de gritar o “rivederlo”, seu Gomes já ia longe. Chegou em casa abatido, nem almoçou. De repente lhe veio aquela vontade de resolver tudo aquele dia mesmo, pegou no chapéu, foi prá casa da Dores.

O violino parou e dois olhos relampearam na sombra da janela. Dolores veio correndo abrir a porta.

— O que foi!

— Quero falar com sua mãe já.

— Sente, seu Carlos. Mamãe não está mas eu mando chamar, é aqui pertinho! E foi bom porquê assim a gente pode combinar primeiro! Maria, vá chamar mamãe na casa de seu Almeida, fale pra ela que seu Gomes está aqui, ela já sabe!

Houve um momento de silencio. Ela tomara um ar timido de viada, rostinho baixo. De repente seu Gomes ficou todo coberto de esmeraldas alegres. Dores sorriu:

— Então?...

— Não tem nada, Dores, não se luta com boca de povo. Mas você carece ter paciencia tambem!

A frase deixara a coitadinha supliciada de novo. Seu Gomes sentiu uma vontade de machucar inda mais quem lhe roubara tanto cem milréis seguro.

— Acabo de ser expulso do Giacomo.

— Seu Carlos!...

Ele ficou com dó. Remediou:

— Não se incomode não! A vida tem mesmo dessas... A gente põe tanta esperança numa coisa, ahn... tudo escapa de repente.

Dores chorando.

— Você é que carece de ser mais energica, vai pra outro professor, paciencia. Praquê você não continua com o Bastiani? Ao menos vai pra melhor.

— Eu não quero, seu Carlos! não largue de mim!... deixe eu ficar com o senhor!...

Ele estava muito calmo, carinhoso, piorando tudo.

— Tomara eu ficar com você, Dores, mas não pode ser, se acalme! Olhe, você se forma depois continua com o...

— Não continuo com ninguém! seu Carlos... é mamãe! fale pra ela, o senhor consegue, fale!

A gordura de dona Marina enlambusou a porta.

— Já está chorando outra vez! que menina... Não se incomode, seu Gomes, etc.

Foi uma explicação muito simples. Os dois procederam bonito de verdade. A lealdade sem recantos da dona fortificou seu Gomes. Só que um pouco atrapalhados pela Dores que se metia chorando, falando bobices até que dona Marina lhe deu aquele tabefe na boca. Então seu Gomes não pode suportar:

— Dona Marina, não vim aqui pra ver a senhora dar na sua filha. Acho que não temos mais nada pra explicar. Quanto aos estudos dela quando a senhora quizer, vá lá em casa que dou a recomendação pro Bastiani. Passe bem. Adeus Dores.

Então é que foi a história. Ela agarrou na mão, no braço dêle, olho veiu vindo e ficou saltando bem na frente feito holofote verde.

— Não! o senhor não larga de mim! Me leve daqui! é mentira!

Nem podia falar, feito louca.

— E' mentira! não largue de mim, eu gosto tanto do senhor! Eu morro! E' tudo mentira! Ninguém está falando mal

de nós. Fui eu que falei práas colegas! Eu! Eu não posso ficar sem o senhor! Nem que seja só pra estudar! mamãe! Fui eu que falei pro diretor! me deixe ir com o senhor!...

Era grito já.

Seu Gomes voltou com uma piedade amarga.

— Dores, você...

Ela apertou-o nos braços, mais baixa, esfregando o queixo no peito d'ele. Dona Marina brutaça arrancando a filha. Seu Gomes com doçura se desenlaçando. Dores gritava, dando cotoveladas na mãe, "Me largue! me largue!" rouca duma vez. "Eu quero ir com êle!"...

Mas seu Gomes bem percebia que agora era tarde pra começar o amor. Havia ua modista inteirinha entre os dois e tres anos de costume com a modista no sentimento. Meio sorrindo desapontado:

— Que criançada, Dores!

— Não!!

Foi o grito maior. Se escutou da rua. Seu Gomes fugiu pela porta.

Ela ficara parada, prêsa na cintura pelos braços da mãe, ofegando, boca aberta, cada olho destamanho bem na frente brilhando claro claro. Só deu tento de si com a bofetada. Não ardeu. Nem essa nem as outras, nem os cocres e tabefes pelas costas, peito e cabeça. Foi chorando prá cama, com uma dor de angustia aguda, sem ninguem, dentro do corpo.

Mas tres meses depois estava curada.

(do "Belazarte")

MARIO DE ANDRADE

Cronicas

Perspetivas

A guerra e a paz

Não sei si é licito atribuir ao movimento filosofico que preparou a Revolução francêsa a primasia da condenação da guerra. Em todo caso o pacifismo, a concordia internacional são ideais tipicamente modernos, entendida esta última palavra no sentido que costumam emprestar-lhe os historiadores. O fato indiscutivel é que a partir de certa epoca, o conceito da guerra vai tendendo a alterar-se no consenso dos povos. No que lhe diz respeito, aos poucos outras noções e outros sentimentos vão-se substituindo aos tradicionais, até que a transformação se completa e a guerra surge de sinal trocado, passada do positivo ao negativo na movel escala dos valores humanos.

Talvez nunca tenha havido mais extraordinaria mudança. Nenhuma das ideas vitoriosas em 89 ou daí para cá (refiro-me, é bem de vêr, ao 89 universal) é tão nova de conteúdo, nem será tão importante de consequencias, no dia em que esta passar dos gabinetes e dos congressos ás estradas e aos campos então privados de determinada especie de heroismo. Todas as demais já se tinham dado a perceber com maior ou menor nitidez, em diversas epocas e em diferentes nações, por vezes num episodio isolado ou mesmo numa só opinião, mas sempre com fôrça bastante para virem a nós sem se perderem. Além disso, nenhuma dessas outras ideas tem a qualidade que áque-la pertence exclusivamente, de ser uma pura criação do espi-

rito. De todas as outras, sem grande esforço de dialética, se poderá dizer que eram fatais, por serem, em essência, da ordem natural das coisas; de modo que não representam tanto um progresso, como nos habituamos a considerá-las, mas antes um regresso, um simplés comêço de regresso á ordem referida. Neste sentido, o grande e verdadeiro progresso foi bem esse de subordinar um conceito não puramente intelectual, o conceito de um fenomeno de ordem prática, de um fato social, de um comportamento coletivo, a umas tantas exigencias de ordem espiritual. Sem a menor dúvida trata-se de uma verdadeira criação e não é preciso insistir no seu caráter revolucionario.

Efetivamente, a noção tradicional da guerra tinha raizes profundas nos instintos e o apoio de toda a polimilena experiencia humana. Sempre foi natural que os homens se batessem e tão longe quanto nos é dado pesquisar na história a vida de grupos humanos, vamos encontrar a guerra como uma ocupação normal e nobilitante, sem dúvida a mais normal e a mais nobilitante das ocupações. Mais tarde, e á medida que a vida dos povos se vai organizando, a guerra tambem se organiza, torna-se uma arte e um mistér: surge o guerreiro profissional, com a glória e o prestígio que ainda hoje perduram. Uma arte: a "nobre arte" que as outras se destinam principalmente a celebrar e a servir. E' forçoso reconhecer que as coisas não podiam passar-se de outro modo, mesmo porque o sentimento nacional, que existe embrionario nos de cidade, tribu ou clan, precedeu de longos seculos o de humanidade, uma abstração moderna. Nós e os do nosso povo é que somos "a gente".

Assim, até a Revolução a guerra é um empreendimento como a caça ou a navegação, e se pratica com inteira naturalidade. Apenas, privilegio de uma casta, e privilegio do Estado, por isso mesmo constitui a unica atividade digna dos bem nascidos. Com o advento da burguesia, essa situação se altera e as atividades bélicas são forçadas a procurar uma finalidade fora de si mesmas. Era o esbôço da mudança. Mas na realidade só em 1914 a guerra produziu na conciencia universal a indisfarçavel impressão de um crime.

Os quatro anos que o mundo então viveu, foram de tal ordem, tão completamente subvertidos pela tecnica moderna se acharam os principios da guerra classica e da guerra roman-

tica, que desapareceram os ultimos atrativos que o heroismo militar ainda pudesse exercer sôbre as imaginações. Esse resultado era talvez provisorio. Mas o certo é que uma imensa fadiga e uma invencivel revolta se apoderaram de todos os espiritos. E por toda parte homens se congregaram para excluir o espetáculo de um novo conflito do ról das possibilidades futuras.

Não ficaria bem qualquer opposição a tais designios por parte dos responsaveis pelo destino dos povos. Por isso se imaginou e se constituiu a Sociedade das Nações; por isso se encetaram os estudos do problema do desarmamento: assim se corresponde aos apelos dessa mentalidade propria para a paz. Na verdade, é difficil, é quasi impossivel aos que não se tenham penetrado do espirito "sui-generis" que preside aos debates de política internacional, vislumbrar naquele último proposito siquer vestigios de um problema. Nada parece mais simples do que desarmar, desde que realmente se queira fazê-lo. Entretanto sucedem-se as conferências com esse objetivo geral confessado e com o objetivo inconfessavel, particular a cada nação, de se assegurar uma posição vantajosa em relação aos vizinhos e concorrentes, que nos diversos condominios geograficos ou economicos dêste nosso mundo moderno, a cada espirro de bode responde sem demora um certo miado de onça.

Aliás pode-se com razão duvidar que o desarmamento, realizado que fosse, importasse na supressão da guerra. Importaria, sem dúvida, na supressão da guerra industrial e mecanica, o que já é satisfatorio. No mais é evidente que qualquer corpo solido, metal, pedra, pau ou caveira de burro, tudo pode ser arma. Em todo caso isso nos restituiria a guerra primitiva, provavelmente reduzida á sua verdadeira natureza e finalidade de fenomeno social irreduzivel e de carater mais pura e diretamente economico. A guerra instintiva, para a satisfação do estomago e do sexo, que são, afinal de contas, os unicos motivos dignos de atirar o homem contra o homem.

PEDRO DANTAS

Lasar Segall, Pintor do Brasil

Cavalgando os grandes Boulevards parisienses, rio Amazonas da multidão universal, o Brasil, magnifico e aromático, instalou-se no novo quarteirão Haussmann. Aí ergueu um altar onde faz fumegar, no turibulo das grandes cafeteiras, os genios do café! Verdadeiramente já se fixou em Paris.

Mas êste outono, quem quisesse ir dêsse Brasil substancial para outro mais essencial, bastaria dirigir-se á Galeria Vignon, perto da Madeleine, onde estavam expostas as ultimas obras dum pintor que lhe dedicou seu talento e seu coração: Lasar Segall.

Nada é mais comovedor do que a união mística entre um homem e um país; nada é mais fecundo, quando êsse homem é um artista rico de experiencia exotica, e êsse país um país novo, dando-se generosamente a quem o descobre e exprime.

O artista que devia ser conquistado pelas delicias brasileiras, nasceu na Europa mais oriental, em Vilna, em 1890. Si aos dezeseis anos êle deixou a sua cidade natal para viver na Alemanha, na Holanda, e mesmo para fazer uma curta aparição no Brasil, em 1912, êle reviu Vilna durante a guerra. E essa volta resuscitou nêle todo um mundo da infancia, que êle exprimiu de 1917 a 1922, em suas primeiras obras, poderosas e graves.

Encontra-se aí a familia dêle, o pai sobretudo, escrevendo pacientemente o Torá sôbre o pergaminho encardido. E' nêsse grafismo sagrado, ritualmente construido, que se deve talvez procurar o amor fundamental de Lasar Segall pelas formas bem assentadas e despidas. Criança, êle já imitava o pai. Homem, não será mais o sagrado Torá que reproduz, mas, ao lado dêle, a sua visão do mundo, como á margem da Imitação de Jesus Cristo por São Francisco de Assis, Giotto pintava.

O hieratismo, mesmo a dureza que Giotto tinha dos Bisantinos, Lasar Segall empresta do cubismo, na sua acepção mais geometrica, para melhor reproduzir a deformação que faz sofrer á carne, o espirito de provação, a grande miseria, para os quais são sempre contemporaneas as amarguras de Job e do Eclesiastes.

O artista é já mestre no seu desenho e suas *Mulheres Grávidas*, seus *Pares*, suas *Crianças orando pelos Mortos*, seus *Mortos* mesmo, evocados numa visão de pesadelo, todos personagens de cabeças enormes sobre corpos torturados, compoem losangos, prismas surpreendentes, largamente contornados, em que triunfam as côres nativas de Segall, as mesmas de sua alma: os cinzentos, os negros, os ocre e já os matizes tão finos que irão compor a sobriedade de sua maneira atual. Muitas vezes, para melhor reproduzir essa miseria da comedia humana, cujo espetaculo tão dolorosamente comove o artista, um amarelo esverdeado rebela-se e range. E' a época em que Lasar Segall ilustra com piedade Dostoiéwsky; onde ele se submerge no patetico, apenas sustido justamente por êsses traços angulosos, torturados, que são os que o rosto toma quando, na mais profunda comoção, resiste pra não chorar.

Mas uma reação violenta, tão natural quanto o riso depois das lagrimas, se produz na obra do artista, quando em 1923, êle se dirige a êsse Brasil, onde estivera dez anos antes, quasi sem ver. Ou mais exatamente, só visto através dos vidros do coração, trazidos de Vilna e da Alemanha, e que descoravam as paisagens americanas. Agora, ao contrário, Segall descobre o Brasil. E' para êle um deslumbramento.

De 1923 até 1927, o pintor sente-se ebrio de côres. Seus quadros tornam-se jogos-de-xadrêz multicôres, em que as casas cubicas fazem o taboleiro, e as janelas, os cactus, os animais, as arvores, são as pedras. Num grande quadro decorativo cheio de folhas listadas, de ramos verdes de bananeira, no meio das quais surgem como candelabros, os soberbos cachos amarelos, um negro, ombros cobertos por uma camisa cor-de-rosa, acaricia com seus longos dedos finos, que tomam tanto lugar nos quadros da primeira epoca de Segall, dois lagartos. Que aliás êle não olha, porquê seus olhos, êsses mesmos olhos amendoados em que Segall fazia passar outróra todo o ardor judeu, estão fixos no longe, cheios de melancolia. A poesia do Brasil das florestas está inteira nêsse quadro quente e forte.

O artista pinta tambem alguns retratos firmemente desenhados, dessa bela raça que êle admira, entre outros, o do escritor Mario de Andrade. O rosto é aveludado e colorido como um pessego; os labios voluptuosos e, nos olhos, vê-se a fôrça criadora, por traz dos discos de agua dos oculos.

Mas todo êsse periodo é apenas um periodo de noivado, um pouco excitado e turbulento, do pintor do Norte com o país do Sul. Pouco a pouco Lasar Segall abandona as côres muito vivas, os tons sobrecarregados, mesmo os tons inuteis. Em 1927, o pintor não olha mais êsse país tão caro somente com o olhar apaixonado, mas com os olhos do mestre! O velho fundo grave e contemplativo do primeiro periodo reaparece, enriquecido por uma dupla experiência humana e estetica. São os quadros dêsses anos decisivos que nós pudemos admirar em Paris, em Novembro de 1931.

Dois temas, que exprimem a grande fidelidade de Segall ás visões humanitarias de sua mocidade, partilham particularmente sua inspiração plastica: os Negros e as Moças.

Suas Moças enchem de fortes anatomias, com seus seios, como insignias, com seus labios profissionais, quadros e sobretudo aquarelas admiraveis. Marinheiros herculeos, o mais das vezes lhes fazem companhia, não para uma festa da carne, mas para uma estranha e estatica meditação carnal que a sobriedade de expressão do desenho e seu vigor construtivo reproduzem maravilhosamente.

Quanto aos Negros, Lasar Segall encontra nêles a secreta nostalgia das raças exiladas. Como êle pinta bem seus rostos de lua preta, seus cabelos enrolados, suas bocas, sexos monstruosos! Como êle os coloca com uma simplicidade cheia de grandesa, no meio de suas cabanas, pequenas casas para grandes bonecas, junto de seus animais, saídos duma arca não de Noé, mas dum Cam... Os negros de Segall se parecem muito menos com os negros reais, com a convenção do negro quotidiano, que com as invenções da arte negra, com os fetiches admiraveis que exprimem a tenebrosa magia da raça. Seus animais são cercados por êle com um belo traço, primitivo e anguloso, mas não de traços propriamente ditos. Eles fazem parte da paisagem; são da paisagem errante.

Dessas obras, em que as côres sempre caras ao pintor: a terra de Sienna queimada, o violeta de Saturno, os cinzentos, os pardos, se matizam com tão grande doçura, em que a composição se afirma, se desnuda e quasi não exige mais pitoresco, se desprende uma impressão de plenitude serena, de simplicidade comovedora, de unidade profunda.

Quando forem vistas as gravuras de Segall, cujos traços milagrosamente simples evocam a poesia das viagens transatlânticas, saber-se-á até onde pode leva-lo seu amor pela construção, que é uma maneira magistral de refazer o mundo, de rebater os erros e de erguer, no lugar da realidade por demais tensa, a verdadeira realidade, a do Eden perdido.

PIERRE GUÉGUEN

(trad. de M. L.)

E t n o g r a f i a

Lingua Nacional (III) (*)

A

A TALHO DE FOICE — Ou a preceito, quer dizer, oportunamente, de modo preciso e necessario. — (Em Portugal se diz “a talhe de foice” — Alberto Bessa).

A VER NAVIOS — Sem meios, sem ter obtido a paga de algum trabalho. (Usa-se em Portugal).

ABANAR — Emprega-se: “ter as mãos abanando”, não possuir real; “abanar a barba de alguém” insultá-lo; “estar com as mãos abanando”, não possuir armas no momento de uma briga; “Volto com as mãos abanando. Nunca fui bom caçador” (Machado de Assis, Helena, p. 209), não trazer caça alguma.

ABOLETAR-SE — Hospedar-se alguém em casa particular.

ACENDER AS VENTAS — Fazer trejeito no nariz com expressão de enjôo, de tédio ou de zanga.

ACENDER UMA VELA A DEUS E OUTRA AO DIABO — Agradar a dois senhores.

— O acender das velas: última hebra para resolver negocios.

ADIVINHAR O TEMPO — Presentir os efeitos da humidade quando as chuvas se preparam. A rapadura, o assucar humedecem; o reumatismo se anuncia; a rã passa a fazer de rapa-côco: a tudo isto o matuto nordestino chama **adivinhar o tempo**.

AFIADO — Prático, conhecedor e costumeiro: “O pessoal está afiado” (“Diario de Pernambuco”, n. de 3-2-1928).

AGUA — Problema facil de resolver: “Ah! isto é agua, resolvo logo”.

AGUA DE CHOCALHO — Usa-se para designar uma pessoa que fala sem cessar: “Fulano fala pelos cotovelos, bebeu agua de chocalho”.

AGUA QUE PASSARINHO NÃO BEBE — Aguardente.

AGUENTAR LUXO — Ouvir recriações reiteradas: “Eu cá não aguento luxo de patrão; fez-se besta, dou o fóra” (linguagem dos domesticos do Norte), quer dizer que não suporta advertencias e, sem mais nem mais, sairá do emprêgo.

AJUDA — Clister, chá de bico.

(*) V. ns. 2 e 3.

- ALUADO — Individuo que sofre da bola, maluco, alvoroçado do juízo, como se diz na gíria do Norte.
- AMIUDAR DOS GALOS — O último canto dos galos, quando o sol já vem raiando.
- APANHAR — Adquirir: “apanhar um cavalo”, recebê-lo em negócio; “apanhar doenças do mundo”, adquirir sífilis; “um filho apanhado”, filho ilegítimo.
- APARA-FACADA — Paletó curto.
- APARELHO — Latrina, o cambrone, o telefone.
- APERREAR — Aborrecer a alguém, com pedidos, com exigências, cobranças de dívidas, etc. Hoje é comum dizer-se no Nordeste: “Os meus negócios andam aperreados, já me protestaram uma letra”. Esta palavra vem de *perro*, cão na língua castelhana. “Grande número de porcos para sustentar; e mantilha de caça para aperrear os índios inimigos” (J. Lucio de Azevedo, *Os Jesuitas no Grão Pará*, p. 17).
- ARMADOR — Gancho de armar rede.
- ARRANCAR — Partir com violência para fugir ou para agredir: “Com esse ardil (do toque da gaita), não havia perigo de arrancar (disparar uma boiada)” (João Brigido, *O Ceará Lado Comico*, ed. 1900, p. 146).
- ARRANJOS — Negociatas.
- ARRASTAR — Levar consigo: “O chefe do distrito arrastou todo o eleitorado”. “Arrastar ao sacrifício”: induzir alguém a sacrificar-se. — **Arrastar a mala**: ver baldada uma pretensão.
- ARRASTAR A ASA — Fazer o seu pé-de-alferes, ter certa inclinação amorosa. (Veiu de Portugal).
- ARREGAÇO — Comêço de briga.
- ARREMINAR-SE — Rebelar-se: “O prêso arreminou-se contra os guardas”. Usa-se em Portugal, segundo Salema Garção.
- ARREPIAR CARREIRA — Voltar atrás. E’ da gíria brasileira. Usado em Portugal, segundo Alberto Bessa.
- ARREVEZADO — Nome difícil de pronunciar. (E’ de Portugal).
- ARROTAR SUFICIENCIA — Jactar-se, gabar-se de valentias, poderes, fortuna. (Em Portugal usa-se sómente o “arrotar”).
- ARRUFOS — Zanga de namorados. (Usa-se em Portugal).
- A’S MIL MARAVILHAS — O que vai correndo bem de negócios. (E’ de Portugal).
- A’S MOSCAS — Atirado às moscas, abandonado. (Em Portugal se diz que o teatro está às moscas, quando não tem espectador).
- A’S PORTAS DA MORTE — Em perigo de vida. (E’ de Portugal).
- ASCO — Zanga, odio: ter asco de alguém. (Em Portugal usa-se “asca”, segundo Alberto Bessa).
- ATACAR — Apertar o colete. **Atacar as mercadorias**: comprá-las para revender.
- ATADO — Atrapalhado, indeciso: “Nem ata nem desata”, isto é, não delibera, fica indeciso. (Em Portugal significa indolente).
- ATANAZAR — Azucrinar, aborrecer a alguém com pedidos ou reclamações.
- ATARRACADO — Gordo, baixo. (Em Portugal se diz “aterrecado”).
- ATESTADO — Cheio:
- “Eu tenho o meu caixão
Atestado de farinha”
(Cancioneiro do Norte)
- (E’ de Portugal).
- ATIÇAR — Estimular alguém para brigar.
- ATRAPALHAR O CAPÍTULO — Ou fazer entornar o caldo: obstar a realização de alguma coisa. (Usa-se em Portugal).
- AVO’ TORTA — Mãe de madrasta ou padrasto. (Usa-se em Portugal).
- AVOAR NO PAPO — Investir contra alguém para brigar.

AZEDAR — Irritar paixões: “As coisas estão se azedando”, estão rumando para conflito.

AZEITAR AS CANELAS — Correr com medo.

AZEITE COM BROCHA — Usa-se na locução “vender azeite com brocha”, alto e mau, o artigo bom de mistura com o artigo mau.

AZEITES — Irritabilidade.

AZUCRIN — Individuo insistente com pedidos, reclamador.

AZUCRINAR — Aborrecer a alguém.

AZUL DE FOME — Estar com muita fome: “Ah, amigo, bota logo essa boia na mesa; estou azul de fome...”

B

BABILONIA — Casa grande, um grande estabelecimento comercial.

BACAFUSADA — Confusão, barulhada.

BACIA — Proteção: “Ter bacia”, ser bem recomendado, ou, como se diz na gíria, ter pistolão.

BACULAR — Corruptela de bajular.

BADAMECO — Corruptela de vade mecum. Volume de papeis que alguém conduz com reserva. (Em Portugal significa individuo desclassificado).

BADEJO — Animal de porte agigantado: “A mulher deu á luz um menino que pesava cinco quilos, era um badejo...” (Em Portugal significa bacalhau).

BAFAFA' — Zoada, arrelia.

BAGUNÇA — Troça, acanalhamento de rapazes. — Causa de pouca valia pela desorganização que leva: “Naquela ocasião respondeu-me ter ido ao quartel pôr ordem naquela bagunça”. (“A União”, Paraíba, n. de 28-1-931).

BAILE — Trote, vaia: “Dar um baile”, dar trote.

BAJULATORIO — O mesmo que bajulador: “...que um planfeto bajulatorio do tempo aclamava” (Rui Barbosa, cit. por João Leda).

BALA — Usa-se na locução “foi bala”, que significa: a mercadoria foi vendida logo, todos a queriam comprar, acabou-se rapidamente.

BAMBOCHATA — Pagodeira, falta de seriedade: “As eleições foram verdadeira bambochata”. (Em Portugal significa patuscada).

BAMBURRO — Abundancia: “Ter dinheiro a bamburro”. Daí o verbo embamburrar, muito usado no Nordeste, significando haver de sobra alguma coisa, principalmente generos nas feiras.

BANANA — Individuo amolentado. — Gesto indecoroso com o braço.

BANZAR — Andar sem destino, ou sem ocupação.

BARALHO FURADO — Diz-se quando no fim do jôgo da sueca as cartas estão incompletas.

BARATO — Percentagem que o dono da casa de jôgo cobra dos jogadores. — Dar de barato: admitir uma hipotese.

BARBELA — Disposição do anzol em forma de arpão para fisgar o peixe:

“O direito do anzol

E' ser torto e ter barbela”

(Rifão popular)

BARBICACHO — O mesmo que serigola, cordel preso ao chapéu e que se passa por baixo do queixo.

BARRAS — Os primeiros clarões da madrugada. O quebrar das barras: o alvorecer.

BARRELA — Usa-se na locução “dar em agua de barrela”, isto é, em completo insucesso.

BARRIGA — Gravidez: “A mulher está de barriga”, em comêço de gravidez.

BARRIGA DAS PERNAS — Panturrilhas: “...e a proporção, vagamente, das panturrilhas (ele dizia barriga das pernas)...” (Raul Pompeia, na “Rev. da Acad. Bras.”, n. 119, p. 286). — **Mostrar a barriga das pernas:** correr com medo.

BARRO — Usa-se na expressão “ir ao barro”, cair. — **Botar barro á parede**: tentar algum negócio sorrateiramente.

BASCULHO — Lixo. (Em Portugal significa vassoura grande para espanar tetos e paredes. E’ um dos muitos casos em que os vestígios arcaicos da lingua mãe parecem giria).

BATER — Furtar.

BATER A BOTA — Morrer. (Usa-se em Portugal).

BATICUM — Palpitação do coração.

BATIDA — Perseguição contra animais. — **Sair na batida**: sair no encalço. “Em silêncio organizaram uma turma de 40 homens munidos de armas modernas, e praticaram mais uma batida contra aqueles indios” (Ofício do Serviço de Proteção aos Indios, “Jornal do Comércio”, do Rio, n. de 28-12-1930).

BATOCADA — Prejuizo: “Sofreu grande batocada com a falencia de Fulano”.

BATUQUE — Toques de zabumba e puita (usado pelos negros): “Começou o batuque de jongo a estrondar no rancho de um negro” (Alberto Rangel, *Sombras n’agua*, pag. 92).

BECO DA TROCA — Lugar onde os matutos fazem as suas barganhadas, trocando cavalos. Já se emprega no sentido de lugar destinado a negócio do que não presta. Um cantador popular, para debochar da propria consorte, improvisa:

“Chiquinha, tu já não presta,
Tás mais feia que Maroca;
Vou vê si na sexta-feira
Te levo ao beco da troca”.

(Cancioneiro do Norte)

BELCHIOR — O que faz comércio de cousas velhas, que tem loja de bric á brac.

BELEZAS — Cachos de cabelos na testa. (Usa-se em Portugal).

BERLINDA — Jôgo de salão. — **Estar na berlinda**: estar em evidência, ser falado.

BERLIQUES E BERLOQUES — Artimanhas. (Usa-se em Portugal: artes de berliques e berloques).

BERNARDA — Motim, revolução que dura pouco tempo. (Veiu de Portugal. — Alberto Bessa).

BESSA — Usa-se na locução “a bes-sa”, significando abundantemente. **Ter dinheiro a bessa**: ter muito dinheiro. — Dizem que esta locução tem a seguinte história: — O professor Gumercindo Bessa, de Sergipe, teve forte polemica jornalística com o grande Rui Barbosa, revelando vastos conhecimentos, boa logica, e discutindo com excesso de argumentos. **Um dia**, o presidente Rodrigues Alves, ouvindo a um pleiteante de negocios, deante da argumentação cerrada dêste, disse: “O senhor tem argumentos á Bessa”. Se não é verdade...

BESPA — Corruptela de vespa.

BICADA — Grog, um calice de chaça.

BICHA — Prostituta, “mulher dama”, “rapariga”.

BICHEIRO — Vendedor do chamado jôgo do bicho.

BICHO — Homem forte: “Êste é o bicho no muque!”, que tem muita fôrça muscular. — Estudante calouro.

BICUDA — Faca de ponta.

BIFAR — Furtar. (Veiu de Portugal).

BILONTRA — Pelintra. Hoje se diz: almofadinha.

BIRRADA — Cacetada.

BISCATE — Adulteração da palavra biscoito. — Alimentação que as aves conduzem, ao bico, para os filhos. — Na linguagem vulgar do povo significa pequenos lucros, vantagens diminutas: “Você vende em grosso, eu vou pegando aqui, na minha bodega, esses biscates”. — Pequenos serviços de um operario. Assim de-

- cidou o Tribunal de Justiça de Niterói: "O operário de serviços avulsos, ou, como se diz vulgarmente, de biscate" ("Revista de Direito", v. 86, p. 224).
- BLOQUEIAR** — Abrir seteiras. Usa-se nas casas das fazendas do Nordeste. O fazendeiro enfrenta os ataques dos cangaceiros, atirando de rifle, dentro de casa, pelos buracos feitos nas paredes. A isto chamam bloqueiar a casa.
- BOBÃO** — Mula, tumor inguinal.
- BÔCA DE FORNO** — Certo brinquedo usado pelas crianças.
- BODOQUE** — Espécie de arco para arremessar pedrinhas e bolas de barro, usado pelas crianças.
- BOIA** — Refeição. — Saldo de mercadoria, ou de bilhetes de loteria que não puderam ser vendidos: "A sorte grande saiu na boia", isto é, não foi vendida.
- BOLA** — Bala de assucar.
- BOMBA** — Reprovação em exame.
- BONECAR** — Comêço do espigar do milho.
- BOQUEJAR** — Articular reclamações.
- BÔRRA-BOTAS** — Individuo da ralé, desclassificado.
- BOTAR FORA** — Perder boa oportunidade para se utilizar de um negócio rendoso.
- BOTAR OS PODRES NA RUA** — Descobrir as mazelas de alguém.
- BOTAR UMA CUNHA** — Obter um pistolão.
- BOTAR UMA VERDE PARA COLHER UMA MADURA** — Fazer perguntas insidiosas para colher respostas a jeito.
- BRAIAR** — Baralhar, gerar confusão: "O cangaceiro disse que Lampeão mandou que os cabras fossem braiar os rastos para desorientar a polícia" (Erico de Almeida, *Lampeão e sua história*).
- BRANCA** ou **BRANQUINHA** — Aguardente.
- BRILHARETE** — Vitória improvisada, exito inesperado, sucesso: "Apesar dêsse brilharete, não me deram a distinção cobiçada e assegurada pela minha aplicação" (Graça Aranha, *O meu proprio romance*, p. 70).
- BROCAR** — Praticar pequeno furto: "O caixeiro brocou o patrão", fez muamba. — **Brocar a pedra**: furar a pedra para encher de polvora. — **Brocar o mato**: derribar o mato para fazer o roçado. — **Brocado**: diz-se que o charuto está brocado, quando atacado pelo bicho.
- BRUTA** — A sorte grande nas loterias.
- BUCHO-FURADO** — Que não guarda segredo.
- BUMBA** — Voz onomatopaica e interjetiva para exprimir uma quêda, uma virada de jangada, etc.: "... os jangadeiros se esqueceram de tirar a bolina, que arrastando na areia fez virar a delicada embarcação, e nós, bumba nagua!" (Graça Aranha, *O meu proprio romance*, pag. 139).
- BURRA** — Cofre de ferro.

(continua)

RODRIGUES DE CARVALHO

N o t a s

SERGIO MILLIET — Terminus Sêco e Outros Cocktails (Est. Grafico Irmãos Ferraz, S. Paulo, 1932).

Sergio Milliet é um dos poetas mais curiosos do grupo moderno de São Paulo. Personalidade de pouco brilho, pouco relêvo visível, mas apesar disso muito fixa, firme, inacomodável. E' um perfeito isolado. E mesmo quando tinge a sua poetica de efeitos e principios esteticos alheios, Sergio Milliet faz isso com um desprendimento tamanho de espirito de facção, de tal forma convertendo tudo á experiencia de si mesmo e ás suas liberdades pessoais, que êsses maneirismos coletivos perdem na obra dele qualquer valor normativo de proselitismo ou de escola. E de fato: tendo passado pelas mais furiosas manifestações de modernismo poetico da França e do Brasil, tendo tomado parte nelas e refletido nas suas obras episodico, a maior parte dos cacotes modernistas: Sergio Milliet não perdeu nada daquela alma gris, daquele coração sossegadamente dolorido, daquela contemplatividade mui calma e desencantada que êle criou pra si, haurindo o ar post-simbolista. Tem uma unidade rija em toda a obra dele, feita de dese-

loquencia, calma e uma fadiga por demais desiludida de tudo. E' um desabusado desprovido de unica fôrça que enriquece os desabusados: a curiosidade do mal. Experiencias da Terra, dados de comoção, não se refletem na obra poetica dele, sinão depois duma estação de repouso pelas malocas pouco arejadas da paciencia e da fadiga. Conseguiu assim, com uma unidade rara, perseverar naquele lirismo assustadiço e melindroso emudecendo ou se esvaindo a qualquer veemencia ou brilhação maior, que Couto de Barros preferia no último número da R. N. como conceito geral de Poesia. Não creio que seja apenas isso a Poesia, porém essa melindrosidade recatada é na certa uma das mais suaves, mais subtis, mais sovertidas dentre as poeticas. E nessa especie de Poesia, Sergio Milliet se coloca entre os modernos do Brasil, naquela mesma ordem de excelencia que um Ribeiro Couto, que um Martins de Almeida.

Sei que o meu drama é banal
Que se repete quotidianamente
E sopra no coração dos homens
Essa tristeza barata que o dia va-
[gabundo
Me obriga a carregar.

alimentados pela exclusiva razão de registrar uma anedota ou uma piada. Ora Sergio Milliet no seu estudo, chama de poema-piada também a qualquer piada em poema, o que é absurdo. Nesse caso os *Luziadas*, a *Divina Comedia*, todo Molière, muito Shakespeare, muito Castro Alves, muito Goethe seriam poemas-piadas. Mesmo uma poesia longa que por acaso terminar por uma piada, não se poderá com justiça chamar de poema-piada. Este é equiparado com muita razão por Sergio Milliet, ao verso-de-ouro. Mas o verso-de-ouro só é pejorativo quando convertido a finalidade única do poema, isto é, transportado de realidade lirica a dogma estético. Agora: quando Basilio da Gama levado pelo impulso lírica, arrebenta no

Tanto era bela no seu rosto a morte;

quando Gonçalves Dias se convence que

Isso é amor e dêsse amor se morre;

a gente não pode pejorativamente chamar de verso-de-ouro a êsses aureos versos da nossa inspiração. Vieram sem querer, vieram no correr da pena ou do moto lírico (pouco importando mesmo que sejam criados no lugar...), não estão constituídos em finalidade espertalhona de coisíssima nenhuma. Da mesma forma a piada, o trocado, a anedota são perfeitamente justificáveis quando surgem sem querer, quando fazem parte do mecanismo lírico. Ou seria retirar da Poesia o direito de pandega.

Mas a parte mais interessante de *Terminus Sêco* é ainda a dos poemas e impressões de viagem, a que Sergio Milliet intitulou de *Naturezas Mortas*. Aí o criador está mais livre, não carece de muita informação. E' Sergio Milliet por inteiro, com aquela sua mansidão caipira, molenga, sentida. E o dasabusado e fatigado viajante.

(.....)

Correu mundo

E prostituiu seus olhos a todas as
[paisagens
E saboreou o aroma das palavras es-
[trangeiras...

E voltou mais triste

Mas já agora sem a ilusão dos mapas
[e sem a ansia dos vapores.

Ouvira a orquestra surda das capitais
e auscultara o peito ofegante dos
[transatlânticos,
E penetrara a vaidade dos poetas.

Voltava só.

(.....)

E' o Sergio Milliet que apesar de tudo gosta muito da vida. Só que não pode mais aplaudi-la. O que é o melhor e mais original aspecto da personalidade de Sergio Milliet. Ama, porém os seus amores são exaustos. A's vezes nos dá conceitos dum desencantamento sem queixa: "Mais vale uma arte sem moral, que uma moral sem arte"; ou, "Uma mulher só guarda de suas aventuras, os defeitos de seus amantes", é verdade.

Sergio Milliet percebe o seu natural isolamento. E o livro se laiva de tristuras: "Comecei a cultivar meu natural egoísmo com o carinho dos sábios pelos microbios mais perigosos. Um tal desprêso sobreveiu pelos homens que, sem a necessidade orgânica do banho, me teria tornado digno de museu. Despi-me de todos os preconceitos e de todas as convenções".

Mas até isso o aborrece, e num arranco brasileiro do melhor sentimentalismo, com um bocado de receio do ridículo, articula as queixas do *Eu*, que são da melhor poesia de Sergio Milliet, admiráveis.

De forma que si *Terminus Sêco* e *Outros Cocktails* não aumentam muito o valor de Sergio Milliet, contêm no entanto algumas das melhores páginas líricas dele. E pra confirmar

que esse valor vale mesmo, bastam estas profundas reflexões: "Ha uma coisa mais dolorosa ainda do que a saudade. E' o sentir que cada dia vivido quebra a cadeia das amizades longinquas. Nada é mais suave do que a prisão voluntaria do coração. Os anos carcereiros empurram-nos para fóra, dão-nos liberdade; mas, livres, sentimo-nos inuteis". O que, graças a Deus, quer dizer que o poeta sempre reconhece a...miseria do povo chinês.

M. de A.

LUIZ FELIPE VIEIRA SOUTO —

Dous Romanticos Brasileiros — (Boletim do Inst. Hist. e Geog. Brasileiro, Imp. Nacional, 1931).

O sr. Luiz Felipe Vieira Souto publica neste opusculo, as duas conferencias que realizou no Instituto Historico Brasileiro, para comemorar os centenarios de Alvares de Azevedo e Manuel Antonio de Almeida. Como pesquisador de Historia que é, o Autor se preocupou, quasi exclusivamente com o ponto-de-vista historico. Produziu por isso documentos de acesso difficil, que nem a carta ao **Correio Mercantil** de 6 de dezembro de 1861, relatando o naufragio do "Hermes" em que morreu Manuel Antonio de Almeida; bem como documentos ineditos e excelente iconografia sobre o outro Manuel Antonio.

Si a conferencia sobre o autor das **Memorias dum Sargento de Milicias** pouca importancia tem, o opusculo se torna absolutamente imprescindivel a todos quantos se interessam por Alvares de Azevedo. Só a serie de cartas ineditas do poeta a sua mãe formam repertorio que justifica um livro. Não são muito variadas. O poeta com sua mãe só falava em determinados assuntos: saudade, incomodos de instalação, amor filial, bailes e parentes. E' raro mesmo nelas, com

excepção dos bailes, uma observação de psicologia social que interesse mais, feito aquela de 1845 em que afirma já a decadencia de espirito religioso entre os paulistanos: "Hontem vi a procissão de cinza que sahiu da Igreja cmo 12 andores entre os quais havião alguns que tinhão 4 ou 5 estatuas a saber: S. Francisco ensinando, S. Francisco recebendo as chagas de N. Senhor, N. Senhor recebendo os raios de N. Senhora com Frades ajoelhados em baixo etc. etc. Admirei-me de ver apenas huma ou 2 familias na Sé na quarta-feira de cinzas. O temps, ó moeurs! Se fosse para hum fogo, para uma iluminação, estes hoje apellidos fieis, para lá irião!"

Eis Paulicea: "A geada foi tão forte nessa noute — a mais fria que tem havido este anno — que aqui no quintal achou-se uma pedra de gelo do tamanho de uma mão. Um negro (dum fulano Coutinho) que adormeceu bebado na Varzea do Carmo amanheceu morto. Era bem lindo o espectáculo de manhã, das casas brancas todas — e das campinas que alvejavão como se fossem lençoes que as cobrissem. Ante-hontem aqui houve rão umas cacetadas. Um estudante do 1.º anno está á morte. Os 2 aggressores (que querem fazer-se de agredidos) tambem ficarão bem convidados. O bonito do negocio é que os 2 que querem fazer-se de atacados brigarão de espadas e pistolas que levavão, enquanto que o Estudante só levava uma bengala. Comtudo tão bons são uns como o outro. São caretistas de profissão. Mas o que não ha-de ter lugar quando o maior culpado é o Chefe de Policia que os deixa andar ahi soltos a fazerem o que querem?... Um Estudante por ser achado de estoque dormiu na cadêa — e no emtanto por ahi andão os Maltistas de pistolas e espadas sem que ninguem se dê disto. A razão é esta: Um dos grandes no páo é o Gomide e o Sr. Chefe de Policia não querendo desagradar os

Gomides — pela simples razão de querer agradar á Chiquinha não o prende nem manda recrutar... Ora valha-nos Deus! Que terra esta onde a policia é feita por Gomides!" Terra onde não se acha vidros pra candieiros, conta o poeta, mandando encomendar êles no Rio. Onde não se compra nada de bom: "Emquanto ás luvas agradeço-lhe muito, porque as que aqui ha são de muito ruim pellica — ou antes couro — e quando se recebe fica-se em duvida se são para os pés ou se para as mãos — e alem disso vende-se pela ninharia de 2\$600, para estallarem nas costuras logo ao calçar-se, apesar de serem tão largas que se em lugar de ser minha mão fosse o Pão de Assucar que se quizesse accomodar nellas pouco lhe custaria o capricho".

De resto será muito difficil botar completa verdade nas afirmativas do poeta contra Paulicea. Si já por um lado, em cartas para mamãi a gente sempre pactua em deprimir a terra em que está pra que mamãi sossegue, Alvares de Azevedo deprime por demais a São Paulinho da sua vida pra que não haja nele por ela uma sincera aversão. A cidade é tão mal calçada que o poeta fica em casa pra não machucar os pés. "Quanto a outros divertimentos — nichts — só andar pelas ruas dando topadas nas pedras — coisa em que se ponha a excepção dos calos e ruturas nos sapatos"; "Emquanto no Rio reluzem esses bailes á mil e uma noites, com toda a sua magia de fulgencias e luzes, para aqui arrasta-se o narcotico e unico baile da Concordia Paulistana. Nunca vi lugar tão insipido como hoje está S. Paulo. Nunca vi cousa mais tediosa e mais inspiradora de spleen. Se fosse eu só que o pensasse dir-se-hia que seria molestia — mas todos pensam assim. A vida aqui é um bocejar infinito. Não ha passeios que entretenhão, nem bailes, nem sociedades, parece isto uma cidade de Mortos — não ha nem uma

cara bonita em janella — só rugosas caretas desdentadas — e o silencio das ruas só é quebrado pelo ruido das bestas sapateando no ladrilho das ruas. Esse silencio convida mais ao somno que ao estudo, enlouquece, e entorpece as imaginações e pode-se dizer que a vida aqui é um somno perpetuo. Passão-se dias e dias sem que eu saia de casa — mas que hei-de eu fazer? as calçadas não consentem que um par de pés guarnecidos de um par de calos — como os meus — possam andar vagando pelas ruas. Fico em casa, comtudo por isso não estudo mais do que quando no anno passado eu ia todas as noites conversar em alguma casa de familia, ou n'um baile. Estudo sempre, — comtudo — porém é como a martello, é unicamente a força de vontade".

Os bailes são infectos, êle repete constantemente. "Domingo ha baile da — Concordia Paulistana. Entre os socios desse baile não ha estudantes. Para elogio desse baile basta dizer-se poucas palavras, — todas as sociedades e bailes de S. Paulo, banirão o Caypirice das cartas para os pares e elles ainda teimam e persistem em querer que sejam os mestres-sala que escolhão os pares — ora como esses sujeitos são já meio velhucos ordinariamente — e pois meus amigos escolhem os pares melhores para si e para os velhos e por favor eximio dão as venerandas matronas para os rapazes. De sorte que fica um mundo ás avessas". Quando fica doente com febre, pede á mãi que nem culpe disso os bailes de S. Paulo, porquê êstes "acabam á meia-noite".

E as moças são detestaveis. "Emquanto aos meus pares — idem — pois resolvi-me a dansar aqui com pares certos dos quaes não prescindindo e em desdouro meu ou de S. Paulo seja dito que não são da terra — são Xavieres — Olympia — e Milliets que são todas Santistas. Emquanto a gente daqui só uma vez na vida

danço com as Brigadeiras (Pinto) ou com a filha do Pacheco que vai aos bailes de calças...”; “Segunda feira fui a hum baile dado pelo Sr. Souza Queiroz. Todas as salas estavam com lustre, o ar embalsamado de mil cheiros, tanto de flores como de essencias, mas comtudo S. Paulo nunca será como o Rio. Alli estavam o que chamão por cá moças bonitas. Havião com vestidos de velludo a Presidenta e a Viscondessa de Montalegre. Havião alem destes, vestidos de setim sem ter escomilha por cima, havião de chita e cassa com listas de seda, de chalim, etc.”; “Agora que vierão as luvas, é que me acharão pouco disposto para bailes, tanto que, não pretendia ir tão cedo a bailes em S. Paulo. A razão é muito simples. A terra de S. Paulo tirando-se 4 ou 5 familias pode chover-lhes o diluvio de grandissima injustiça — só com essas familias danço eu. Pela morte de D. Joanna 3 — a saber, do Claudio, os Xavier e os Milliets não irão a bailes tão cedo — e ir a bailes para dançar com essas bestas minhas patricias, que só abrem a bocca para dizer asneiras acho que é tolice. Não julgue vm.cê que fallo com exageração — a moça senão a mais bonita, a estatua a mais perfeita em tudo uma Belisaria (Mineira) é uma estúpida que diz — Nós não sabe dançá prôque, etc.”; “Emquanto ás moças bonitas, as mais bonitas não são daqui são as Santistas ou as de Minas — e as bonitas que ha daqui são como as bestas chucras na extensão da palavra”; pra enfim, já em 1851 afirmar definitivamente: “Na mesma lista pode incluir todas essas moças bonitas cujos nomes por modestia omitto, mas que não posso esquecer, no meu pantheismo, á vista da irresistivel fealdade das minhas patricias. E’ singular que n’uma terra onde o céu é tão bonito as caras sejam tão pardacentas e as mulheres tão...” nem diz “tão” o quê!

Tudo isso é muito curioso e de cer-

to muito malhumoradamente visto. A fama de beleza da mulher paulista era já então proverbial, e tradicional mesmo fóra do Brasil. La Harpe a repetirá na sua *Historia das Viagens*. São aliás vários os viajantes estranhos que afirmaram essa boniteza. O dr. Gustavo Beyer, tres decadas antes de Alvares de Azevedo, por exemplo, e ainda mais proximo do poeta, Schlichthorst perde as estribeiras, entusiasmadissimo com a boniteza feminina desta provincia. Poucas regiões da Terra, éle afirma, terão direito como S. Paulo, a dizer que só possuem moça bonita, “In dieser Provinz findet man nur schoene Frauen; es giebt wohl wenig Gegenden der Welt, wovon man das mit Recht sagen kann”. Se pasma serio ante dona Domitila então ainda Viscondessa de Santos... “sie ist eine wahrhaft schoene Frau, wie der groesste Theil der Paulistinnen es seyn soll”, aliás tão bonita como a maioria das paulistas...

Alvares de Azevedo tambem se reporta á marquesa de Santos, cuja casa frequentou, com respeito mas uma ironia sempre alerta. Já em 1844 fala assim: “Hontem a Marquesa de Santos me mandou convidar para hir jantar em casa por ser o dia de annos do Tobias e por casar-se huma afilhada (que todos dizem que é filha) sua com hum luxo. O Tobias fez-lhe uma saúde, e a Marquesa respondeu a ella”. E embora sempre reconhecendo a amabilidade protetora da Marquesa pra com éle, com aristocratica independencia assim trata dela e da familia: “A proposito de baptisados e netos. O baile que tinha de haver no dia 23 pelo baptisado da neta da Marquesa, da nobre descendente da casa de Bragança a Snra. D. Maria Izabel de Alcantara, transformou-se n’um enterro. Morreu a linda creancinha de um ataque de colvulsões na madrugada da 2.ª feira, e nessa noite enterrou-se com a maior pompa possivel em S. Paulo.

Era de ver como estava bonito o anjinho com sua corôa de flores na testa branca como jaspe, com suas mãosinhas postas no peito apertando friasinhas uma palma de frocos verdes, alvas como as roupas candidas bordadas de oiro que vestia. Do lado do caixão de setins e bordados de oiro vião-se as dobras da capa de veludo azul bordada também a fio de oiro. A criança era o retrato mais perfeito possível da mãe — é aquella testa erguida, aquelle nariz arrebitado um pouco, etc. O conde está inconsolavel, segundo dizem. Apesar da chuva houve muita gente. Para tornal-o mais solemne, fizerão passar o enterro do Açú ao Carmo — isto é de um dos extremos da cidade ao outro. Houverão bandas de musica”.

Mas não é apenas por êsse epistolario e pela documentação iconografica que o trabalho do sr. Luiz Felipe Vieira Souto vale, porém ainda pela conferencia sobre o poeta seu parente. Alem de perfeita sintese biografica do poeta, estão nela contribuições novas de muito interesse. Importantissima como documentação para certos aspetos psico-patologicos do poeta, denunciados no estudo sobre “Amor e Medo” que a R. N. publicou no 3.º número, me parece a anedota de 1851. “Nesta epoca, o seu genio alegre começa a sofrer modificações, apesar de brilhar, de vez em quando a veia satirica, tal como em um baile do carnaval do ano de 1851, em que, apresentou-se fantasiado de mulher, a intrigar ministro europeu aqui acreditado e pretendente á mão de uma das suas irmãs: Mariana Luiza. Neste baile o ministro apaixonou-se pela mascarada e, crendo-a dama de costumes faceis, proporcionou-lhe bellissima ceia, á espera de maiores favores. Alvares de Azevedo continua representando seu papel feminino até que alta madrugada, os dois a sós... desvenda o misterio”. Ao que se poderá ajuntar o discreto mais ou menos entendido do poeta sobre cri-

vos e bordados, aparecendo ocasionalmente nas cartas de agora, as preocupações com tualétes femininas, principalmente a bonita descrição do vestido da condessa de Iguassú (p. 76), e o profundo desfervor sexual com que, alem de se confessar “panteista” na contemplação da moça bonita, insultou de bêstas chucras as moças piratininguistas.

M. de A.

GINA CARVALHO — Histórias da Casa Grande — (E. G. “Revista dos Tribunaes”, S. Paulo, 1931).

Êste livro com que Gina Carvalho se estreia na literatura, é dum encanto impregnante. Não deixa a gente pensando; não traz nenhuma idea filosofica, ou simplesmente: nenhuma idea, nenhum juizo. Mas deixa a gente sentindo com vigor doce. E nisso as **Historias da Casa Grande** possuem uma fôrça incontestavel.

Gina Carvalho demonstra logo uma sensibilidade feminina muito brasileira. Pelo menos da nossa mulher de boa tradição, educada, sinão á antiga o que a tornaria agora antiquada, pelo menos numa compreensão muito perfeita do nosso passado nacional. Uma atividade pouco liberdosa, duma inteligencia muito firme porém discreta na semostração, a mansuetude meticulosa em que o carinho, a amorosidade como que se oculta no cumprimento do dever. Assim parecem ter sido as nossas mulheres invisiveis aos homens, tais como os viajantes as descreveram... E essas mesmas qualidades permanecem excelentes nesta escritora nova.

As **Histórias da Casa Grande** são um “livro para crianças e para toda a gente”, como bem definiu Gina Carvalho em subtítulo. Escrito inicialmente para crianças, a escritora logo percebeu que, embora relatando a vida duma tropilhaçinha de

crianças, o seu livro era mais de reminiscências que exclusivamente próprio á formação da personalidade infantil. Se deixou levar pelo que viveu em cunhatã e nos deu uma descrição meticulosa e carinhosa do que foi a nossa vida de crianças dali pela aurora dêste seculo. Aparece a casa grande, chata, com seu carreirão de janelas, suas alcovas; é nossa mãe que mora ali; surgem nossos metodos de estudar e nossas peraltagens; e a displicencia mais ou menos desorientada da nossa educação psicologica, apenas contida por uma compreensão e metodização muito facil e muito exterior da virtude catolica. Com exceção dêste aspeto final de nossa educação de que tão bem estão impregnadas as **Histórias da Casa Grande**, tudo o resto já tem sido descrito e repetido em muitos livros do Brasil. Porém Gina Carvalho o faz com um grande poder de evocação. Tem tão pouca literatura e tanto amor meticoloso no livro dela, da sua leitura vai saindo uma verdade tão nossa, tão perfumada, tão objetiva que a gente se pega em pleno reviver. Sentindo, em vez de pensando, como falei no principio. Por isso o livro é encantador. E toda a gente, toda a gente grande ha-de sentir, ao le-lo, aquela mesma caricia sublime que é recordar o nosso tempo de piás.

L. P.

D. MARTINS DE OLIVEIRA — No País das Carnaúbas — (Rio, 1931).

O sr. Martins de Oliveira produziu com **O País das Carnaúbas**, um livro bastante tipico das zonas do Nordêste brasileiro. Desde a dedicatória aliás, em que desfilam pessoas chamadas Aurelino, Catão, Jovelina,

Hosana, Bernadete, nomes tipicamente... regionais.

Dotado dum invejavel conhecimento da região do rio S. Francisco, o autor a descreve, buscando o pretexto de contos para assim fazer. Os contos como ideação valem pouco; e é pena que tanta riqueza de observação etnografica, uma segura contribuição nova como é a do sr. Martins de Oliveira, fique assim meia dispersa no gado numeroso da literatura de ficção. Nós somos um país, muito mais que "das carnaúbas", da literatura. São rarissimos os homens que se preocupam de ter validade científica entre nós, mas todos anseiam tradicionalmente em valer como bons escrevinhadores de frases. Os medicos sonham poesia, que é já agora a rima nacional indispensavel de profilaxia, de cirurgia e mais "ias" da prática medicinal. E os degredados fazem livros de exilio...

E' de deveras uma forte pena, por exemplo, que o sr. Martins de Oliveira, com o seu estilo escoreito e a sua grande prática da zona franciscana, desperdice tudo isso em livros de contos, como pretende com as suas obras anunciadas **No País das Carnaúbas**. Enquanto isso a etnografia do São Francisco, tão rica, tão surpreendente ás vezes pela preservação de costumes já desaparecidos de todo o resto do Brasil, o estudo dos costumes e do folclore dêsses sertanejos, continua sem sistematização. Pela intelligencia clara, pelas qualidades de observação, pelo amor a essa região maravilhosa do mundo, que tudo isso está perfeitamente visivel **No País das Carnaúbas**, o sr. Martins de Oliveira é o homem indicado para produzir êsse livro de ciencia necessario. E que certamente será mais util e valerá patrioticamente mais que quantas joias de literatura o autor nos possa dar.

L. P.

RODRIGO OCTAVIO FILHO: Osorio (Imprensa nacional, Rio, 1931).

O autor publica neste folheto a palestra que realizou no Instituto Histórico Brasileiro a 6 de outubro do ano passado. É um resumo bem feito da biografia do marquês de Herval. Apoiado nos estudos de Fernando Luiz Osorio, Pandiá Calogeras, Tobias Monteiro e outros, não se cinge á costumada enumeração de datas ligadas por adjetivos, no velho estilo dos necrologios. O elogio do vitorioso de Tuiuti ressalta dos fatos que o autor narra com simplicidade. Como convem aliás tratando-se de Osorio, tipo do heroi sem basofia, general "de poncho, pala e chapéu desabado".

O. G.

PROF. ALOYSIO DE CARVALHO FILHO: Oração de Paraninfo (sep. da "Revista de Cultura Juridica", Baía, 1932).

Falando na Faculdade baiana aos bachareis de 1930, o ilustre professor Aloysio de Carvalho Filho acentuou primeiro a necessidade da cultura: "Não vos contenteis, nunca, em saber pela rama". Dirigia-se a brasileiros e a recomendação, portanto, se impunha. Brasileiros, quer dizer: politicos. E daí apontar também a esses futuros legisladores a "tarefa de criar, no nosso país, o senso da realidade nacional, suscetivel de assentar em veros fundamentos uma opinião publica, para que os homens e os atos não continuem, entre nós, ao sabor de juizos individuais, por excelencia temerarios e precipitados, quiçá orientando, quiçá orientados pelos que, do alto das tribunas polfticas, falam em nome da coletividade brasileira, nem todos mandatarios da sua confiança, muito menos senhores da sua vontade e dos seus anseios".

Dirigindo-se depois aos que por acaso viessem a preferir a magistratura á política, não deixou de ressaltar o espirito liberal "que hoje tanto caracteriza a judicatura" e "ainda mais se manifesta no campo da justiça penal." O juiz moderno tende a se humanizar, adquirindo "crescente autonomia em face dos textos hirtos".

Não é só. Hoje em dia e entre nós, o primeiro dever do jurista é trabalhar para que "o Brasil se integre no direito de após-guerra, ajustando-o aos nossos sentimentos eticos, determinantes economicas, aspirações sociais". É precisamente no "ponto do amadurecer das reivindicações coletivas" que mais avulta o papel do jurista.

Assim, as palavras do professor Aloysio de Carvalho Filho, proferidas em 1930, nada perderam ainda da sua oportunidade. Aproveitam também os bachareis de 1932. E com certesa aproveitarão aos de 1952.

O. G.

RECEBEMOS:

— "Le Opere e I Giorni" (Genova, Italia), ns. de janeiro e fevereiro;

— "La Vie Intellectuelle" (Juvisy, França), ns. de 10 de janeiro e 10 de fevereiro;

— "Itinerario" (Cataguazes, Minas Gerais), ns. de 6 e 13 de fevereiro;

— "La Vida Litteraria" (Buenos Aires), n. de fevereiro;

— "Repertorio Americano" (San José, Costa Rica), ns. de 23 e 30 de janeiro;

— "Filosofia" (órgão do Centro Miguel Kruze, S. Paulo), n. de janeiro;

— Edigar de Alencar: "Carnaúba" (Of. Graf. do Almanaque Laemmert, Rio, 1932);

— Mario Hermes da Fonseca: "O Mundo e o Brasil Atual" (Tip. Coelho, Rio, 1932).

COLABORADORES DÊSTE NÚMERO:

Augusto Meyer, poeta gaúcho, autor de *Giraluz*, *Poemas de Bilú* e *Literatura e Poesia*.

E. Roquette Pinto, diretor do Museu Nacional, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de *Rondonia*.

Rodrigo M. F. de Andrade, natural de Minas Gerais, advogado no Rio de Janeiro, escritor e jornalista, ex-diretor do "O Jornal".

Alfredo Ellis (Junior), natural de São Paulo, historiador e ensaista, membro da Academia Paulista de Letras, autor de *O Bandeirismo paulista* e o *recuo do Meridiano*.

Pierre Guéguen, poeta e crítico de arte francês, autor de *Jeux Comiques*, colaborador das revistas "Cahiers d'Art" e "Nouvelles Littéraires".

Rodrigues de Carvalho, folclorista paraibano, advogado em Recife.

Brasiliãna

6 - O ultraje anatomico, uns dos ultimos destroços do regalismo.

“Aos secretarios da Justiça e Educação, o interventor federal determinou o seguinte:

“São Paulo, 5 de março de 1932. — Cidadãos secretarios da Justiça e Segurança Publica e da Educação e Saude Publica,

Considerando que o culto geral dos Mortos é necessario ao conveniente desenvolvimento da fraternidade universal;

considerando que, no regime republicano, o PODER TEMPORAL OU GOVERNO nenhuma intervenção pôde exercer em questões scientificas quaisquer, como são os problemas medicos, e especialmente na apreciação das CONDIÇÕES DETERMINANTES DA MORTE;

considerando que o regime republicano não consente que se profanem os Mortos, sujeitando os corpos a sacrilegas explorações;

considerando que é uma tirania explorar os cadaveres dos indigentes para exames anatomicos, a pretexto de interesses da ciencia;

considerando que os corpos dos proletarios são tão inviolaveis como os das pessoas pertencentes á burguesia;

considerando que é livre ás pessoas que estiverem convencidas da necessidade ou da utilidade de tais práticas legarem, para estas, os seus corpos, e obterem que o mesmo legado seja feito por pessoas de sua familia, por amigos, e pelos que nelas confiarem;

considerando que, por fôrça de principios deshumanos infelizmente ainda acolhidos em lei, é admitida a autopsia, quando se trata de investigar certos crimes;

considerando, entretanto, que é um dever procurar atenuar os males, até que a implantação definitiva do regime republicano venha eliminar os ultimos destroços do regalismo;

considerando que é sempre justificavel o apêlo á generosidade humana, afim de que todos contribuam para o respeito á dignidade alheia;

determino:

que sejam, ao menos, abolidas as autopsias, como elemento de pesquisa judiciaria, sempre que por outros dados se possa concluir a chamada causa-mortis, ou circumstancia essencial;

que, quando fôr feito o exame anatomico, a autoridade competente assuma a plena responsabilidade moral do ato cercado o cadaver do mesmô respeito e recato que lhe mereceria o corpo de um irmão;

que, afora o acima determinado, ninguem sofra ultraje anatomico sem o seu prévio assentimento em vida, ulteriormente confirmado pela familia.

Peço, pois, que vos dignais de tomar as providencias que são necessarias para o fiel cumprimento da presente determinação.

Saude e fraternidade, Coronel Manuel Rabello, interventor federal”.

(da “Folha da Manhã”, de S. Paulo, de 6-3-932).

7 - O demente.

“O fiscal de veiculos n. 42, de serviço no largo do Campinho, foi abordado, ali, por um homem modestamente vestido, que lhe fez entrega de uma carteira contendo algumas centenas de mil réis, e acrescentando, com simplicidade, que a encontrara nesse mesmo logradouro. O fiscal convidou-o a acompanhá-lo até á delegacia do 23.º distrito, afim de entregarem o achado ás autoridades dali, o que foi feito. Atendeu-os o comisario Amador, que, depois de interrogar o portador da carteira, resolveu detê-lo, procedendo a averiguações, das quais resultou ficar apurado que o popular em questão era nem mais nem menos que um demente evadido da colonia de alienados de Jacarépaguá, para onde, em seguida, foi recambiado. Deu ele o nome de Antonio Franco.

A carteira que motivou a recaptura do demente acha-se na referida delegacia, onde será entregue a quem prove ser seu legitimo dono”.

(do “O Globo”, do Rio, ed. da manhã, de 7-3-932).

8 - Salvaguardando o carater.

“E’ com o tfulo supra citado que venho, por meio dêste, cientificar minha distinta e seleta freguezia do seguinte: tendo sido retirados de minha casa, sita á rua Vergueiro, 318, diversos sorvetes para serem analisados, tal analyse os deu como bons (o que breve provaremos), com exceção do de crême, que é incontestavelmente preparado com ovos e leite, como o provam a dita análise e a grande venda que tenho do mesmo, foi ele condenado pelo simples fato de ter sido encontrada no mesmo pequena quantidade de colorante, o que vinha a dar justamente melhor apparencia, não só em sorvete de crême, como tambem em muita especie de comestiveis.

Para que tal não torne mais a succeder, obstinar-me-ei do mesmo para que não se riam doravante os que nem por méra idéa sabem o que é asseio e preparo de sorvetes finos.

Aproveito a oportunidade para agradecer, não só á minha distinta freguezia, como tambem á digna autoridade sanitaria do distrito o bom resultado das analyses dos sorvetes por mim preparados.

Este é o melhor meio para salvaguardar o carater e a dignidade de um homem.

DOMINGOS SORBO

Rua Vergueiro, 318, proximo á rua Paraiso."

(do "O Estado de S. Paulo, n. de 11-2-932).

9 - O que nos falta para sermos mais fortes e o sacrificio dos lusos.

"Quando, nesta época tão fagueira do ano, soam os clarins e aumenta, com a abertura das lojas especializadas, o barulho da cidade, um "frisson" eletriza o povo carioca. E o carnaval turbilhona. No espaço, o halito quente de Satan, aquecendo a cidade. E, tambem, o "cheirinho" da mulata, ainda mais traiçoeiro, indicam as canções em voga, para os cinco sentidos, do que o eter do lança-perfume, porque animador das mais graves razões atavicas...

O cheirinho da mulata... Ele é o nosso "de l'amour dans l'air" em que pese a suscetibilidade de todos quantos atribuem o bronzeado da pele aos banhos de sol em Copacabana. A exemplo do cabelo da "morena" (Ah! os recursos da plasticidade do idioma!) o bronzeado não néga...

Falta-nos, porém, a coragem para dizermos bem alto que somos um povo mestiço. No dia que tivermos essa coragem, seremos mais fortes. Teremos perdido o pavor do ridiculo. E, adquirido o senso exato da nacionalidade, a certeza dos destinos da raça, o bom hábito de não copiar o estrangeiro.

Voltemos, porém, sem divagações, que nestas linhas ligeiras não se enquadram, ao "cheirinho da mulata".

No norte do país, que é onde forte lateja a mentalidade da raça, canta-se assim:

"Cabocla de Caxangá
Tu cheiras a manacá".

E' que, no norte, o vocabulo "morena" não circula... Em compensação, aqui não se sabe o que é manacá...

Durante o carnaval, classes existem que ficam fazendo parte dos Tantalos do cheirinho da mulata. Uma delas: os bigodudos dos bondes, os

heroicos motorneiros, em cujo número se encontram lusos robustos, cujo faro é agudissimo para esse caso particular...

E' de vê-los, presos pelo dever, no posto de sacrificio, abafando uma vontade imensa de cair na farra... Além dêsse esforço, outro ainda maior dispendem os motorneiros — aquele de manter controlados os nervos em meio do tumulto da festa revel, contribuindo com a sua atenção, para que a Light mantenha em boa ordem, os seus serviços de transporte, cuja eficiencia tanto concorre para o exito do carnaval.

Os que se divertem devem pensar, um pouco, naqueles que trabalham dobrado para que eles possam se divertir com segurança e conforto.

Não é o motorneiro que garante o bonde que leva ao lar, pela madrugada, os carnavalescos exaustos?

Sem ele, a volta seria, "ali no calcante", ou, então de taxi, que é um transporte caro.

Como agradecer a dedicação desses heróis humildes?

A resposta é simples: basta não perturbá-los no seu trabalho".

(do "Diario Carioca", n. de 3-2-932).

10 - A desilusão e o protesto da mascote.

"Cicero Lacerda é um rapaz de 16 anos, de uma precocidade pitoresca, e em cuja vida existem alguns fatos que revelam um temperamento irrequieto. Até ontem, embora fosse menor, foi 3.º sargento da Fôrça Pública — segundo nos disse. Audacioso e inteligente, tinha um "passado de glórias", como êle proprio o declarava. Em 1924, quando se declarou a revolução, abandonou a casa materna e acompanhou as fôrças revolucionarias, ambicionando tomar parte nos combates que se iam travar. O general Isidoro, um dia, encontrou-o de carabina ao ombro, nas primeiras linhas de combatentes. Achou-lhe graça. Afastou-o prudentemente da linha de fogo e transformou-o em mascote da sua coluna. Durante varios meses Cicero de Lacerda assistiu a combates sangrentos; carregava as armas, dava, uma vez ou outra o seu tiro, e viveu a vida agitada e cheia de perigos dos seus companheiros, que só abandonou quando esses se refugiaram no Paraguai.

Cicero de Lacerda regressou, por fim, á casa de sua mãe.

Passaram-se os anos. Veiu o movimento de outubro. O general Isidoro chegou a S. Paulo. Um dia, no Quartel General, apareceu-lhe um rapaz que o interpelou:

— Não se recorda de mim, general?

O general Isidoro reconheceu-o. Era a antiga mascote dos revolucionarios. Semanas depois Cicero de Lacerda era feito cabo da Fôrça Pública.

Cicero passou a usar um capote enorme e umas botas altas que lembravam as do gigante das sete leguas... Marcialmente, quando caminhava, fazia retinir, vaidosamente, as suas esporas para chamar a atenção sôbre as suas divisas. Afinal, veiu a desilusão.

Hoje, Cicero Lacerda procurou-nos com um ar de indignação.

— Vou ser afastado da Fôrça Pública — declarou-nos — porque carreguei nos dois comicios a bandeira de São Paulo.

— Como isso? — indagámos.

— O comandante do meu regimento não gostou de minha atitude e resolveu afastar-me das fileiras. Como não sou criatura para suplicar perdão, aceito, de bom grado, essa decisão.

— E você que vai fazer?

— Vou trabalhar, até que as coisas mudem, e eu possa de novo apresentar-me ao meu regimento.

E, abrindo o capote, prosseguiu:

— Trago aqui uma carta para ser publicada. E' o meu protesto. Rogo-lhe que a publique.

E estendeu-nos a carta em que, á maneira dos manifestos publicados, começa:

“Senhores Paulistas: — Eu, Cicero Lacerda, ex-terceiro sargento da Fôrça Pública, antiga mascote das forças revolucionarias, em 24, comandada pelo general Isidoro, peço aos meus conterraneos que não esqueçam êste brasileiro que honra a terra em que nasceu. Acabo de ser excluído das fileiras da milícia estadual por ter carregado a bandeira paulista no grande comício de ontem, no desempenho, portanto, de um dever, embora apenas conte 16 anos. Estava com o meu futuro feito, na Fôrça Pública. Preferi, porém, tudo arriscar, para conduzir a bandeira da terra dos bandeirantes, onde nasci. Não me arrependo da minha atitude. Vou ser afastado do meu posto.

Continuo, contudo, firme em minhas convicções. Como ontem no comício, “tudo por S. Paulo”. Não me atemoriso pelo futuro. Felizmente o dr. Ferreira, mui digno diretor do 1.º distrito da Sorocabana, logo que teve conhecimento do que comigo se passou, ofereceu-me emprêgo. Vou trabalhar naquela estrada de ferro, devotado sempre a S. Paulo e com esperança num melhor futuro para a nossa terra. — (a) Cicero Lacerda”.

(do “Diario da Noite”, de S. Paulo, n. de 25-2-32).

11 - Amnelis, a criança - prodigio.

“Chegaram hoje á cidade os boatos mais desencontrados em tórno de um caso estranho: uma menina de quarenta dias apenas que fala, desmentindo o pai, queixando-se da vida, etc. O caso vinha do Bom Retiro, tendo a criança nascido no predio n. 91 da rua da Graça, naquele bairro.

Trata-se, segundo apurámos, da menina Amnelis, filha do sirio Jorge José Battar e de sua esposa d. Maria Savini Battar. Com 17 dias já essa prodigiosa criança dizia: “Ai, meu Deus”, naturalmente, qual se costuma soltar essa frase, mais á guisa de exclamação, de queixa da vida. Entretanto, só a mãe da criança tinha ouvido isso. Pensou que fôra qualquer confusão que se déra e não deu importancia ao ocorrido. Ha poucos dias, no entanto, a menina repetiu o prodigio, para sua tia Brasilina Savini, e, certa noite, para o seu pai, desmentindo uma afirmação que seu progenitor fizera. O fato provocou sensação, e, corrido de bôca em bôca, foi engrossando a massa de curiosos, que desde ontem desejava ver a criança, chegando a curiosidade pública a fazer com que a policia fosse chamada a intervir. Isto foi o que fez o dr. Pinto de Toledo, delegado de plantão na Central, o qual, para que a multidão que estacionava em frente á casa da

criança-prodigio, se retirasse dali, teve de empregar um bom número de guardas-civis.

Hoje de manhã ainda a multidão, aos magotes, se postava em frente á casa n. 91 da rua da Graça, e mesmo nas proximidades. Um guarda só-zinho dispersava os ajuntamentos. Estava tudo mais serenado, não havia dúvida. Na porta da casa um letreiro: "A criança não está mais nesta casa". Batemos á porta. Apareceu, então, o sirio Battar.

Contámos-lhe o que desejavamos. A criança não está mais, de fato, na casa onde nasceu. Para escapar ás importunações da multidão curiosa, a sua familia teve de levá-la para outra casa, de fôrma que não conseguimos entrevista-la, para colher impressões sôbre o que pensava da multidão... E Jorge José, que não teve ainda, tambem, a felicidade de ouvir falar a sua filha, deu-nos as informações que reproduzimos acima".

(do "Diario da Noite", de S. Paulo).

Resenha

O «Fausto» de Goethe e suas traduções

Não temos em mira, com este artigo, apresentar um estudo, comentário ou interpretação da obra prima do genio alemão, senão apenas, rememorando a velha lenda germanica, com tanta felicidade trabalhada pelo grande poeta, confrontar algumas das mais belas passagens do original da emocionante tragedia, com certas traduções que se lhe têm dado e através das quais chegaram até nós, mais ou menos ou completamente deturpados, os mais profundos e lindos pensamentos daquele gigante da poesia humana.

Ha quem diga que o «Fausto», escrito em alemão, só o diabo o entende, ou quem com elle tenha parte; e que, si não fôra o concurso de Mefistofeles, talvez o proprio Goethe não entendesse a sua obra.

Como é, então, que a entenderam os seus tradutores? E' o que veremos num rapido exame da mais conhecida e afamada das suas traduções, — a portuguesa, do Visconde de Castilho — já completa e inexoravelmente arrasada pelo notavel critico português Joaquim Vasconcelos.

No Brasil, as obras alemãs, muito poucas, são geralmente conhecidas através de traduções, quasi sempre france-

sas, e tão mal feitas que muitas vezes permanecem, no todo ou em parte, completamente ignoradas em suas linhas fundamentais. Exemplo: não ha advogado que já não tenha lido a celebre obra de Ihering «L'évolution du Droit», hoje traduzida para o portugês, através do francês, sob o titulo «A evolução do Direito». No entanto, Ihering jamais escreveu um livro sobre tal assunto. Aquela sua obra se intitula «Der Zweck im Recht» («A finalidade no Direito»), cousa muito diferente. Aliás, uma atenta leitura da obra deixa ver claramente que o seu conteúdo não se harmoniza com o titulo que lhe deu o tradutor. Imagine-se agora a lástima que não deve ser a tradução do texto, onde o autor desenvolveu o seu pensamento primordial!

Um outro exemplo: o Codigo Civil alemão, esse monumento legislativo em que tanto se inspirou o pujante espirito de Clovis Bevilaqua. As suas traduções, principalmente a mais conhecida entre nós, a de Meulenaere, está crivada de erros, erros substanciais que a miúde lhe alteram profundamente o verdadeiro sentido. Aí vemos «Fahrzeug» (embarcação) traduzido por «navio». «Verschollen» (desaparecido), traduzido por «ausente». «Vontade» em

vez de "consentimento". "Pagamento" em vez de "prestação". E assim por diante, uma série de erros crassos, deturpando a cada passo o pensamento do legislador.

Igualmente infieis são as traduções de Eugenio de Castro "Poesias de Goethe); a tradução do "Messias" de Klopstock, que, não sabemos por que motivo, se intitulou "A Messiada", á semelhança de "Os Lusíadas".

A linda poesia de Goethe "Der Erlkoenig" recebeu na tradução o nome "Rei dos alnos" — "Roi des aures" — "Rei dos choupos", quando na realidade significa "O rei dos silfos" ou "das silfides".

E é assim, por intermedio d'esses "tradittori", que se pretende conhecer aqui o espirito alemão. E assim foi que, durante a grande guerra, traduziram o "Deutschland ueber alles..." — "A Alemanha "em cima de tudo", — quando o anseio patriótico era, e é ainda, o querê-la "acima de tudo".

Mas, de todas as traduções de obras alemãs, a que mais indignação me teria causado, si me não houvesse divertido imensamente, é a tradução, ou antes, a pseudo-tradução apresentada pelo Visconde de Castilho, esse genio português, de quem se diz ser "o mais acabado feiticeiro das rimas e dos ritmos lusitanos". Póde ser! Mas, como tradutor da famosa tragedia, revelou-se o mais acabado "tradittore" que se possa imaginar.

A sua tradução do "Fausto" é um verdadeiro atentado literario, só explicavel pela confissão que êle faz de que não conhecia a lingua alemã. Diz êle, em "advertencia": "Aqui seria superfluo ponderar uma verdade, que á primeira vista pareceria paradoxo, a saber: que, dadas certas circunstancias, pode um poeta de consciencia verter a obra de um outro sem aliás lhe conhecer a lingua".

Essas circunstancias a que se refere Castilho são as seguintes: um seu irmão, José Feliciano, que viveu muito

tempo em Hamburgo, fez varias traduções de "Guilherme Tell" e da "Maria Stuart", de Schiller, e finalmente a do "Fausto". — "Aqui, porém, no "Fausto" — diz Castilho textualmente — houve êle (o irmão) de reconhecer que todo o seu alemão laboriosamente grangeado naquelas versões, não bastava para autor tão abstruso no pensamento, tão fóra do comum no estilo e tão cheio de nós-gordios na linguagem; e que não havia outro remedio senão recorrer a algum valente e zeloso auxiliar. Recorreu, então, a um amigo, ao sr. Eduardo Laemmert, alemão, residente no Rio de Janeiro". "Com esta colaboração, pois, — conclui o Visconde — levou o meu irmão a cabo a sua tradução, em metros variados, do, em mais de um sentido, **terribilissimo e verdadeiramente diabolico**, poema **Fausto**".

Castilho ignorando completamente a maravilhosa obra de Goethe, sempre se refere á mesma em frases retumbantes, que deixam o leitor estonteado e *in albis*: "**Poema terrible e verdadeiramente diabolico**". Não tem nada disso. **Terribilissimo** é o alemão, como qualquer idioma, para quem o não conhece.

"**Cordilheira de poesia rebentada a subitas de profundezas desconhecidas e cheia de trevas e monstros**". E' uma outra definição do "Fausto" com que Castilho procura encobrir a sua ignorancia.

"**Cordilheira de poesia**", sim. Mas "**rebetada a subitas de profundezas desconhecidas**" — nunca!

Goethe levou a sua vida inteira escrevendo, burilando o "Fausto", cujas origens não são "profundezas desconhecidas", a não ser que se ignore, por completo, o movimento literario da Alemanha de então, iniciado por Klopstock e mantido pelo genio altamente crítico de Lessing, pela ciencia universal de Herder, pelo calor entusiasta de Schiller e pela graça infinita de Wieland.

luta e Goethe a pudesse lêr, não reconheceria a sua obra prima.

Si quizessemos apontar todas as passagens mal traduzidas, teríamos de transcrever a tragedia inteira... o que seria uma outra tragedia!

Por conseguinte, limitar-nos-emos a citar duas ou três das mais comicas cincadas do vate português.

Ha no poema uma cena que se passa em Leipzig, na "Adega de Auerbach" (que Castilho traduziu: "Taberna do Retiro de Auerbach") e na qual figuram quatro personagens, **Frosch, Brander, Siebel e Altmeyer**, nomes proprios intraduziveis, e que nem ao menos têm um correspondente em português. Pois, Castilho deu-lhes um: o **Rans**, o **Bota-fogo**, o **Peneiras** e o **Quinteirão** — uns nomes de guerra, lembrando aqueles facinoras do Rio de Janeiro, pessoal da Saúde ou do Morro da Favela: o **Treme-terra**, o **Dente de Ouro**, o **Bate-estacas**, o **Rompe-tudo**. Excusado seria dizer que tudo quanto o Peneiras e o Botafogo fizeram e disseram não tem relação alguma com as palavras e atitudes dos personagens de Goethe.

No "Prologo no Céu", depois que os arcanjos, cada um de per si, e depois em côro, louvam a obra do Creador, descrevendo sublimemente a majestosa marcha do Sól entre as esferas, num harmonioso cantico porfiado, enquanto, no espaço, ora iluminado, ora em trevas, gira vertiginosamente o globo terrestre, e o mar, todo desfeito em branca espuma, no fundo dos rochedos se arremessa, — depois que os arcanjos rendem essa homenagem ás grandes obras do Senhor, maravilhosas e insondaveis como no primeiro dia — Mefistofeles aparece entre as nuvens e, acercando-se de Deus, fala-lhe assim:

Senhor! Já que de novo te aproxima,
[ximas,
E perguntas por tudo lá de baixo,
E, como outrora, sei que inda me
[estimas,

Vê que entre os servos teus ora me
[acho.

Releva que eu te fale sem ornatos,
Embora tu de mim zombar quisesses;
Tu ririas, por certo, com o meu pa-
[thos,

Se o costume de rir ainda tivesses.
De sóes e mundos nada sei de chofre;
Apenas sei que a humanidade sofre.
O deuzinho da terra não se altera,
Maravilhoso aind'ê como êle era.
Vida melhor talvez êle gozasse,
Se o teu sopro divino lhe faltasse;
Chama razão á luz que tu lhe em-
[presta;
E' mais bruto, porém, que as brutas
[bestas,

Consente, Majestade: Esse maroto
Parece o pernilongo gafanhoto;
Saltivolante avança como o grilo,
E na relva já canta o velho trilo.
Inda bem se na relva êle ficasse;
Em tudo que é imundicie enterra a
[face!

Castilho, ao traduzir essa passagem, enliou-se por diversas vezes. Vendo a frase: "So siehst Du mich auch unter dem "Gesinde" (Assim me vês tambem entre estes servos), foi ao dicionario procurar a palavra Gesinde (Servo) e encontrou Gesindel (Canalha, sucia), e, sem perda de tempo traduziu: "E' só por isso que me tornas a ver entre esta sucia".

Mais adiante exclama Mefistofeles: "De sóes e mundos nada sei dizer; vejo apenas o quanto os homens sofrem" — frase essa que Castilho deturpou assim: "Sei cá palavrear de sóes! De mundos! Toda a minha sabença é perder homens!"

Desse modo foi traduzido quasi todo o "Prologo no Céu" (Prolog im Himmel), denominação que Castilho substituiu por esta: "Quadro Primeiro — Cena Unica".

O que era **dedicatoria**, chamou êle "prologo do autor"...O "Prologo no Céu" que vem antes do primeiro quadro da Tragedia, chamou-o êle "Quadro Primeiro — Cena Unica". Nem ao menos a cena é unica, pois, três

são as cenas do Prologo: os arcanjos e Deus; Deus e Mefistofeles; depois, Mefistofeles só.

E' realmente lastimavel que o genio de Castilho não pudesse, pela ignorancia da lingua, compreender o genio de Goethe.

Conhecedor profundo da lingua portuguesa, em que produziu verdadeiras joias, Castilho, se lhe houvessem dado uma tradução exata do "Prologo no Céu", maravilha de imaginação, ternos-ia apresentado uma outra joia, não falsa, mas do mesmo quilate da original, talvez de um brilho diverso, mas da mesma intensidade e quiçá de maior beleza.

No entanto, se quanto ao português e á forma, o trabalho do mestre lusitano merece todos os elogios, no fundo, em confronto com o original do mestre alemão, êle merece a mais aspera censura, porque, ao mesmo passo que deturpou o pensamento da obra, tornou-a verdadeiramente comica.

Citemos um último exemplo, para não ter que citar a obra toda:

Margarida, quando foi á fonte buscar agua, de cantaro ao ombro, encontrou-se af com a sua amiga e vizinha Luizinha, da qual ouviu o boato que se espalhava na aldeia, a respeito das relações amorosas de uma outra amiga, cujo estado começou a tornar-se "interessante" para a vizinhança. A pobre moça, a quem Mefistofeles já tinha posto em relações com o Fausto remoçado, sentia-se vítima da mesma desgraça, agravada a sua situação pelo fato de haver involuntariamente assassinado a propria mãe, a quem, por artes do diabo, propinára um narcotico.

Desesperada, passa a noite em claro, chorando e rezando, e pela madrugada colhe dos **vazinhos de barro** que ornam a janelinha do seu quarto, algumas flores que vai colocar junto á imagem da Virgem Dolorosa, existente em um nicho dos muros da aldeia.

Stabat Mater Dolorosa,
Juxta Crucem lacrimosa
Dum pendebat filius.

Aí debulhada em lagrimas, fez Margarida uma prece fervorosa, confessando o seu pecado e implorando misericordia; e ao depositar as flores que levava apertadas ao peito aflito, exclama entre soluços: "Mãe! Hoje pela madrugada, ao colher estas flores dos vazinhos de barro da minha janela, reguei-os, orvalhei-os com as minhas lágrimas!..."

O modo por que Castilho traduziu essa passagem é o mais comico possível. Margarida diz ter orvalhado os vazinhos de barro da sua janella ("Die Scherben vor meinem Fenster"); sendo que a palavra Schermen traduzida literalmente significa **caco, pedaço de telha**.

Os alemães antigamente davam o nome **cacos** (Scherben) a esses vazinhos ordinarios, semelhantes mesmo a um **caco de telha**.

Não sabendo disso, Castilho ficou intrigado com aqueles **cacos na janela de Margarida**, e imaginando que, por causa do seu crime lhe houvessem quebrado as vidraças, traduziu assim:

Quando hoje abro a janela
e a vejo apedrejada...
Com o choro sufocada
Sem luz no chão caí.

Castilho pensava, por causa daquelles **cacos**, que o choro sufocante de Margarida fosse indignação por ter que pagar o vidraceiro no dia seguinte. No entanto, é evidente que a sua janela não foi apedrejada, não só porque o seu crime não era ainda conhecido, mas tambem porque já naquele tempo não havia moleques na Alemanha...

Os exemplos que acabamos de citar bastam para demonstrar que quem conhece o "Fausto" só pela tradução de Castilho, não faz nem de longe uma idéa do que seja o seu original.

Igualmente imperfeitas são as outras traduções: inglesa, francesa, espanhola, italiana e a brasileira, de Gustavo Barroso (João do Norte).

Todas elas, inclusive a celebre tradução de Gérard de Nerval, em muitos pontos sacrificam completamente o pensamento do autor. Umas, porque são em verso, e as necessidades da rima e do metro imperaram em detrimento da verdade. Outras, porque os seus autores evidentemente não eram senhores da lingua de Goethe.

Com relação á tradução de Gérard de Nerval, o que ha de mais interessante a observar é o seguinte: é voz corrente que essa tradução francesa é tão perfeita que o próprio Goethe lhe tecia os mais vivos elogios. Tais elogios, porém, foram feitos nestas condições, relatadas por Eckermann, nas suas *Conversas com Goethe*: perguntando-lhe Eckermann, que tal achava a tradução de Gérard, respondeu-lhe Goethe: “Depois que li o Gérard não gosto mais de ler o “Fausto” em alemão; essa tradução francesa tem um outro sabor, tudo nela é fresco, novo, espirituoso. (“Im Deutschen, mag ich den Faust nicht mehr lesen; aber in dieser franzoesischer Uebersetzung wirkt alles wieder durchaus frisch, neu, geistreich”).

Goethe era de uma ironia sem limites!

Mas, como se explica que todas as traduções do “Fausto” e em geral das obras alemãs, tenham tão graves senões? Será possível que todos aqueles escritores se abalançassem a tamanha empresa, se não conhecessem suficientemente a lingua alemã? Teriam todos eles a coragem de Castilho e adotariam a sua teoria de que “é questão ociosa a de perquirir se um tradutor sabe ou não a lingua do seu original”?

A explicação que encontramos — postos de lado os casos de confessa ignorancia — é a seguinte: uma grande preguiça dos tradutores, uma preguiça mental, que os inibe de procurar, até encontrar, a verdadeira tra-

dução de um termo, o verdadeiro sentido de uma frase. — Satisfazem-se com a primeira tradução que encontram: têm o dicionario á mão e dentre os muitos significados dados a um termo, escolhem um a olho. E’ o que se dá com certos poetas jovens: naquella sêde de publicar o seu livro, eles têm preguiça de burilar o verso; satisfazem-se com a primeira rima encontrada; têm pena de sacrificar um verso que lhes deu trabalho. E assim é que muitas vezes, homens de valor tiram da circulação, a pêso de ouro, catando aqui e ali, os exemplares de uma produção apressada.

E’ muito comum dizer-se que o alemão é uma lingua tão difficil, que nem tudo que nela se escreve pôde ser traduzido. E’ um engano! A menos que aquilo que se pretenda traduzir, não tenha sentido e forme um simples jogo de palavras sem nexos.

Ninguem, por exemplo, seria capaz de traduzir para o alemão, nem para lingua alguma, a obra (si tal nome merece) do nosso grande jurista Teixeira de Freitas, intitulada “*Cortex Eucharisticum*”, escrita num periodo de palavras sem sentido, que poderiam ser traduzidas uma por uma. Mas traduzir uma obra, não é traduzir as suas palavras, mas, sim, o seu sentido e espirito.

Encontram-se em todas as linguas, palavras que, isoladamente, são intraduziveis (termos técnicos v. g.), mas colocadas no discurso dão-lhe um sentido sempre traduzivel.

Muitas vezes, porém, a causa de não se encontrar a verdadeira tradução de uma palavra, reside na falta de conhecimento da propria lingua materna, principalmente da etimologia e da morfologia. Sem esse conhecimento não podemos crear os neologismos, tão uteis em certos casos.

A tradução de uma peça como “Fausto” é tarefa ingente e difficilissima, que nenhum literato de valor deve dar por terminada antes de submeter

o seu trabalho ao buril consciencioso dos homens competentes na materia. Tem que ser um trabalho de colaboração, para que não induza a enganar, a falsas interpretações e a afirmações como esta de Pierre Laffite, para quem "o Fausto é uma tentativa notavel, mas abortada, de um poema sociologico".

E' uma dessas frases bem sonantes, mas sem o minimo fundo de verdade, revelando, antes, uma falta absoluta de conhecimento da obra criticada. Faz lembrar a já citada frase de Castilho: "O Fausto é uma cordilheira de poesia, povoada de trevas e de monstros, rebentada a subitas de profundezas desconhecidas".

A verdade verdadeira, porém, é esta: o "Fausto" de Goethe, como a "Divina comedia" de Dante, a "Gerusalemme Liberata", de Tasso e os "Lusiadas" de Camões, — é um desses poemas universalmente famosos, mas completamente desconhecidos do comum dos homens.

Todos conhecem os primeiros versos:

Habe nun ach, Philosophie,
Juristerei num Medizin und leider
auch Theologie, mit heissem Bemuehen
studiert...

E basta!

Nel mezzo del cammin di nostra vita,
mi ritrovai per una selva oscura...

.....

Lasciate ogni speranza ó voi che en-
[trate

E é tudo!

As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia lusitana...
etc., etc.

O resto sabe-se que é muito bonito, mas nunca se leu. Eis por que, aqueles que nunca estudaram tais obras e foram da noite para o dia arvorados em seus criticos, empregam daquelas frases cheias de vento e som enganador.

A melhor homenagem á memoria de Goethe, agora que se festeja o seu centenario, seria promover, a Academia de Letras, a tradução fiel da sua obra prima, pondo-a ao alcance de quantos se interessam pela universalização da verdadeira poesia humana.

S. Paulo, 2 de Abril de 1932.

ABRAÃO RIBEIRO.

(do "Diario da Noite", de S. Paulo, de 5-4-1932).

Goethe foi um produto desse meio literario; era constante e assidua a sua correspondencia com Schiller e Eckermann e com as maiores notabilidades literarias da época.

O ideal comum de todos esses espiritos realizou-o Goethe de uma maneira vastissima — como observa Vasconcellos, — pela tendencia do seu genio germanico e do seu espirito enciclopedico, achando para esse fim um pretexto providencial na lenda do “Fausto”.

A’ mingua de expressões sensatas e verdadeiras com que pudesse explicar e qualificar a obra cuja tradução empreendera com o irmão, Castilho diz que “em Portugal corria ha muitos anos uma certa adoração panica (Que será isso?!) do nome de Goethe e o contagioso assombro da tragedia “Fausto”, esta Biblia ou Alcorão, esta como que filosofia mal distinta, esta reforma da religião poetica, apenas enxergada mui por longe entre neblinas”.

E’ crível que em Portugal só de longe e entre neblinas se lobrigasse a poesia de Goethe. Castilho, no entanto, viu-a de perto, envolta, porém, em densa treva; não pelo fato de ser um cégo, mas unicamente porque, na sua opinião (textual) “parecia questão ociosa, esta de se perquirir se um tradutor sabe ou não a lingua do seu original; o que importa e muito — afirma êle, — é si expressou bem na sua, isto é, com vernaculidade, clareza, acerto e com a elegancia possivel, as idéas e os afetos do autor”. E’ incompreensível!...

As idéas e os afetos de um autor, a serem traduzidos com acêrto e clareza, exigem, senão um profundo, pelo menos um regular conhecimento da lingua original; ignorá-la, como Castilho, é que não é possivel!

O resultado dessa ignorancia af temos: a sua tradução está completamente errada, a começar pelo titulo “FAUSTO, poema dramático”, — quando no original está bem claro “Fausto, UMA TRAGEDIA”.

Logo á primeira pagina vem uma dedicatória (*Zueignung*) traduzida por este disparate: “Prologo do Autor”. São quatro admiraveis estrofes, cujo conteúdo ficou tão longe do entendimento do tradutor, que êle (ninguem é capaz de adivinhar porquê) acrescentou entre parentesis estas palavras, em que jámais pensou o poeta alemão: “Está o poeta em seu camarim, passeando e falando comsigo mesmo, antes de compôr o livro”.

Ora, é sabido que aquela dedicatória foi escrita em 1797, quando desde 1775 grande parte da tragedia já estava composta: o encontro com Margarida; a cena do jardim; o principal diálogo entre Fausto e Mefistofeles, etc.

Demais, o poeta não se imagina num camarim monologando; mas com o seu espirito voltado para as lutas e sacrificios da vida passada, revendo mentalmente os amigos que se foram.

A primeira linha da dedicatória, traduziu-a o poeta português erradamente, no modo “imperativo”. “Tornai-me a aparecer entes imaginarios, que me enchieis outrora os olhos visionarios” — quando é certo que o original tem o modo “indicativo”: “De novo me appareis “imagens vacilantes, figuras indecisas” (*schwankende Gestalten*)”, etc. Não “entes imaginarios”, como traduziu Castilho, supondo que o poeta invocava, intimando-as a comparecer, aquelas figuras que seriam as creações do “Fausto”, os personagens da tragedia. Não! Aquellas figuras indecisas, quasi apagadas, que lhe apareceram espontaneamente, são os seus amigos e companheiros de lutas, de cuja convivencia e sob cuja influencia nasceu e se desenvolveu o espirito do poeta, immortalizado na sua obra prima. A esses bons amigos e conselheiros, que tão cedo desapareceram da cena da vida, dedica o poeta o seu trabalho. Por isso êle exclama:

Meu peito, rémoçado, abala e já se
[tinge
Do magico esplendor que o vosso gru-
[po cinge.

Comvosco me trazeis os dias de ale-
[gria,
E vultos que eu amei, de novo me al-
[vorecem;
E como antiga lenda, alada e fugidia,
O amor primeiro surge e amigos re-
[aparecem.

Elas não ouvem mais os cantos que
[hoje canto,
As almas que primeiro o meu can-
[tar ouviram;
Em pó já se desfez a amavel turba,
[entanto,
e os ecos primitivos, oh! já se extin-
[guiram.

Goethe, depois de “relembrar”, co-
movido, todo o seu passado, termina
aquela dedicatória com estas pala-
vras, cuja tradução fidelissima, sem
tirar nem pôr, é esta:

O que eu possúo vejo como ao longe,
E o que desapareceu torna-se-me rea-
[lidade.

Pois, bem, Castilho traduziu assim:

O que foi torna a ser. O que é per-
[de a existencia.
O palpavel é nada. O nada assume
[essencia.

E’ muito bonito! Mas, isto não é
aquilo!

E assim traduziu êle todos os versos
da dedicatória, que lhe pareceu ser
um “prologo do autor”.

O que ha de mais curioso na tra-
dução de Castilho, não são os erros
(aliás muito naturais em quem con-
fessa não conhecer a lingua de que
traduz), — são os enxertos inteira-
mente desnecessarios e contrarios ao
pensamento do autor.

Que traduzisse errado, compreende-
se; que suprimisse um verso, um es-

quecimento explicava-o; mas um
acrescimo, não de uma palavra, mas
de versos inteiros, de grandes perio-
dos que não existem no original, — é
simplesmente revoltante.

Assim, por exemplo, o final do
“Prologo no Céu”, uma das passagens
mais lindas do poema, termina com
uma quadrinha muito singela, em
que Mefistofeles, só, depois que o
ceu se fecha e os arcanjos se vão, diz
ironicamente, referindo-se a Deus:

De quando em quando, ao velho
[apraz-me vê-lo,
E de o saber manter em paz me gabo;
De um tão grande Senhor é nobre e
[belo,
Humanamente assim falar com o diabo.

Ou, [traduzindo “ipsis litteris”:

De tempos a tempos vejo com pra-
[zer esse velho,
E tenho o cuidado de não romper com
[êle;
E’ muito bonito que um grão Senhor,
Fale assim humanamente com o pro-
[prio diabo.

Admire-se agora a tradução do “mais
acabado feiticeiro das rimas lusita-
nas”:

Mefistofeles (só)

E está bem conservado. Não des-
[gosto
de o ver de vez em quando. O meu
[sistema
de não quebrar com êle, inteiramente,
mesmo assim não é máu. Tamanho
vulto, conversar tanto á mão co’um
[diabrete
não é leve honraria.

E si eu lhe ganho a aposta, oh! que
[ufania!

E’ inacreditavel!

A tradução é toda nesse genero; tão
infiel, e ás vezes tão disparatada que,
si alguém a traduzisse novamente para
o alemão, com uma fidelidade abso-

REVISTA NOVA

publicará nos proximos numeros:

ALBERTO RANGEL: "Cruêra" (*cont.*) — ALFREDO ELLIS (JUNIOR): "Populações paulistas" (*cont.*) — AMADEU AMARAL JUNIOR: "Superstições do povo paulista" (*cont.*) — ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO: "Três milagres de Anchieta" — CAIO DE MELO FRANCO: "Ideas de tamanduá" — CARLOS PINTO ALVES: "Goethe e a desordem contemporanea" — EUGENIO DE CASTRO: Estudo, com documentação inédita, sôbre o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro — ERMELINDO A. DE LEÃO: "A luta dos Pires e Camargos" — LEOCADIO PEREIRA: "Romanceiro de Lampeão" — LUIZ DA CAMARA CASCUDO: "Poetica sertaneja" (*ensaio sôbre a poesia popular nordestina*) — MACHADO DE ASSIS: "Desencantos" (*comedia em 2 atos*) — MARIO DE ANDRADE: "Girasol da Madrugada" (*poemas*) — RIBEIRO COUTO: Estudo sôbre a moderna poesia portugueza — RODRIGUES DE CARVALHO: "Lingua Nacional" (*cont.*).

PORTUCALE

REVISTA ILUSTRADA DE CULTURA
LITERARIA, CIENTÍFICA E
ARTISTICA

DIREÇÃO DE AUGUSTO MARTINS,
CLAUDIO BASTO E PEDRO VITORINO

Red. e adm.:

Rua dos Martires da Liberdade n. 178

PORTO — PORTUGAL

REVISTA NOVA

em suas NOTAS não se ocupará
dos livros enviados pessoalmente
aos seus diretores, e pede que
a mencionem no caso de repro-
dução ou referencia a trabalhos
nela publicados.

SPINOLA E FUSCO

E D I T O R E S

CATAGUAZES

(M I N A S G E R A I S)

EXPOSIÇÃO Á VENDA BREVEMENTE

“CONTRA-REVOLUÇÃO”

TRISTÃO DE ATHAYDE

E

“BELAZARTE”

MARIO DE ANDRADE

A ASSINATURA

ANUAL DA

REVISTA NOVA

CUSTA APENAS

RS. 28\$000

